

Do Diretor de
"Contatos Imediatos do Terceiro Grau"
STEVEN SPIELBERG



E.T.

O EXTRATERRESTRE
em sua Aventura na Terra

Um Romance de
WILLIAM KOTZWINKLE
baseado num roteiro de
MELISSA MATHISON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Willian Kotzwinkle

ET o Extraterrestre

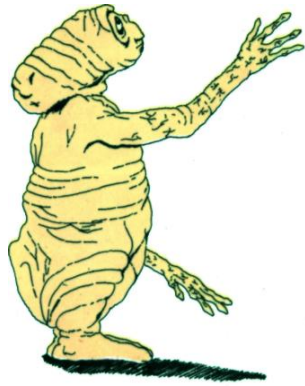
Em Sua Aventura na Terra

Um Romance de
WILLIAM KOTZWINKLE
baseado no roteiro de
MELISSA MATHISON
Tradução de A. B. PINHEIRO DE LEMOS
3ª Edição

UM CONTO DE FADAS DA ERA ESPACIAL...

Que faz você quando está perdido, a milhões de quilômetros de casa, cercado por criaturas assustadoras? Faz a mesma coisa que o velho botânico intergaláctico fez quando foi acidentalmente deixado por sua espaçonave na Terra. Primeiro, encontra um amigo...

O cineasta STEVEN SPIELBERG e o romancista WILLIAM KOTZWINKLE criaram uma história maravilhosa sobre dois amigos inesquecíveis: uma delicada criatura de outro mundo perdida na Terra, um ser cansado, amedrontado e solitário... e um menino de 10 anos que o encontra e o leva para casa.



E.T. O EXTRATERRESTRE

E.T.

Michael estava saindo para jogar futebol quando foi detido pelo irmão.

— Tenho uma coisa para mostrar a você. Mas não se esqueça de que me pertence.

— Está bem, está bem. Mas mostre logo o que tem. É um zorrilho ou algo assim? Está no seu quarto? Mamãe vai matá-lo.

Elliott levou Michael pelo corredor.

— Tire as ombreiras — disse ele, ao entrarem no quarto. — Pode assustá-lo.

— Não enche, Elliott.

Elliott levou-o até o armário.

— Feche os olhos.

— Por quê?

— Feche os olhos sem fazer perguntas, Michael.

O que estava dentro do armário era E.T., o Extraterreno, um botânico intergalático perdido na Terra, de aparência monstruosa, que encontrou na amizade de um menino de 10 anos a sobrevivência e a salvação. É uma história terna, inesquecível, de três crianças: Elliott, de 10 anos, Michael, seu irmão mais velho, e Gertie, a irmã de cinco anos, que fazem amizade com uma estranha criatura espacial, perdida na Terra e vivendo dentro de um armário.

Há também Harvey, o cachorro, que se sente abandonado com a chegada do monstro do espaço, ficando inicialmente hostil e depois se tornando amigo e defensor de E.T. E há Mary, a mãe das três crianças, divorciada, solitária e carente de amor, por quem E.T. se apaixona perdidamente.

A espaçonave flutuava gentilmente, ancorada por um fecho de luz arroxeadada à terra lá embaixo. Se alguém se aproximasse do local de pouso, poderia pensar, por um momento, que um gigantesco enfeite antigo de árvore de Natal caíra do céu noturno, pois a Nave era redonda, reflexiva, com requintados desenhos góticos.

O fulgor suave, a dispersão de algo que parecia poeira de diamante sobre o casco, faria com que se procurasse pelo gancho ornamental em sua ponta, do qual devia pender de uma galáxia distante. Mas não havia ninguém nas proximidades e a Nave ali pousara deliberadamente, a inteligência que a comandava além de qualquer erro de navegação. Contudo, um erro estava prestes a ser cometido ...

A escotilha estava aberta, a tripulação saíra e se espalhara, explorando a terra com instrumentos de formato estranho, como pequenos elfos cuidando de seus jardins nevoentos e enluzados. Quando aqui e ali a névoa se entreabria e a luz suave da Nave incidia sobre eles, ficava evidente que não eram elfos, mas criaturas de mentalidade mais científica, pois estavam colhendo amostras — de flores, musgo, arbustos, árvores pequenas. As cabeças disformes, os braços caídos e os troncos pequenos e roliços

levavam a pensar nos elfos. A ternura que demonstravam pelas plantas podia aumentar essa impressão... se houvesse alguém da Terra nas proximidades para observar. Mas não havia ninguém e os botânicos do espaço estavam livres para trabalhar em paz.

Mesmo assim, eles estremeciam de medo quando um morcego voava, uma coruja piava ou um cachorro latia a distância. A respiração deles se acelerava então e uma camuflagem semelhante a uma névoa os cercava, fluindo das pontas dos dedos compridos das mãos e dos pés. Tornava-se então muito difícil descobri-los. Se um caminhante solitário dali se aproximasse ao luar, poderia passar pela área enevoada sem jamais saber que a tripulação de uma espaçonave antiga ali estava.

A espaçonave era diferente. Ornamentos de enormes árvores de Natal vitorianas não caem na terra com grande freqüência. Sua presença é percebida — pelo radar, pela intuição militar, por outros aparelhos de detecção. E aquele gigantesco enfeite fora detectado. Era grande demais para ser ignorado. Não havia nevoeiro protetor que pudesse ocultá-lo completamente, na terra ou pendendo da árvore da noite. Assim, um contato é iminente. Veículos do governo estão em movimento, técnicos do governo estão ganhando o extra por trabalho noturno, sacolejando por estradas secundárias, se comunicando pelo rádio, aproximando-se do grande ornamento.

Mas a tripulação de botânicos ainda não está perturbada. Sabem que dispõem de tempo. Sabem quanto tempo ainda vai passar, com uma precisão de fração de segundo, antes que os

ruídos desagradáveis dos veículos terráqueos soem em seus ouvidos. Já estiveram ali antes, pois a terra é vasta e há muitas plantas para colher, quando se deseja possuir uma coleção completa.

E continuaram a colher suas amostras, a névoa fluindo em torno de cada um, ao voltarem para a Nave com os produtos do solo da Terra.

Subiam pela escotilha e penetravam na suave claridade do interior do lindo ornamento. Avançavam despreocupados pelos corredores pulsando de maravilhas tecnológicas, até chegarem à maravilha central da Nave: uma gigantesca catedral interior de plantas da Terra. Aquela imensa estufa era o âmago da Nave, seu propósito, sua especialidade. Havia ali flores de lótus de uma laguna indiana, samambaias do coração da África, pequenos arbustos do Tibete, amoreiras encontradas numa estrada rural perdida da América. Havia ali, na verdade, uma amostra de todas as plantas da Terra. Ou quase todas, pois o trabalho ainda não estava concluído.

Tudo vicejava. Se um especialista de um dos maiores jardins botânicos da Terra entrasse naquela estufa, encontraria plantas que nunca vira antes... exceto sob a forma fossilizada, impressas em carvão. Seus olhos certamente ficariam esbugalhados ao descobrir vivas as plantas com que os dinossauros haviam-se banquetado, plantas dos primeiros e incalculáveis jardins da Terra, de milênios atrás. Haveria inevitavelmente de desmaiar e seria revivido com ervas dos Jardins Suspensos da Babilônia.

A umidade gotejava do teto, com nutrientes que alimentavam as incontáveis espécies que embelezavam o centro da Nave, a mais perfeita coleção de vegetação da Terra, tão antiga quanto a própria Terra, tão velha quanto os próprios botânicos, que iam e vinham, as rugas nos cantos dos olhos também parecendo fósseis, gravadas por imensas eras de acumulação.

Um deles entrou agora, trazendo uma erva local, as folhas já caídas. Levou-a para uma pia e colocou-a num líquido que afetou sua disposição imediatamente, as folhas de repente revivendo, as raízes tremulando. Ao mesmo tempo, de uma janela em roseta por cima da pia, saiu uma luz suave, banhando a planta e fazendo com que ficasse empertigada, ao lado da vizinha, uma pequena flor antediluviana.

O botânico extraterrestre contemplou-a por um momento, a fim de verificar se estava tudo bem, depois virou-se e tornou a atravessar a estufa. Passou por baixo de cerejeiras japonesas em flor, flores amazônicas e algumas amostras de raiz-forte comum, que se inclinaram ternamente em sua direção. Ele afagou-as e seguiu adiante, tornando a passar pelo corredor que pulsava e saindo pela escotilha iluminada.

De volta ao ar noturno, seu corpo exalou outra vez uma tênue névoa, que o cercou, enquanto se adiantava para colher novas plantas. Um colega passou por ele, levando uma raiz de pastinaga. Os olhos dos dois não se encontraram, mas outra coisa ocorreu: os peitos luziram simultaneamente, um brilho vermelho interior da região do coração, inundando a pele fina e transparente.

E depois se afastaram, o que estava com a pastinaga e o outro, de mãos vazias, descendo por uma encosta rochosa, a luminosidade do coração outra vez escura. Envolto pela névoa, ele entrou num mato alto, alcançando sua cabeça. Saiu do outro lado, à beira de um bosque de sequóias.

Curiangos cantavam, insetos zumbiam nas sombras, enquanto ele andava. A barriga naturalmente dilatada roçava o chão do bosque, fantasmagoricamente, embora fosse uma disposição perfeitamente conveniente, proporcionando-lhe um centro de gravidade baixo e estável. Não era uma forma que os habitantes da Terra pudessem aceitar prontamente, os pés grandes com membranas saindo quase diretamente da barriga caída, as mãos compridas pendendo nos lados, como um macaco. Por esse motivo, ele e seus companheiros tinham uma timidez de milhões de anos, jamais sentindo a propensão a fazer contato com qualquer outra coisa além da vida vegetal da Terra. Podia ser uma deficiência, mas observavam as coisas há tempo suficiente para saber que sua linda Nave seria para os terráqueos antes de tudo um alvo e que eles próprios seriam encarados basicamente como material para taxidermistas, a serem expostos em campânulas de vidro.

Por isso o extraterrestre se movia cautelosamente, atravessando o bosque em silêncio, os olhos esquadrinhando ao redor, olhos bulbosos, enormes, convexos, como os de um sapo gigante. Ele sabia qual a possibilidade de sobrevivência de um sapo assim numa rua da cidade e não tinha a menor dúvida de que a sua era igual. Quanto a dar sábios conselhos à humanidade, na sede de algum governo internacional... era totalmente impossível, quando se

tinha o nariz como uma couve-de-bruxelas amassada, sendo a aparência geral a de uma enorme opúncia.

Ele continuou andando, silenciosamente, furtivamente, as mãos roçando nas folhas. Que outros visitantes do espaço, de forma mais familiar, se tornassem os mestres da humanidade. Seu único interesse era uma pequena muda de sequóia que o olho protuberante avistara lá na frente, há algum tempo.

Parou ao lado, examinou-a, depois desenterrou-a, murmurando em sua língua espacial cascalhosa palavras de formato estranho. Mas a sequóia pareceu compreender e o choque para o sistema de raiz foi neutralizado, pairando na palma grande e pregueada.

Ele virou-se e uma tênue claridade alcançou seus olhos, uma claridade que o atraía, da pequena comunidade suburbana no vale, além das árvores. Há algum tempo que estava curioso e aquela noite seria a última oportunidade para investigar, pois estava terminando um estágio da expedição. A Nave deixaria a Terra por um período prolongado, até a próxima grande mutação na vegetação do planeta, um período que se poderia assinalar em séculos. Aquela noite seria a última oportunidade de dar uma espiada pelas janelas.

Ele saiu do meio das árvores e abaixou-se à beira de um aceiro, na encosta da colina. O mar de casas iluminadas lá embaixo, com um brilho amarelado, era tentador. Ele atravessou o aceiro, a barriga roçando no mato baixo. Na longa viagem de volta pelo espaço teria alguma coisa a oferecer a seus companheiros: a

história daquela pequena aventura entre as luzes, uma solitária criatura com a aparência de uma opúncia no meio dos humanos. As rugas antigas nos olhos sorriram.

Ele foi descendo pela beira do aceiro, sobre os pés grandes, com membranas, de dedos compridos. A Terra não era um lugar ideal para o seu formato. Fora criado num planeta que tinha sentido para pés assim. De onde viera, as coisas eram mais fluidas, podia-se chapinhar e somente de vez em quando é que se passava por terreno sólido.

As luzes das casas faiscavam lá embaixo. Por um momento, seu coração-luz respondeu, com um clarão avermelhado. Amava a Terra, especialmente a vida vegetal, mas gostava também da humanidade. Como sempre acontecia quando seu coração-luz brilhava, ele sentia vontade de ensinar aos homens, guiá-los, oferecer-lhes as informações acumuladas em milênios.

A sombra se arrastava à sua frente, ao luar, a cabeça como uma berinjela, num talo comprido. As orelhas estavam ocultas nas dobras da cabeça, como os primeiros brotos acanhados de feijão-de-lima. Era verdade, toda a Terra se riria até não poder mais, se ele se apresentasse à sede do governo mundial. Nem todas as informações acumuladas do universo eram suficientes quando as pessoas estavam rindo de sua aparência, que consideravam grotesca.

Ele continuou a descer pelo aceiro ao luar, envolto pela tênue névoa. Recebeu no interior da cabeça o sinal de alerta da Nave, mas sabia que era prematuro, sabia que era para

proporcionar tempo suficiente aos membros mais desajeitados da tripulação. Mas ele ... ele era rápido, sabia como nenhum outro deslocar um pé monstruoso à frente do outro.

Por qualquer padrão de velocidade da Terra, é claro, ele era extremamente lento. Uma criança da Terra poderia se movimentar com uma velocidade três vezes maior. Uma criança chegara quase a atropelá-lo com uma bicicleta, numa noite terrível. Fora por pouco, muito pouco.

Mas nada aconteceria naquela noite. Ele teria um cuidado extra naquela noite.

Parou, escutou. O sinal de alerta da Nave tornou a soar, atingindo seu coração-luz — o código de alarme. Era um chamado a todos os membros da tripulação, a segunda mensagem preliminar. Mas haveria tempo suficiente para voltar. Ele foi balançando para a esquerda e para a direita, roçando nas folhas, nos arredores da pequena cidade. Era velho, mas se deslocava bem, era mais rápido que a maioria dos botânicos de dez milhões de anos, os pés como os de patos.

Os olhos grandes reviraram, esquadrinhando a cidade, o céu, as árvores e o chão diretamente à sua frente. Ninguém se mexia em qualquer direção, a não ser ele próprio, aproximando-se para dar uma rápida olhada nos terráqueos e despedir-se, antes de partir em sua amada Nave, para muito longe.

O olho fixou-se abruptamente à frente, pelo aceiro, onde apareceu um fecho de luz em movimento, seguido por outro, luzes

gêmeas, correndo em sua direção, saídas do nada! Simultaneamente, o alarme-coração entrou no estágio do pânico: toda a tripulação deve voltar imediatamente, perigo, perigo, perigo.

Ele cambaleou para trás, depois para o lado, desorientado com a luz que avançava, muito mais veloz que uma bicicleta, muito mais ruidosa, muito mais agressiva. A luz era agora ofuscante, a luz terrível da Terra, fria e intensa. Ele tornou a cambalear e caiu para fora do aceiro. A luz passou entre ele e a Nave, isolando-o do bosque de sequóias e da clareira além, onde o Grande Ornamento pairava, esperando.

Perigo, perigo, perigo ...

O coração-luz piscava freneticamente. Estendeu a mão para a pequena muda de sequóia que caíra no aceiro, as raízes gritando-lhe por socorro.

Os dedos compridos foram avançando, mas logo recuaram bruscamente, quando a luz ofuscante chegou mais perto, assim como o rugido dos motores. Rolou pelas moitas, cobrindo freneticamente o coração-luz com um galho solto. Os olhos grandes se dilataram ainda mais, absorvendo os detalhes em todos os lados. Nenhum era mais horrível que a visão da pequena muda de sequóia sendo esmigalhada pelos veículos, as folhas novas amassadas, a sensibilidade ainda lhe gritando: perigo, perigo, perigo.

Luz e mais luz seguiram pelo aceiro, que parecia estar sempre vazio, mas agora ressoava com o estrondo dos veículos, vozes humanas gritando, furiosas, ansiosas pela captura.

Ele foi avançando pelos arbustos, o coração-luz ainda oculto pela mão, enquanto a luz fria o procurava, varrendo as moitas. Toda a sabedoria estelar de sete galáxias não podia ajudá-lo a se deslocar mais depressa naquele elemento estranho. Os pés de pato eram absurdamente inúteis ali. Ele podia sentir a rapidez dos pés humanos em seu próprio terreno, avançando ao seu redor. Compreendeu que fora um tolo ao tentá-los.

Os sons eram fortes e os fochos de luz fria percorriam os arbustos, incessantemente. As línguas estranhas urravam, um deles estava na pista, com muito retinido na cintura. A luz ofuscante, o velho botânico viu o cinto do homem, com alguma coisa pendendo dele, como uma coleção de dentes, pontiagudos e irregulares, troféus possivelmente, arrancados da boca de alguma outra infeliz criatura do espaço e colocados numa argola.

Tempo, tempo, tempo, chamava a Nave, reunindo seus membros desgarrados.

Ele avançou sob as luzes em movimento, até a beira do aceiro.

Os veículos estavam espalhados, assim como os motoristas. Acionando a névoa protetora, ele deslizou pelo aceiro, ao luar, misturando-se com os vapores fétidos dos canos de descarga, a nuvem perniciosa momentaneamente acrescentando-se à sua camuflagem. Logo estava no outro lado do aceiro, deslocando-se por uma ravina rasa.

Igualmente tão depressa as luzes frias viraram, como percebendo por onde ele havia atravessado. Ele encolheu-se contra a terra e rocha, enquanto os terráqueos pulavam pela ravina. Os olhos orbitando acompanharam o que passava por cima. Avistou o horrível aro de dentes retinindo, sorrindo macabramente, no momento em que o dono pulava por cima dele.

Encolheu-se ainda mais, a neblina ao seu redor não muito diferente de outros acúmulos de névoa que se encontra em ravinas, à noite, nos lugares em que a umidade adere. Isso mesmo, terráqueos, sou apenas uma nuvem, uma de suas próprias nuvens, não sondem com as suas luzes, pois há um pescoço grande e comprido dentro, dois pés com membranas, dedos compridos e esguios. Tenho certeza que vocês não compreenderiam que estou em seu planeta para salvar sua vegetação, antes que seja completamente aniquilada.

Os outros também pularam por cima dele, as vozes tenebrosas muito excitadas, bem armados, desfrutando a caçada.

Ele subiu depois que o último passara e entrou no bosque por trás deles. Sua única vantagem era o conhecimento daquele terreno tão amado, em que passara tanto tempo colhendo amostras vegetais. Os olhos giraram rapidamente, localizando a trilha, uma pequena depressão na massa de galhos que povoavam a escuridão, uma trilha que ele e seus companheiros haviam feito, ao levarem as amostras para a Nave.

A luz desagradável varava a escuridão, brilhando em ângulos diferentes. Os terráqueos estavam confusos agora,

enquanto ele seguia diretamente para a Nave.

O coração-luz passou a brilhar mais intensamente, fortalecido pelo campo de energia de seu grupo, à medida que se aproximava, todos os demais corações chamando-o, assim como a centena de milhões de anos de vida vegetal a bordo, clamando *perigo, perigo, perigo*.

Ele continuou a correr entre as luzes, pela trilha no bosque, os dedos compridos como raízes captando cada impressão com uma sensibilidade extrema. Conhecia cada emaranhado de folhas, cada teia de aranha. Podia sentir suas mensagens, apressando-o pelo bosque, dizendo por *aqui, por aqui...*

Foi seguindo, os dedos das mãos roçando pela terra, raízes compridas se arrastando, meneando, recebendo sinais do bosque, enquanto o coração-luz brilhava, ansioso em se fundir com os corações na clareira, onde a grande Nave aguardava.

Estava agora à frente da luz fria, cujos fachos se misturavam nos galhos que lhe tinham dado passagem, mas que a negavam aos perseguidores. Os galhos se deslocavam, se entrançavam, barrando a passagem deles; uma raiz aflorando se levantava um pouco, derrubando o homem com a argola cheia de dentes, enquanto outra raiz prendia o pé de seu subordinado, que caiu de cara no chão, praguejando na língua do planeta. E durante todo o tempo as plantas gritavam corra, corra, corra...

O extraterrestre correu, através do bosque, a caminho da clareira.

O Grande Ornamento, Jóia da Galáxia, aguardava-o. Ele avançou em sua direção, ao encontro de sua luz serena e bela, a luz de 10 milhões de luzes. Seus poderes maravilhosos estavam agora convergindo, emitindo ondas de radiação, que se refletiam ao redor. Ele avançava pela relva, tentando se tornar visível à Nave, a fim de pôr o coração-luz em contato. Mas os dedos compridos do pé ficaram presos em algumas ervas daninhas, que não queriam soltá-lo.

Fique, diziam elas, fique conosco.

Ele se despreendeu e tornou a avançar, alcançando os limites da aura de luz da Nave, à beira da relva. O ornamento radiante brilhava pela relva, projetando seu glorioso arco-íris. Ele avistou a escotilha, ainda aberta, um tripulante parado ali, do lado de dentro, o coração-luz faiscando, chamando-o, procurando-o desesperadamente.

Estou chegando, estou chegando...

Ele foi-se arrastando pela relva, mas a barriga pendente, projetada por outros graus de gravidade, retardava-o. Uma súbita decisão coletiva alcançou-o, um sentimento que se espalhou por seus próprios ossos.

A escotilha foi fechada, as pétalas se dobrando para dentro.

A Nave se elevou no instante em que ele emergia da relva, acenando com a mão de dedos compridos. Mas a Nave não podia vê-lo agora, pois estava acionando todo o empuxo de sua enorme

força, a luz ofuscante apagando todos os detalhes da paisagem. Pairou por um instante e depois partiu, girando por cima das copas das árvores, o lindo ornamento retornando aos confins da noite.

A criatura ficou parada na relva, o coração-luz brilhando de medo.

Estava sozinho, a três milhões de anos-luz de casa.

Mary estava sentada no quarto, os pés levantados, meio lendo um jornal, meio escutando as vozes dos dois filhos e seus amigos, brincando de Masmorra & Dragões na cozinha lá embaixo.

— Então você chega à beira da floresta, mas faz um erro burro demais e por isso estou chamando os Monstros Errantes.

Monstros Errantes, pensou Mary, virando a página do jornal. E que tal mães sofredoras? Divorciadas, com pensões ínfimas. Vivendo numa casa com crianças que falam uma estranha língua.

— Posso tirar os Monstros Errantes se me aliar a um duende?

— O duende era um mercenário de ladrões. Por isso é melhor você só ter de lidar com Monstros Errantes.

Mary suspirou, dobrando o jornal. Duendes, mercenários, ogros, havia de tudo em sua cozinha, noite após noite, além dos escombros de uma cidade em ruína de garrafas de Crush, sacos de batata frita, livros, papéis, calculadoras e coisas horríveis pregadas

em seu quadro de avisos. Se alguém soubesse de antemão o que era criar filhos, certamente jamais o faria.

O grupo lá embaixo começou a cantar:

Ela estava com 12 quando ele arrancou o tampo. Quinze vermelhas e uma garrafa de vinho...

Uma linda canção, pensou Mary, rangendo os dentes ao pensar em um de seus filhos tomando um punhado de vermelhas ou de qualquer outra coisa, LSD, DMT, XYZ. Quem podia saber o que eles eram capazes de trazer para casa? Talvez um ogro?

— Steve é o Mestre da Masmorra. Ele tem Poder Absoluto. Poder absoluto. Mary esticou os pés doloridos, meneando os dedos. Como chefe da casa, ela é que deveria ter Poder Absoluto. Mas não conseguia sequer fazê-los enxugar um prato.

Eu me sinto como um ogro.

Mary tinha apenas uma vaga noção de como era a criatura, mas parecia ser mais ou menos como se sentia. Horrível.

As vozes subterrâneas continuaram a soar, diretamente abaixo do quarto.

— O que são esses Monstros Errantes?

— Humanos — respondeu o Mestre da Masmorra.

— Ha... o pior de tudo. Escutem as qualidades deles: Megalomania. Paranóia. Cleptomania. Estizóide.

Isso é *esquizóide*, disse Mary ao papel de parede. Como estou começando a me sentir. Criei meus filhos para serem Mestres da Masmorra? É para isso que trabalho oito horas por dia?

Talvez não fosse tão ruim assim, se minha própria vida fosse tão... tão espontânea quando a deles. Com visitas de surpresa de meus admiradores.

Ela repassou a lista de seus admiradores, mas teve de admitir que havia também neles algo de horrível.

— Pois muito bem, eu saio correndo na frente dos humanos e disparo minhas pequenas flechas contra eles, para fazer com que me persigam. Minhas flechas certeiras...

Meu filho mais moço, pensou Mary, escutando a voz fina e esganiçada de Elliott. Meu bebê. Disparando flechas certeiras. Pois Mary tinha a sensação de que levava uma flechada, bem na tireóide ou qualquer que fosse a coisa que escoasse sua energia para as profundezas. Ela estava mesmo precisando de alguma coisa para animá-la. E desesperadamente...

— Vou correndo pela estrada. Eles estão atrás de mim. Quando estão quase me alcançando, furiosos de verdade, eu abro meu buraco portátil...

Buraco portátil?

Mary inclinou-se pela beira da cama para ouvir melhor aquela. Parecia um tanto obsceno.

— Entro nele e puxo a tampa. Pronto. Desapareci em pleno ar. Ah, se eu tivesse algo assim, pensou ela. Para entrar por volta das quatro e meia, todos os dias.

— Você só pode ficar num buraco portátil por dez milivolts, Elliott.

Só preciso para dez minutos no escritório. E talvez um pouco depois, no tráfego engarrafado.

Ela tirou os pés da cama, com a firme determinação de enfrentar a noite sem quaisquer sintomas de ansiedade.

Mas onde estava o romance?

Onde estava a excitante presença masculina em sua vida?

Ele estava andando pelo aceiro. Havia silêncio agora, os caçadores já haviam ido embora. Mas ele não poderia resistir por muito tempo naquela atmosfera. A gravidade da Terra haveria de minar-lhe a resistência, retorcendo a espinha. Os músculos acabariam cedendo e seria encontrado em alguma vala, sem mais definição que uma abóbora estufada. Era um triste fim para um botânico intergalático.

O caminho descia e ele continuou a segui-lo, na direção da comunidade suburbana lá embaixo. Praguejou contra aquelas luzes, que o haviam atraído fatalmente antes e continuavam a atraí-lo agora. Por que estava descendo na direção delas? Por que os

dedos dos pés comichavam e o coração-luz palpitava? Que ajuda poderia encontrar ali, numa comunidade alienígena?

O aceiro terminava em moitas e arbustos baixos. Ele atravessou furtivamente a área, mantendo a cabeça abaixada, uma das mãos sobre o coração-luz. Palpitava entusiasmado e ele censurou-o também, dizendo em sua própria língua:

— Luz, você pertence à traseira de uma bicicleta.

As casas bizarras da Terra estavam diretamente à sua frente, presas ao solo pela gravidade, ao contrário dos maravilhosos terraços flutuantes de...

Era muito ruim pensar em sua casa. Tais recordações eram uma tortura.

A luz das casas foi-se tornando maior, ainda mais compulsiva. Ele cambaleou pelas moitas e desceu por uma escarpa arenosa, os dedos compridos deixando ali estranhas trilhas, seguindo um caminho sinuoso que levava às casas.

Diretamente à sua frente havia uma cerca que teria de subir. Mas os dedos compridos que tinha, nos pés e nas mãos, eram ótimos para pegar nas coisas e transpor obstáculos.

Ele subiu como uma trepadeira para o alto da cerca, mas caiu pelo outro lado, a barriga virada para cima, os pés se agitando. E bateu no chão, com os membros se espalhando em todas as direções, um gemido de dor nos lábios. Rolou como uma abóbora pelo gramado.

O que estou fazendo aqui? Devo estar doido...

Conseguiu parar e ficou imóvel no solo estranho. A casa da Terra estava terrivelmente próxima, as luzes e sombras dançando diante de seus olhos apavorados. Por que o seu coração-luz o levara até ali? As casas da Terra eram grotescas, horríveis.

Mas alguma coisa no quintal estava lhe enviando sinais amenos.

Ele virou-se e viu a horta.

As folhas e talos moviam-se em padrões suaves de cordialidade; soluçando, ele se arrastou para a horta e abraçou uma alcachofra.

Escondendo-se na horta, ele se aconselhou com as plantas. O conselho delas, de dar uma olhada pela janela da cozinha, não foi bem recebido.

Estou metido nesta situação terrível, ele comunicou à planta, por causa do desejo de espiar por janelas. Não posso repetir tal loucura.

A alcachofra insistiu, grunhindo suavemente. O extraterrestre arrastou-se obedientemente, os olhos girando incessantemente, em círculos apreensivos.

O quadrado de luz da cozinha se projetava para fora, parecendo tão sinistro quanto um buraco negro no espaço. Uma vertigem invadiu-o, ao se aproximar daquele vórtice aterrador nos

confins do universo. Os olhos se fixaram num cata-vento, com um camundongo e um pato equilibrados nele. O pato estava de fora, segurando um guarda-chuva.

A uma mesa no meio da cozinha estavam sentados cinco terráqueos, empenhados num ritual. As criaturas gritavam e deslocavam ídolos pela mesa. Pedacos de papel eram sacudidos, contendo certamente segredos terríveis, pois cada terráqueo mantinha oculto dos outros o que ali estava escrito.

Depois, um cubo poderoso foi sacudido e jogado e todos ficaram observando atentamente. Tornaram a gritar, consultaram seus papéis secretos, deslocaram os ídolos, enquanto as línguas estranhas soavam pelo ar noturno.

— Espero que você sufoque em seu buraco portátil.

— Escutem só isto! Demência. Insanidade alucinatória...

— Ei, leia mais um pouco!

— Essa forma de doença faz com que as pessoas vejam, ouçam e sintam por outras formas coisas que não existem.

Ele se abaixou, deixando a janela e voltando à escuridão. O planeta era estranho demais.

Poderia algum dia aprender o ritual, jogar o cubo também e ser aceito?

Vibrações de monstruosa complexidade flutuavam em sua direção, vindas do interior da casa, códigos estranhos, sinais transmitidos de um lado para outro. Ele tinha dez milhões de anos e já estivera em muitos lugares, mas nunca encontrara qualquer coisa tão complicada.

Atordoado, ele se afastou, precisando descansar o cérebro no meio da horta. Já espiara por janelas da Terra antes, mas não de tão perto, não partilhando tão intimamente os bizarros padrões de pensamento das pessoas.

Mas são apenas crianças, disse um pepino próximo.

O velho botânico deixou escapar uma lamúria. Se o que acabara de ouvir eram as ondas de pensamentos de crianças, como seriam os dos adultos? Que complexidades impenetráveis o aguardavam ali?

Ele arriou ao lado de um repolho e abaixou a cabeça. Estava tudo acabado. Que eles o encontrassem pela manhã, levassem-no embora e o sufocassem.

Mary tomou um banho de chuveiro, tentando reanimar-se. Depois, enrolando uma toalha na cabeça, pisou no capacho, que Harvey, o cachorro, andara mastigando.

Os fragmentos entravam entre os dedos dos pés, enquanto se enxugava e punha o quimono de imitação de seda. Virou-se para o espelho.

Que nova ruga, que pequena flacidez, que horrível erosão iria encontrar naquela noite, a fim de completar sua depressão?

As avarias pareciam mínimas. Mas nunca se sabia, não se podia prever as atrocidades infantis que poderiam atingir a casa a qualquer momento — brigas, tóxicos, música insuportavelmente alta para acelerar a sua decadência física e moral. Ela aplicou um pouco de um creme umidificador absurdamente caro e rezou por paz e sossego. Foi rompido imediatamente por Harvey, o cachorro, latindo desesperadamente, de seu posto de exílio na varanda dos fundos.

— Harvey! — Ela gritou pela janela do banheiro. — Cale-se! O animal era absurdamente desconfiado de coisas que passavam

pelo escuro. Fazia com que ela sentisse que a área fervilhava de maníacos sexuais. Se Harvey latisse apenas para maníacos sexuais, pelo menos seria útil.

Mas ele latia para a Pizza Wagon, aviões, até mesmo satélites. Mary tinha a impressão de que ele sofria de Insanidade Alucinatória.

Para não falar em comer capachos de banheiro. Ela tornou a abrir a janela do banheiro.

— Harvey! Pelo amor de Deus, fique quieto!

Ela bateu a janela com força e saiu do banheiro. O que estava à sua frente no corredor não era agradável, mas era algo que não podia deixar de enfrentar.

Abriu a porta do quarto de Elliott.

Estava abarrotado de objetos de toda espécie de inutilidade, ao ponto de decomposição. Um quarto típico de menino. Ela gostaria de metê-lo num buraco portátil.

Começou a trabalhar.

Organizando, descartando, arrumando: pendurou as espaçonaves do teto, empurrou a bola de basquete para o armário. Não teve idéia do que fazer com a placa de rua roubada. Ela desconfiava que a falta de um pai afetava bastante o comportamento de Elliott, sua tendência para se encontrar com Monstros Errantes em todos os momentos livres. Levando-se tudo em consideração, ele nem mesmo era simpático.

Mas talvez fosse apenas um estágio.

— Elliott!

Claro que não houve resposta.

— *Elliott!*

O grito saiu estridente, aumentando assim a sua pressão e aprofundando as rugas nos cantos da boca.

Os passos de Elliott soaram estrondosamente pela escada e depois avançaram pelo corredor. Ele apareceu na porta, com todo o seu 1,20 m de altura, adorável sob alguns aspectos, nenhum deles

visível no momento, enquanto observava desconfiado o que a mãe fizera com a sua coleção de refugos.

— Elliott, está vendo como o quarto parece neste momento?

— Estou, sim, mãe. Não vou mais conseguir encontrar coisa nenhuma.

— Não quero pratos sujos, roupas espalhadas por toda parte. Sua cama deve estar sempre feita, a escrivaninha arrumada...

— Está bem, está bem.

— É assim que o quarto de uma pessoa madura deve ficar durante todo o tempo.

— Por quê?

— Para a gente não ficar com a impressão de que estamos vivendo numa lata de lixo. Está certo?

— Está.

— Aquilo é uma carta de seu pai? — Mary apontou para a mesa, mostrando a letra que tão bem conhecia, de todos os vales em que aparecera. — O que ele diz?

— Nada.

— Hum... — Ela tentou mudar de assunto. — Você não quer pintar seu quarto? Está ficando descascado.

— Claro que quero.

— De que cor?

— Preto.

— Ótimo. Uma cor muito saudável.

— Gosto do preto. É a minha cor predileta.

— Está apertando os olhos outra vez. Não tem usado os óculos?

— Claro que tenho usado.

— *Mary!* — gritou o Mestre da Masmorra lá de baixo. — *Sua música está tocando!*

Ela inclinou a cabeça pela porta.

— Tem certeza?

— É mesmo a sua música, mamãe — disse Elliott. — Vamos descer.

Ela podia ouvir debilmente os acordes dos Persuasions vindos da cozinha. Foi acompanhando o ritmo, enquanto descia a escada, com Elliott à sua frente.

— Seu pai falou alguma coisa sobre uma visita de vocês a ele?

— No Dia de Ação de Graças.

— No Dia de Ação de Graças? Mas ele sabe que esse dia é meu! Mas quando ele fora coerente? A não ser nas linhas ao fundo de vales e promissórias, onde gastara numerosas canetas esferográficas. Comprando peças para sua motocicleta.

Ela pensou nele, correndo para algum lugar, ao luar, os olhos empapuçados. Não pôde controlar um suspiro. Ora...

Faria o jantar do Dia de Ação de Graças na lanchonete automática. Ou no restaurante chinês, comendo peru recheado com glutamato.

Elliott afastou-se dela e Harvey recomeçou a latir, para um carro que se aproximava.

O extraterrestre mergulhou entre as fileiras de legumes e ali se encolheu, ajeitando algumas folhas sobre o corpo protuberante.

Não há nada a temer, disse um tomateiro. É apenas a Pizza Wagon.

Sem saber o que podia ser uma Pizza Wagon, o extraterrestre permaneceu sob as folhas.

O carro *de pizza* parou diante da casa. Uma porta se abriu e ele viu um terráqueo emergir.

Aquele é Elliott, disse o pé de feijão. Ele vive aqui.

O extraterrestre espiou por cima das folhas. O terráqueo era apenas um pouco mais alto que ele. Mas as pernas do terráqueo

eram grotescamente compridas e a barriga não pendia para o chão, à maneira elegante de certas formas de vida superiores... mas também não era uma visão tão assustadora.

O menino desceu pelo caminho e desapareceu.

Ele está dando a volta pela casa, explicou o tomateiro. Poderá vê-lo direito quando voltar.

Mas o cachorro...

O cachorro está preso, explicou o tomateiro. Ele comeu as galochas de Mary.

O extraterrestre deixou a horta e começou a contornar a casa. Mas as luzes da Pizza Wagon varreram subitamente o quintal ao entrar no caminho de carro e ele entrou em pânico. Correu para a cerca e começou a escalá-la. Um dos dedos compridos do pé acidentalmente comprimiu o trinco do portão e ele se descobriu balançando de volta ao quintal.

O terráqueo estava perto, olhando em sua direção.

Ele cobriu rapidamente o coração-luz, pulou do portão e correu para o barracão de ferramentas, onde ficou agachado, envolto pela neblina da camuflagem.

Ele próprio se acusara. Mas havia ferramentas ali dentro, um forçado com que poderia se defender. Sob muitos aspectos, as ferramentas pareciam com as da Nave, pois cuidar de plantas é uma atividade igual em qualquer parte. Os dedos- compridos

pegaram o cabo do forçado e ele se preparou para enfrentar o atacante. Um

botânico intergalático acuado não é alguém com quem se possa brincar.

Não se espete no pé, disse uma pequena hera num vaso.

Ele se preparou para o que desse e viesse. Lá de fora, veio a onda mental de uma laranjeira próxima, no momento em que uma das frutas era arrancada pela criança da Terra.

Um momento depois, a fruta foi arremessada para o barracão e acertou-o no peito.

O botânico cambaleou para trás, caindo sobre o traseiro esponjoso, a laranja resvalando para o chão.

Era humilhante demais, um botânico de seu valor ser alvejado :com uma laranja madura.

Furioso, ele pegou a laranja, esticou um dos braços compridos e rigorosos, arremessou a laranja de volta para a noite.

O terráqueo gritou e saiu correndo.

— Socorro, mamãe! Socorro!

Mary sentiu que um calafrio lhe percorria o corpo. Que aceleração do processo de envelhecimento estava prestes a sofrer?

— Há alguma coisa lá fora! — gritou Elliott, entrando às carreiras na cozinha.

Ele virou-se bruscamente, bateu a porta e trancou-a. Mary sentiu uma extrema fraqueza nas pernas, olhou para o jogo de Masmorra & Dragões, desejou desesperadamente que houvesse um buraco portátil grande o bastante para todos. O que deveria fazer agora? Não houvera qualquer menção a respeito no processo de divórcio.

— No barracão de ferramentas! — balbuciou Elliott. — Jogou uma laranja em cima de mim!

— Ei, parece muito perigoso! — disse Tyler, o Mestre da Masmorra, zombeteiro.

Os meninos se levantaram e seguiram para a porta, mas Mary postou-se diante deles.

— Parem! Todos vocês vão ficar aqui mesmo!

— Por quê?

— Porque eu estou mandando.

Ela se empertigou, empinou a cabeça bravamente e pegou a lanterna. Se havia mesmo um maníaco sexual lá fora, ela sairia e, como uma mãe perdiz, se ofereceria em sacrifício. Só esperava que o maníaco sexual fosse pelo menos simpático.

— Fique aqui, mamãe — disse Michael, o filho mais velho.
— Nós vamos ver o que é.

— Não comece a bancar o condescendente comigo, rapazinho. Ao lado dela, outro bravo da turma da Masmorra, o jovem Greg,

empunhava um facão de cozinha.

— Largue isso! — ordenou Mary, lançando-lhe o seu olhar aterrador de Poder Absoluto.

Os garotos passaram por ela, abriram a porta e saíram correndo para o quintal. Mary foi atrás, junto com Elliott.

— O que exatamente você viu?

— Lá dentro.

Ele apontou para o barracão de ferramentas. Mary focalizou a lanterna no interior, iluminando vasos, fertilizantes, pás e enxadas.

— Não há nada lá dentro.

A voz de Michael soou nesse momento, do outro lado do gramado:

— O portão está aberto!

— Olhem só as pegadas! — gritou o Mestre da Masmorra, correndo para o portão.

A linguagem confusa e rude dos terráqueos nada significava para ele. Mas o velho viajante podia agora divisar suas formas claramente, de seu esconderijo na ribanceira arenosa. Havia cinco crianças da Terra e...

O que era aquela exótica criatura com as crianças?

O coração-luz começou a brilhar e ele tratou de cobri-lo.

Ela não tinha um nariz achatado como uma couve-de-bruxelas nem os contornos de um saco de batatas, mas...

Ele chegou um pouco mais perto.

— Muito bem, a festa acabou. Vamos voltar para casa. Greg, dê-me esse facão.

As sílabas ruidosas da linguagem dela não faziam o menor sentido, mas ele compreendeu que se tratava da mãe daquelas crianças. Onde estava o pai, alto e forte? Ela expulsou-o de casa há alguns anos, explicou um pé de feijão.

— Aqui está a *pizza* — disse Greg, pegando. — Elliott pisou nela.

— *Pizza?* Quem disse que vocês podiam pedir uma *pizza*?

Mary passou sob a luz da varanda e o extraterrestre contemplou-a de seu esconderijo, deixando de lado temporariamente os pensamentos de fuga.

Ah, seu tolo coração-luz!, disse ele ao órgão tão peculiar, que estava agora palpitando. Você pertence a... a uma Pizza Wagon.

Mary levou-os de volta para a casa, convencida de que o pior já passara. Elliott estivera fantasiando outra vez. mais nada, apenas proporcionara mais algumas rugas à mãe. Não justificava acrescentar pequenas doses de Valium roído à comida dele todas as noites. Era apenas um estágio por que ele estava passando.

— Juro que tinha alguma coisa lá, mamãe. Tyler escarneceu:

— Devia ser uma ducha de lavagem, Elliott.

— Não há ducha de lavagem na minha casa — protestou Mary. Aqueles meninos sabiam demais. Estavam à frente dela a cada

passo. Tudo o que podia esperar era a possibilidade de um empate, mas sentia que nem isso poderia jamais alcançar.

— Muito bem, todo mundo vai agora para sua casa.

— Não comemos *a pizza*.

— Mas ela foi pisada! — disse Mary, querendo desesperadamente recuperar o seu sossego.

Mas é claro que os meninos ignoraram-na e se puseram a comer a *pizza*. Ela seguiu para a escada, sentindo que também fora

pisoteada. Iria deitar, poria tampões com ervas nos olhos e ficaria contando iguanas. No alto da escada, virou-se e gritou:

— Quero que todo mundo vá para sua casa quando a *pizza* acabar!

Grunhidos vigorosos responderam da Masmorra.

Devia ser maravilhoso quando as crianças iam trabalhar em minas de carvão aos nove anos de idade. Mas, lamentavelmente, esses dias haviam acabado para sempre.

Ela cambaleou para seu quarto e desabou na cama, exausta.

Apenas mais uma noite típica na vida da alegre divorciada.

Calafrios, choques, Monstros Errantes.

Ela aplicou os tampões nos olhos e ficou olhando sem ver para o teto.

Alguma coisa parecia estar retribuindo o olhar.

Mas era apenas a sua imaginação superexcitada. Não restava a menor dúvida.

E se esse maldito cachorro não parar de latir, vou deixá-lo à beira da estrada, bem longe daqui, com um bilhete na boca.

Ela respirou fundo e começou a contar seus lagartos, todos se arrastando em sua direção, de maneira amigável.

O jogo de Masmorra & Dragões transferiu-se furtivamente para o quarto de brinquedos. Só Elliott é que não estava jogando. Ele foi para

o seu quarto, mal-humorado. Adormeceu, perturbado por sonhos estranhos, padrões de imensa perspectiva, as linhas se formando em portais, um depois de outro, levando ao...

.. .espaço. Ele passava correndo, mas sempre havia mais portais à sua frente.

Não era o único que estava tenso. Harvey, o cachorro, roeu a coleira e deixou o exílio no quintal dos fundos. Subiu silenciosamente para o quarto de Elliott e entrou. Contemplou o vulto adormecido de Elliott, depois olhou para os sapatos de Elliott. Mas roê-los só serviria para provocar uma reação violenta. Mas Harvey estava nervoso, inquieto, precisava de distração. Não gostara muito dos latidos para a lua naquela noite. Algo estranho entrara no quintal e o pêlo de Harvey ficara eriçado, pequenos ganidos escapando pelo focinho, até que se controlara e passara a latir, da maneira esperada. O que estivera lá fora? Ele não sabia.

Harvey iniciou uma lavagem meio desalentada das partes traseiras, a língua deslizando, os dentes acossando algumas pulgas. E, de repente, ele tornou a ouvir o som.

Elliott também ouviu, estava sentado na cama.

Harvey rosnuu, o pêlo se eriçando, os olhos disparando ao redor, apreensivos. Precisava morder alguém, mas contentou-se em

acompanhar Elliott, amedrontado, saindo pela porta do quarto, descendo os degraus e deixando a casa.

O veterano botânico espacial adormecera junto à ribanceira, mas tornara a se levantar e se aproximar da casa.

Todas as janelas estavam às escuras. Encontrou a maçaneta do portão, apertou da maneira correta e entrou, como um terráqueo poderia fazer. Mas a silhueta atarracada no gramado iluminado pelo luar revelava que estava longe de ser uma daquelas criaturas. Por alguma estranha razão, os estômagos da Terra não haviam evoluído ao estilo tão aprazível do seu, arredondado, inclinando-se para baixo, pendente, em contato com o chão. Os terráqueos eram uns infelizes, muito magros, uma estrutura de ossos e músculos sempre a ponto de estalar e quebrar, sempre a pique de explodir.

Enquanto ele era uma criatura tranqüila e confortável, sereno e contemplativo.

Assim pensando, ele atravessou o quintal para ter outra reunião de estratégia com as plantas na horta. Mas o pé imenso comprimiu a beira oculta de uma ferramenta de jardim de metal, fazendo com que o cabo subisse em sua direção em alta velocidade.

Acertou-o na cabeça e ele caiu para trás, com um grito intergaláctico. Correu depois para o canto de um milho próximo. Momentos depois, a porta dos fundos se abriu e um terráqueo saiu correndo, acompanhado pelo cachorro, todo encolhido de medo.

Elliott atravessou correndo o quintal, a lanterna acesa, iluminando o barracão de ferramentas.

O facho de luz fria tornou a incidir sobre as ferramentas. Harvey pulou para a luta, mordendo um buraco num saco de turfa. Isso fez com que ele se sentisse muito melhor, mas também o deixou com a boca cheia de musgo. Ele ficou girando, um tanto consternado, abocanhando as sombras.

No milharal, o extraterrestre estava agachado, segurando um pepino, pronto para o combate. Os dentes rangiam apavorados, o corpo tremia todo.

Os pés de milho se abriram de repente, o menino olhou, soltou um grito, mergulhou para o chão.

A criatura espacial recuou pelo milharal e correu para o portão, os pés imensos fazendo o maior barulho.

— Não vá embora!

A voz do menino tinha um tom inequívoco de gentileza, como acontecia com as plantas novas. O velho botânico virou-se para fitá-lo.

Os olhos se encontraram.

O cachorro da casa estava correndo em círculos, latindo, o musgo esvoaçando em torno de sua boca.

Uma estranha dieta, pensou o idoso cientista espacial. Mas ele não ficou para investigar. Os dentes de Harvey faiscaram ao luar. Mas o menino segurou o cachorro, gritando outra vez para a criatura espacial:

— Não vá embora!

Mas o botânico intergalático já estava se afastando, passando pelo portão e desaparecendo na noite.

Mary acordou, por baixo dos protetores nos olhos. Sentiu que a casa estava de alguma forma inclinada, virada de lado. Levantou-se, pôs um roupão, saiu para as sombras do corredor.

Soavam vozes na sala de brinquedos. Muitas vezes, ela se perguntava do que brincavam lá dentro. *Posters* de princesas espaciais seminuas pareciam essenciais ao prazer dos meninos.

Meus bebês, pensou ela, suspirando. Aproximando-se da sala, ela ouviu a voz de Tyler, depois a de Steve e a de Greg—toda a turma da Masmorra, que ela ordenara expressamente que fosse para casa. Claro que haviam ignorado sua ordem. Claro que estavam passando a noite ali e só se apresentariam às respectivas mães na manhã seguinte, de olhos turvos, comportando-se como se tivessem dormido num bordel.

Não posso continuar a suportar tudo isso.

Ela ajeitou o roupão e preparou-se para o ataque. A porta estava entreaberta e Mary viu a luz vermelha faiscando... o

espetáculo do *laser* de fabricação doméstica, acompanhando o ritmo de uma música suave.

Não pôde deixar de admitir que o efeito era tranqüilizante.

E também não era... criativo?

— Olhem só, parece um peito! E lá está o mamilo!

Mary encolheu-se contra a parede. Não se podia vencer todas. Se ela entrasse ali como uma louca, se gravasse neles a imagem de uma-mulher-madura-gritando-de-roupão-no-meio-da-noite, não poderia inibir seu desenvolvimento sexual? E lhes provocar um complexo?

De qualquer forma, certamente daria a ela uma dor de cabeça.

Como um camelo ferido, encurvada, ela voltou pelas sombras ... no momento em que Elliott subia correndo a escada e entrava no quarto de brinquedos.

— Ei, pessoal!

— Olhe só para isso... dois peitos!

— Havia um monstro no quintal dos fundos!

— Um monstro? Ei, vamos trazer uma marciana *topless* de verdade para cá! •

— Era... um duende! Tinha cerca de um metro de altura e estava no milhara!!

— Feche essa porta antes de acordar mamãe!

A porta fechou. Mamãe voltou lentamente para o seu quarto. A casa não estava virada de lado. Elliott é que estava. Vendo coisas que não existiam.

Ou isso ou um maníaco sexual tímido escolhera a sua horta para realizar atos anormais.

Por quê?, pensou Mary.

Por que logo eu?

— M J estava bem aqui...

O extraterrestre escutava as vozes dos homens, que ainda andavam de um lado para outro pelo local do pouso. Observando do meio das árvores, podia deduzir o significado do que falavam: ali estivera um aparelho maravilhoso, que lhes escapara. Ali estivera uma Nave de Maravilhas, como o planeta deles não podia sequer sonhar, uma Nave que pousara por algum tempo e tornara a partir.

— ... e escapuliu pelos meus dedos.

O líder, com a argola tilintante de dentes, virou-se, tornou a fazê-lo. Os subordinados limitavam-se a acenar com a cabeça, estupidamente. O líder entrou em seu veículo e partiu, os outros seguiram-no. Era dia e o local de pouso estava vazio.

O extraterrestre ficou olhando tristemente para as marcas deixadas pela Nave.

Escapului pelos meus dedos ...

Ele levantou a mão, debilmente. A exaustão o dominava. E a fome surgira. Os vigorosos tabletes de ração com que ele e seus companheiros sobreviviam, milagres de nutrição comprimidos, não eram da Terra. Experimentara mastigar alguns cachos de uvas que encontrara, descobrindo que eram por demais insatisfatórias, cuspiendo as sementes pequenas e duras. Durante dez milhões de anos recolhendo amostras de vida vegetal, jamais tivera a necessidade de aprender quais eram nutritivas. Agora, era tarde demais para começar.

Ah, se ele tivesse um pequeno tablete de ração, impregnado de energia...

Ele voltou pelas moitas, abalado, deprimido, o corpo comichando da flor de uma trombeteira que provaria. O fim estava próximo.

Elliott pedalava pela rua na direção das colinas distantes. Não sabia o motivo. O farol da bicicleta era como um ímã atraído pelo ferro enterrado nas colinas. Isso mesmo, a bicicleta parecia saber para onde ia e ele simplesmente acompanhava.

Elliott era o que se costumava chamar de um pirralho irritante. Trapaceava no *parchesi*. Tinha uma voz estridente,

esganiçada, sempre dizia justamente a coisa errada, na escola ou em casa, durante o jantar.

Evitava tudo o que podia na vida, deixando que Mary cuidasse por ele. Ou Michael. Havia outras coisas, a lista era comprida, como os óculos de lentes grossas, que o faziam sentir-se como um sapo dentro de uma garrafa. Em tudo e por tudo, era um neurótico em formação, um pirralho desagradável. Seu caminho na vida não levava a parte alguma. Mas se um lugar pudesse ser apontado no mapa da alma, o destino de Elliott era a mediocridade e a melancolia, o tipo de pessoa que se joga na frente de um trem. Um psicólogo infantil diria que algo assim inevitavelmente o aguardava. Só que o caminho de Elliott se desviara naquele dia... para as colinas.

Ele seguiu o impulso da bicicleta até o aceiro. Desmontou e foi andando pelos arbustos. A bicicleta estava toda amassada e enferrujada, de ser negligenciada com tanta freqüência, abandonada à chuva. Naquele dia, porém, parecia leve como uma pena. Parecia brilhar como nova, num esplendor que se sobrepunha à ferrugem.

Levou-o pelo bosque, por uma trilha sinuosa. Elliott chegou à clareira e compreendeu que alguma coisa extraordinária ali estivera. Tudo parecia exibir a memória da Grande Nave. Olhando através dos óculos para as depressões na relva, ele quase que podia discernir o formato da Nave.

O coração de Elliott batia forte e se houvesse nele uma luz, certamente estaria ligada. A testa parecia estar em fogo, no arrebol

de um poder imenso que ainda perdurava na clareira.

O velho ser espacial nas moitas próximas não revelou sua presença, pois o desagradável cachorro do menino podia estar atento, farejando, na esperança de morder o tornozelo de um distinto cientista.

Não... o menino parecia estar sozinho. Mesmo assim, era melhor permanecer despercebido. Um extraterrestre estava prestes a expirar no mato e não havia qualquer sentido em envolver estranhos no seu fim.

O menino, no entanto, começou a agir de maneira estranha. Tirou um saco do bolso e pegou um objeto pequeno. Pôs o objeto no chão, afastou-se alguns passos, colocou outro e mais outro e mais outro, até sumir, por uma trilha encoberta pelas moitas.

O veterano viajante do espaço saiu das moitas. A curiosidade era a sua pior característica, mas estava velho demais para mudar agora. De quatro, ele entrou na clareira, para ver o que o menino ali depositara.

Era uma pílula redonda e pequena, exibindo uma notável semelhança com um tablete de nutrição no espaço. Ele virou-a na palma. Um código indecifrável estava impresso por cima:

M & M

Ele pôs na boca e deixou que dissolvesse.

Delicioso.

Mais até, requintado. Jamais provara algo assim, em qualquer lugar da galáxia.

Ele foi seguindo apressadamente pela trilha, comendo uma pílula depois da outra, as forças voltando, a esperança ressurgindo em seu coração. A trilha levou-o outra vez à casa do menino.

Mary serviu o jantar. Era uma de suas melhores refeições: germe de trigo cru salpicado sobre macarrão com queijo de lata, com um punhado de castanhas de caju para dar um toque final de classe.

— Trate de jantar, Elliott.

Como sempre, ele estava debruçado sobre o prato, como se preparando para mergulhar dentro dele.

Criei uma criança deprimida.

A mente de Mary voltou a outros jantares, de um período anterior, quando Elliott era menor e ela e o marido viviam se arremessando facas. Uma galinha inteira ricocheteara na parede, purê de batata ficara pendendo do teto, como estalactites, o molho pingando

na tenra cabeça de Elliott. Não podia ter sido bom para ele. Mary tentou animar a refeição com um pouco de conversa.

— Como vocês pretendem se vestir para o Dia das Bruxas? A noite do terror estava se aproximando rapidamente. Sua casa

seria visitada por centenas de crianças, cantando desafinadas e fitando-a fixamente.

— Elliott vai sair como um duende — comentou Michael.

— Não enche — grunhiu Elliott.

Mary bateu com seu garfo no copo de Elliott.

— Coma o seu macarrão, rapazinho.

— Ninguém acredita em mim — murmurou Elliott, olhando ainda mais sombriamente para o alegre repasto.

Mary afagou-lhe a mão.

— Não é que não acreditemos em você, querido...

— Juro que era de verdade.

Elliott fitou-a por trás das lentes grossas, os olhos grandes com uma expressão suplicante. Mary virou-se para Gertie, a última criança da família, com cinco anos e já querendo um apartamento só para si.

— Gertie, meu bem, como você vai sair no Dia das Bruxas?

— Vou sair de Bo Derek.

A imagem da filha pequena desfilando nua e molhada pelo quarteirão aflorou na mente conturbada de Mary. Ela concentrou-se no macarrão por um instante, tentando pensar em outra coisa. Mas

Michael estava outra vez investindo contra Elliott, dizendo, com seu jeito de irmão superior:

— Talvez fosse um iguana.

— Os iguanas estão comigo — disse Mary, baixinho, para uma castanha de caju.

— Não era um iguana — assegurou Elliott.

— Mas você sabia que existem crocodilos nos esgotos? — insistiu Michael.

Crocodilos é uma boa idéia, pensou Mary. Eu poderia começar a contar crocodilos. Para variar.

Ela fechou os olhos e um imenso crocodilo apareceu, os dentes faiscando. Ela virou-se para Elliott.

— Tudo o que seu irmão está dizendo, Elliott, é que você apenas provavelmente imaginou. Isso acontece. Todos imaginamos uma porção de coisas, durante todo o tempo...

Eu me imagino a entrar numa liquidação e encontrar um Dior extraviado por dois dólares. E faço uma entrada em grande estilo no McDonald's.

— Eu não podia ter imaginado — protestou Elliott.

— Talvez fosse um tarado — sugeriu Michael.

— Por favor, Michael — interveio Mary — não perturbe Gertie com essas idéias.

— O que é um tarado, mamãe?

— É apenas um homem de capa, meu bem.

— Ou uma criança deformada— disse Michael.

— Michael...

Mary lançou-lhe o olhar de silêncio. Por que as mentes das crianças eram tão apaixonadas por explicações aberrantes? Por que todas as conversas ao jantar eram assim? Onde estavam os gracejos elegantes e refinados, enquanto era servido o segundo prato, filé de peixe congelado?

— Talvez fosse um elfo ou um *leprechaun* — insistiu Michael, ignorando a ordem de silêncio, como ignorava todas as outras ordens dela.

Elliott largou o garfo.

— Não era nada disso, seu pênis-furado!

Pênis-furado? Mary recostou-se, de olhos arregalados. Como uma expressão assim entrara em seu pequeno círculo familiar?

Todos os elementos da expressão foram-se definindo lentamente em sua mente. Teve de admitir que, organicamente, era

isso mesmo, algo que produzia uma certa ansiedade numa viúva solitária. Mas...

— Elliott, você nunca mais deve usar essa expressão à mesa. Ou em qualquer outro lugar desta casa.

Elliott vergou-se ainda mais sobre a mesa.

— Papai teria acreditado em mim.

— Por que não telefona para ele e conta?

Se o telefone dele ainda estiver ligado, o que duvido muito.

— Não posso — respondeu Elliott. — Ele está no México, com Sally.

Mary manteve a compostura, arriando só um pouco por cima do prato de peixe, ao ouvir o nome de sua antiga amiga, agora odiada inimiga. As crianças podem ser muito cruéis, refletiu ela. Especialmente Elliott.

— Se você vir de novo, o que quer que seja, não chegue perto. Chame-me e arrumaremos alguém para levar embora.

— Como a carrocinha de cachorro? — perguntou Gertie.

— Exatamente.

Harvey rosnou baixinho na varanda dos fundos, onde estava roendo o capacho da porta.

— Mas vão fazer uma lobotomia ou alguma experiência com ele — protestou Elliott.

— O que seria merecido, para ele aprender a ficar longe dos pepinos dos outros — sentenciou Mary.

Ele saiu do meio das árvores, enquanto a cidade dormia. Nunca ouvira falar em lobotomia, mas tinha motivos para temer a possibilidade de ser empalhado.

Os dedos compridos dos pés da idosa criatura foram levando-a em silêncio para a casa do menino. Desceu a encosta, deixando as marcas de uma melancia sendo arrastada por um par de ornitorrincos. A casa do menino estava escura, só tinha uma janela pequena iluminada.

Ele espiou por cima da cerca, os olhos grandes revirando para cima, para baixo, ao redor. O cachorro não estava à vista.

Vou pôr o dedão na maçaneta, da maneira indicada...

... e depois é puxar e empurrar o portão.

Os M & M haviam lhe devolvido a vitalidade. Um alimento milagroso. A Nave voltaria dentro de mil anos; se houvesse M & M em quantidade suficiente, poderia sobreviver até lá.

Pare de sonhar, seu velho tolo.

Você nunca voltará.

Ele olhou para o céu, mas não por muito tempo, pois a tristeza nele estampada era grande demais. Não havia M & M em quantidade suficiente para mantê-lo, se perdera de vista o amor de seus companheiros.

Por que haviam-no abandonado?

Não poderiam ter esperado por mais um momento?

Ele passou e fechou o portão com o pé, como vira o menino fazer. Devia aprender os costumes da Terra, se queria sobreviver.

Atravessou o quintal dos fundos. Surpreso, descobriu o menino adormecido dentro de um saco, ao lado da horta.

O menino respirava regularmente. Uma tênue névoa escapava de seus lábios, pois a noite era fria.

O extraterrestre estremeceu e sua própria névoa saiu pelos dedos dos pés, vapores de preocupação, medo, confusão.

E, de repente, os olhos do menino se abriram...

Elliott contemplou aqueles olhos enormes por cima dele, olhos que pareciam gelatinosos, com tentáculos de força no interior, olhos

impregnados de um conhecimento antigo e terrível, olhos que pareciam esquadrihar cada átomo de seu corpo.

O extraterrestre ficou olhando fixamente, horrizado com o nariz protuberante do menino, as orelhas grandes e expostas. O pior

de tudo eram os olhos, pequenos, escuros, redondos, como de um coco.

Mas os olhos pequenos e afundados do menino piscaram, o terror que exibiram afetou o coração do velho cientista. Ele estendeu um dedo comprido.

Elliott gritou e recuou freneticamente, arrastando o saco de dormir. O extraterrestre pulou na outra direção, tropeçando e emitindo um grito ultra-sônico, que atraiu um morcego, voando baixo na escuridão. Mas o morcego ali esteve apenas por um momento, pois uma passagem pelo monstro do espaço foi suficiente para enviar o roedor aéreo a se afastar pela noite, com os dentes chocalhando.

Os próprios dentes de Elliott estavam chocalhando como um saco de bolas de gude, enquanto os joelhos tremiam e os cabelos da nuca ficavam eriçados.

Onde estava Harvey o Protetor, o cão do lar?

Na varanda dos fundos, os dentes batendo, os joelhos tremendo, o pêlo eriçado. O aterrorizado animal se encolheu, pulou contra a porta, caiu no chão, o rabo metido entre as pernas. O cheiro que chegara a seu focinho era diferente de tudo o que farejara antes, como aromas de espaços distantes que nenhum cachorro de bom senso jamais haveria de querer investigar. Harvey encolheu-se todo, somente o focinho aparecendo por uma fresta na porta. O cheiro continuou a alcançá-lo. Apavorado, Harvey pôs-se a roer a ponta de uma vassoura.

A criatura do espaço estava dando outro passo hesitante na direção de Elliott. Os olhos de Elliott se arregalaram de terror e ele recuou. Não primava pela coragem. Aceitava fazer compras, os deveres de casa, arrumar as coisas, mil e uma coisas, tudo menos aquilo...

Olhos monstruosos esquadrihavam sua natureza. Podia sentir que era sondado até o fundo, definido, analisado. Os lábios da horrenda criatura estavam contraídos numa terrível careta, deixando à mostra os dentes pequenos e pontiagudos. O que ele queria? Elliott sentiu que estava querendo se comunicar.

O veterano peregrino intergalático estendeu a mão e abriu-a. Dentro da mão imensa e escamada estava seu último M & M, derretendo.

Elliott olhou para o pequeno chocolate e depois para o monstro. O monstro apontou um dedo comprido para a palma e depois para a boca.

— Está bem — disse Elliott, baixinho.

Ele abriu o blusão e tirou o saco de balas, recuando lentamente, deixando uma trilha pelo quintal. Os joelhos ainda tremiam, os dentes chocalhavam violentamente, afetando um caríssimo trabalho de ortodontia.

O idoso viajante espacial foi atrás, recolhendo cada M & M e engolindo vorazmente. Aquele era o alimento de deuses, de reis, de conquistadores. Se conseguisse sobreviver à terrível provação na

Terra, levaria uma amostra daquele alimento milagroso a seu Capitão. Com aquilo, vastos universos poderiam ser transpostos, no vôo supremo.

O chocolate escorria pelos cantos da boca do viajante espacial, os dedos estavam melados. Ele lambeu-os, deliciado. As forças lhe voltavam. Podia sentir a substância milagrosa correndo pelas veias, levando os elementos químicos misteriosos ao cérebro, onde *bips* de alegria e luz se desencadearam. Compreendia agora o sentido da vida na Terra: dez bilhões de anos de evolução para produzir... o M & M.

O que mais se podia pedir a um planeta?

Recolhendo as pequenas pílulas, ele foi avançando rapidamente pelo gramado. Antes de percebê-lo, já seguira a trilha para o interior da casa do terráqueo.

Os olhos se revolveram em terror. O mundo alienígena agora o cercava por todos os lados... cada canto, cada objeto, cada sombra era um choque devastador para seu organismo. Mas tinha de suportá-lo, a fim de adquirir o milagroso M & M.

Ele seguiu a trilha por uma escada e um corredor, até o quarto do menino.

Ali, o menino recompensou-o com um punhado de M & M. O botânico intergalático devorou-os de uma só vez. Parecia uma atitude precipitada, mas quem podia saber o que o amanhã reservava?

A caixa de voz do menino soou:

— Sou Elliott.

As palavras eram uma confusão, incompreensíveis. Mas alguém que partilhava seus M & M merecia confiança. O extraterrestre arriou no chão, exausto. Um lençol foi estendido sobre ele. Um momento depois, estava dormindo.

Eliot ficou acordado por um longo tempo, sem se atrever a dormir.

A monstruosidade estava no chão ao lado de sua cama, uma forma grotesca delineada por baixo do lençol. De onde teria vindo? Elliott sabia apenas que não era de seu mundo.

Ele se empenhou em compreender, mas era como tentar pegar um punhado de neblina. Ondas de energia enchiam o quarto, visíveis como o calor no deserto... uma dança a tremeluzir, sempre se elevando. Elliott sentiu uma percepção intensa em movimento; mesmo enquanto a criatura dormia, uma sentinela parecia estar de guarda, estudando o quarto, as janelas, a noite.

Um ganido baixo no corredor revelou a Elliott que Harvey tornara a abandonar o exílio na varanda dos fundos e estava agachado no outro lado da porta do quarto. Ele ouviu o barulho de dentes roendo a soleira da porta, o som da cauda batendo.

O que estava lá dentro?, perguntava a si mesmo o perplexo cachorro, enquanto roia nervosamente a madeira. O tremeluzir que Elliott via também o estava afetando, sondando os confusos

pensamentos caninos. Harvey ganiu e raspou a porta com as patas, depois sentou-se, sem querer realmente entrar, sem querer chegar mais perto daquela estranha onda, que pulsava como um osso velho... um osso especial, um osso antigo, só que do tipo assustador, com trovão no tutano.

Elliott virou-se de lado, pôs um braço sob o travesseiro. O sono o acometia, embora ele quisesse permanecer acordado, de vigia. Mas as pálpebras estavam pesadas e ele foi resvalando para a escuridão, inexoravelmente.

Ele caiu num tabuleiro *deparchesi*, o mesmo em que trapaceava. Os pés pareciam atolar no tabuleiro. Mas depois avistou uma trilha de balas, cada uma brilhando como ouro, a trilha de M & M que deixara para seu amigo monstruoso, a trilha que se tornava uma linda estrada através do mundo. E ele seguiu-a.

O extraterrestre despertou na manhã seguinte sem saber em que planeta estava.

— Vamos, você tem de se esconder.

A criatura espacial foi empurrada através do quarto para um armário tipo *closet* e trancada por trás da porta de adufa.

Mais alguns minutos se passaram e toda a casa despertou. A criatura ouviu a voz de um menino mais velho e depois a da mãe. Encolheu-se dentro do armário quando a mãe entrou e disse:

— Está na hora de ir para a escola, Elliott.

— Estou doente, mamãe.

O extraterrestre espiou pelas adufas da porta do armário. O menino voltara para a cama e parecia suplicar com a criatura alta e esguia. Ela colocou um tubo na boca do menino e saiu do quarto. O menino prontamente suspendeu o tubo para perto da lâmpada por cima da cama, esquentando o fluido no interior. Tornou a colocá-lo na boca quando a mãe voltou ao quarto.

O velho cientista acenou com a cabeça. Era um recurso conhecido em toda a galáxia.

— Você está com febre.

— Estou sentindo.

— Passou a noite lá fora esperando que a coisa voltasse, não é mesmo?

O menino assentiu.

A mulher virou-se para o armário. O extraterrestre encolheu-se ao máximo no canto, mas somente a mão da mulher entrou no armário, pegando a colcha na prateleira por cima dele. Ela estendeu a colcha sobre o menino.

— Acha que vai sobreviver se eu sair para trabalhar?

Mary achava que o filho provavelmente estava enganando-a outra vez, mas a verdade é que ele vinha tendo noites difíceis

ultimamente. Ela só esperava que não fosse o resultado de drogas exóticas que o estariam levando à loucura. Os olhos dele pareciam um pouco estranhos. Mas os olhos do pai freqüentemente estavam dilatados, com ilusões de uma coisa e outra. Talvez fosse hereditário.

— Está certo, Elliott, pode ficar em casa. Mas nada de TV, entendido? Não vai se desintegrar na frente da caixa.

Ela virou-se e passou pela porta. Parou de repente, olhando para baixo.

— Aquele maldito cachorro andou roendo de novo o umbral da porta? Vou mandar encapar os dentes dele com borracha.

Ela afastou-se pelo corredor. Inclinou-se depois de alguns passos, como se uma onda a atingisse. Tratou de se firmar, sentiu a testa. Uma tênue ondulação passou pela testa, como dedos leves a tocarem-na. Mas desapareceu um momento depois. Ela abriu a porta do quarto de Gertie.

— Está na hora de levantar...

A menina sentou-se na cama, piscando, pôs as pernas para fora da cama, alegremente.

— Eu estava sonhando com o tarado, mamãe.

— É mesmo?

— Ele tinha um pescoço comprido e engraçado, olhos grandes e esbugalhados...

— E usava uma capa?

— Não usava nada.

Parecia mesmo um tarado, pensou Mary. Mas não havia tempo para especulações adicionais.

— Está na hora do café da manhã. Levante-se e vá ajudar Michael.

Mary seguiu em frente até o banheiro, a fim de tomar um banho rápido, com um sabonete absurdamente caro, que derretia mais depressa que gelo. O sabonete começara a ser usado há apenas dois

dias, mas agora não passava de uma lasca mínima, transparente. Comprara-o porque uma amiga lhe dissera que prevenia as rugas, manchas, espinhas e verrugas.

Mary ensaboou-se. O sabonete desvaneceu-se por completo. Mais seis dólares de nada que se escoavam pelo ralo.

Ela enxugou-se... e um sonho da noite recente aflorou no nevoeiro matutino: um sonho sobre um homem, só que muito baixo, com uma enorme barriga e um jeito esquisito de andar, bamboleando.

Devia ser o tarado.

Ela desceu para o café da manhã, a confusão indefinida habitual. Saiu de casa e deparou com Michael se exercitando ao volante, saindo com o carro de marcha à ré para a rua.

— Pode partir, mamãe.

— Obrigada, querido.

Ela sentou-se no lugar que o filho acabara de desocupar. Apertou o volante com a determinação sombria habitual. Partiu com os pneus cantando, sob a aclamação de Michael.

Elliott, ouvindo a partida do carro, saiu da cama e abriu a porta do armário. O extraterrestre encolheu-se contra o fundo.

— Ei, pode sair! — disse Elliott, estendendo a mão. Relutantemente, o idoso monstrengo adiantou-se, saiu do armário, olhou ao redor. Uma ampla variedade de objetos encontrou-se com seus olhos, todos de formato estranho, a maioria de plástico. A única coisa familiar era uma mesa, só que alta demais para alguém que tinha as pernas tão curtas como as suas. E ele achava que podia escrever uma carta e despachá-la para a lua?

— Como eu vou chamá-lo?

Elliott contemplou os olhos grandes e reluzentes do monstro, onde pequenos focos de energia desabrochavam e desvaneciam continuamente, substituídos por outros. A criatura estava explorando o quarto e Elliott recuou para lhe dar espaço.

— Você é um extraterrestre, não é mesmo?

O extraterrestre piscou e Elliott sentiu que as imensas órbitas lhe respondiam de alguma forma. Mas a mensagem foi apenas um zumbido em seu cérebro, como se houvesse uma mosca dentro de sua cabeça.

Elliott abriu a porta do quarto. O monstro pulou para trás, pois a besta desagradável e ameaçadora estava se babando do outro lado, uma curiosidade estúpida nos olhos, hostilidade na língua.

— Harvey! Seja bonzinho! Não morda nem faça qualquer outra coisa. Bom cachorro. Bom Harvey...

—... rrrrrrrrrrrr... rrrrrrrrrrrr...

A fala do cachorro era mais baixa que a do menino na cadeia de comunicação, soando como um motor espacial em inversão.

— Está vendo, Harvey? Ele é amigo. Não vai machucá-lo. Está vendo?

Um esguicho de névoa saiu do dedo do pé do monstro. Harvey aproximou o focinho da névoa e descobriu dimensões caninas para as quais não estava preparado: uma grande sopa de osso de luz, deslocando-se pela noite, faiscando, faiscando, um som uivante a baixar para antigas câmaras de eco do espaço.

O cachorro se encolheu, a mente em turbilhão. Um gemido amedrontado emergiu de sua boca. Recuou, o focinho abaixado.

O monstro adiantou-se.

— Você fala?

Elliott estalou os dedos para cima e para baixo, como uma boca escancarada. O velho cientista tornou a piscar, depois moveu os seus dedos, em sinais de comunicação galáctica, o código cósmico de sobrevivência, com dez milhões de anos de uso.

Foi a vez de Elliott piscar, aturdido, enquanto os dedos da criatura espacial descreviam delicadas órbitas, espirais, ângulos de leis físicas.

O botânico intergalático acabou baixando as mãos, dominado pela frustração, ao perceber que o menino nada compreendia. Mas, afinal, era apenas um menino de dez anos.

O que posso fazer agora? O idoso monstro analisou a situação. Seu cérebro estava evoluído muito além da capacidade de compreensão do menino, de tal forma que mal podia pensar por onde começar.

Sou especializado demais, pensou o monstro. Deixe-me ver, deixe-me ver...

Ele tentou baixar ao nível ínfimo da Terra, mas terminou se limitando a indicar dígitos. Como podia esperar transmitir as grandes equações, as supremas percepções nascidas da passagem por supersegmentos do tempo? Mal podia pedir por um M & M.

Elliott foi até o rádio e ligou-o.

— Gosta dessa música? Gosta de *rock*?

Um som como o viajante espacial nunca ouvira estava saindo pelo rádio; telepaticamente ele recebeu a imagem de pedras rolando por uma encosta. Cobriu os ouvidos com as mãos e encolheu-se.

Elliott olhou ao redor, tentando pensar em outras coisas importantes que uma criatura espacial deveria conhecer. Tirou uma moeda de *25 cents* do seu cofre.

— Aqui está o nosso dinheiro.

O viajante espacial ficou olhando fixamente para o menino, tentando compreender a fala dele. Mas a língua da Terra era uma confusão de articulação.

— Aqui está... é uma moeda de *25 cents*.

O objeto oferecido era pequeno, achatado, redondo, com um revestimento brilhante, de uma cor diferente do M & M. Mas possivelmente era um alimento de sobrevivência ainda mais forte.

Ele deu uma mordida.

Uma porcaria.

— Ei, não pode comer isso! Está com fome outra vez? Também estou. Vamos comer alguma coisa. Harvey... — Elliott advertiu o cachorro — ..saia da frente.

Harvey ganiu e afastou-se para o lado, depois desceu atrás de Elliott e do monstro, até a cozinha. Sentou-se ao lado de sua tigela e avisou a Elliott que queria algum Alpo, a fim de aquietar os nervos, uma lata cheia, que pudesse engolir de uma só vez. Mas Elliott ignorou o pedido e Harvey teve de se contentar em ficar roendo a beira da tigela.

Elliott estava abrindo gavetas, pegando os ingredientes de seu café da manhã predileto. Começando a bater a massa, ele disse:

— Vou fazer *waffles*. É a minha especialidade. Já comeu alguma vez?

O veterano botânico ficou observando enquanto os estranhos ingredientes apareciam, nenhum deles relacionado com as viagens espaciais. Os olhos grandes girando, ele observou, absorvendo os segmentos de uma ação incompreensível. Um longo tentáculo de massa estava escorrendo do guarda-louça para o chão.

Harvey, como se fosse um esfregão, rapidamente lambeu a massa derramada, enquanto Elliott conseguia despejar o resto na máquina de *waffle*.

— Está vendo? Começou a cozinhar.

O nariz do velho monstro comichou e ele se aproximou da máquina de *waffle*. O cheiro era delicioso, como um imenso M & M.

Elliott removeu o *waffle* pronto e passou a abrir outros armários e gavetas, enquanto falava.

— ... calda, manteiga, fruta em conserva... e que tal um pouco de creme por cima?

O monstro teve um sobressalto quando a mão do menino irrompeu num fluxo branco.

— Não tenha medo que é um bom prato. — Elliott pôs um M & M por cima do creme e entregou o *waffle* ao veterano viajante espacial. — E aqui está um garfo. Sabe como usar?

O cientista examinou as pontas cintilantes do garfo. Era o melhor equipamento que vira na casa até aquele momento. Luzes suaves surgiram em sua mente. Isso mesmo, um objeto com quatro pontas daquele jeito... ligado... ligado a quê? Por um instante, ele sentiu seu mecanismo de fuga faiscar, no fundo de sua mente, onde a imagem lentamente se formava.

— Ei, é com isso que agente come. Está vendo? Assim, como eu estou fazendo...

O cientista tentou desajeitadamente e acabou recolhendo o M & M. Comeu-o e concentrou-se em seguida no creme branco, com o gosto de uma espantosa combinação química, as fórmulas se definindo enquanto comia. Mas era bom, muito bom...

— Que tal um pouco de leite? Tome um copo.

O fluido se sacudia, derramando-se nos dedos dele. Os lábios não se ajustavam facilmente ao copo. Assim, despejou a maior parte no peito, numa cascata que escorreu pela área do coração-luz.

— Ei, você não sabe de nada, não é mesmo?

O veterano viajante espacial tornou a olhar para o garfo, enquanto espetava pedaços do alimento mais duro e seco. Quatro pontas, estava se lembrando, clique, clique, clique...

— Qual é o problema? Está me fazendo ficar triste de repente. O corpo inteiro de Elliott balançava, envolvido pela onda intensa e poderosa que o invadia. Eram emoções que o menino não podia compreender, deixando-o com a sensação de que perdera alguma coisa incrivelmente maravilhosa que deveria sempre lhe pertencer.

Clique, clique, clique...

A idosa criatura estava com os olhos fechados na contemplação das alturas. Poderia haver, na imensidão da distância, um ouvido escutando a canção de quatro dentes de um garfo? Mas como o universo poderia ser transposto por aquele pequeno instrumento? O veterano botânico desejou ter prestado mais atenção à conversa do pessoal de navegação e comunicação, que sabia tanto dessas coisas.

— Vamos brincar um pouco — disse Elliott, repelindo a tristeza e pegando a mão do monstro. — Vamos...

Os dedos compridos, parecendo raízes, entrelaçaram-se com os dele. Elliott sentiu que estava conduzindo uma criança menor. Mas

depois a onda tornou a invadi-lo, trazendo segredos das estrelas e leis cósmicas. Compreendeu que a criatura era mais velha que ele... e muito mais velha. Alguma coisa se alterou dentro de Elliott, virando apenas ligeiramente, como um giroscópio que misteriosamente se endireita. Ele piscou os olhos, aturdido com o sentimento, a impressão de que era também uma criança das estrelas, nunca fizera antes qualquer coisa que pudesse prejudicar a alguém.

Ele levou o monstro bamboleante de volta à escada. Harvey foi atrás, levando entre os dentes sua tigela de comida, na esperança de descobrir pelo caminho alguma coisa para comer.

Elliott seguiu para o banheiro e foi até o espelho, pois se perguntava se a criatura alguma vez já se havia contemplado.

— Está vendo? Esse é você.

O venerável viajante espacial contemplou sua imagem no tosco espelho reflexivo da Terra. Seus padrões de comunicação superiores não estavam visíveis, não podiam ser vistos como um arco-íris por cima da cabeça, em ondas brilhantes e sutis. A parte mais linda de seu semblante estava perdida.

— Muito bem, isto é uma mão...

Elliott suspendeu o apêndice. O monstro fez a mesma coisa, erguendo a sua num movimento elementar de categoria superior, os dedos transmitindo fórmulas de foguetes de alta velocidade, atalhos interestelares e profecias cósmicas.

— Puxa, você tem dedos um bocado esquisitos...

A criança piscou os olhos, à maneira da Terra, estudando os próprios dedos, ao invés de concentrar-se nas mensagens que transmitiam sutilmente. O velho cientista, a criatura com a sabedoria das estrelas, não pôde conter um suspiro. Aquele menino parecia mais estúpido que um pepino.

— É daqui que vem a nossa água — disse Elliott, abrindo as torneiras. — Veja aqui. Quente. Fria. O que acha disso? Existe água corrente no lugar de onde você veio?

A velha criatura pegou um punhado de água e levantou para o rosto. Seus olhos entraram em microfoco por um momento, uma questão de hábito, contemplando o mundo das minúsculas formas aquáticas.

— Gosta de água, hem? Olhe só para isto! É sensacional! Elliott abriu as torneiras da banheira e gesticulou para que o extraterrestre entrasse.

— Pode entrar. Não vai matá-lo.

O veterano cientista inclinou-se sobre a banheira, que era muito parecida com os tanques de estudo na Grande Nave, onde um cientista podia se reclinar e explorar o universo aquático interior. Num acesso de melancolia, ele entrou na banheira.

Uma campainha soou. O cientista pulou na banheira, os pés imensos espalhando água por toda parte. Estava sendo

secretamente analisado através da água? Ali seria um laboratório em que suas próprias ondas estavam sendo medidas?

— Relaxe. É apenas o telefone.

Elliott deixou o banheiro e o cientista voltou a submergir na banheira cheia de água, acalmando-se com o fluxo, confortado pela dança dos microorganismos. Entrou em foco atômico e pôs-se a observar a molécula da água, observando a força de calor latente. Poderia usá-la de alguma forma em sua ajuda?

Harvey, o cachorro, aproximou-se cautelosamente da banheira. Alguns dos seus piores momentos haviam sido ali, durante o banho de pulgas anual. Espiou por cima da borda para o atual ocupante da banheira, que parecia gostar mais do que ele. Harvey lembrou-se de uma velha e grande tartaruga que tentara certa vez abocanhar. O encontro lhe fora terrivelmente desfavorável, encerrado com uma violenta mordida em seu focinho. Era esse o motivo da relutância de Harvey em fazer algo mais além de olhar para o hóspede submerso. Será que Elliott também iria passar sabão naquela criatura?

Elliott voltou ao banheiro, olhou para baixo e prontamente suspendeu a criatura.

— Ei, assim você pode se afogar!

Harvey compreendeu que não haveria sabonete. Aparentemente, o hóspede estava livre de pulgas.

— Você é em parte um elfo aquático? — perguntou Elliott. Contanto que não fosse em parte uma tartaruga que mordesse, pensou Harvey, estendendo a pata cautelosamente para o focinho, no caso de alguma emergência.

— Aqui está uma toalha. Sabe como usá-la?

O veterano das viagens intergalácticas ficou olhando atordoado para a toalha. Jamais precisara de algo assim, pois sua pele possuía um revestimento repelente de água. Ele pegou a toalha, observou-a atentamente, olhou para o menino.

— É para se enxugar, seu bobo...

As mãos do menino tocaram-no. Dedos terráqueos, impregnados de componentes curativos, fizeram contato com suas costas doloridas. Obrigado, menino, muito obrigado. É muita gentileza de sua parte.

— Cada um aqui tem a sua própria toalha — explicou Elliott. — Esta é a minha, esta a de Michael, de Gertie, de mamãe. Aquela era a que papai usava. Ele está no México. Já estive lá alguma vez?

O monstro piscou os olhos, recebendo uma onda de sentimento triste do menino, em sua faixa de comunicação. O menino se aproximou, abrindo os braços como asas.

— Você voa para todos os lugares em sua nave, não é mesmo? Tem uma nave?

A Nave, brilhando suavemente, apareceu na mente da criatura espacial, a luz arroxeadada se irradiando do casco, onde estavam esculpidas as inscrições antigas. Sua própria luz, do coração, brilhou em resposta. Agora, a tristeza do menino era sua também.

— Fique com essa toalha — disse Elliot. — É sua agora. Vamos marcá-la com E.T., para extraterrestre.

Ele tornou a tocar no monstro, espantado com a textura de sua pele. Outra onda percorreu Elliott. Ele compreendeu que a criatura era mais velha que Matusalém, mais velha que a velhice.

— E você também tem alguma coisa de serpente, não é mesmo? Puxa, você é mesmo esquisito.

O cientista sentiu a energia do menino descendo por seus canais interiores. Aquelas forças da Terra eram bem interessantes. Podiam ser toscas, mas eram também agradáveis, quando se lhes dava uma oportunidade.

O monstro sinalizou em resposta com os dedos, explicando a estrutura do átomo, o amor das estrelas, a origem do universo.

— Está com fome outra vez? Que tal alguns bolinhos Oreo? Harvey acenou com a cabeça, abanou a cauda. Oreos era uma boa idéia... não chegavam a ser sua comida predileta, mas um cachorro que gosta de roer cabos de vassoura não pode ser muito exigente. Ele pegou a tigela com os dentes e estendeu na direção de Elliott, que passou sem olhar, levando o monstro.

Está bem, está bem, pensou Harvey. Vou me limitar a ir atrás.

Ele seguiu-os pelo corredor até o quarto de Elliott, onde os bolinhos foram servidos ao duende. Harvey rosnou e bateu com a tigela.

— Você está muito gordo, Harvey.

Gordo? O cachorro virou o perfil, para exibir as costelas. Mas sua capacidade de enganar Elliott estava acabando. O monstro era agora o bicho de estimação de Elliott. Harvey procurou a nutrição que ainda pudesse restar nas botas de Elliott.

No outro lado do quarto, Elliott estava abrindo a porta do armário e dirigindo-se ao monstro:

— Vamos arrumar um lugar no armário. Como se fosse a sua nave espacial, com tudo o que precisa.

Mas o botânico intergalático estava olhando para cima, contemplando a clarabóia do quarto.

— Gosta disso? Pois aqui tem mais um pouco.

Elliott abriu um livro no chão. Ele e o monstro olharam.

— Estes são duendes... e aqui estão gnomos...

Os olhos do monstro efetuaram diversos acertos de foco, incluindo o que revelava a origem das fibras que compunham o

papel, voltando ao que delineava a pequena criatura pintada, de barriga estufada, não muito diferente dele.

Será que outros viajantes espaciais haviam naufragado também ali, há muito tempo?

Elliott deixou a criatura a olhar para as ilustrações e começou a arrumar o armário, com travesseiros e cobertores. Não se detivera a perguntar a si mesmo por que estava abrigando o monstro ou o que podia representar. Voava com o piloto automático, sem fazer perguntas, sem analisar, sem tentar se esquivar. Sabia que aquela coisa lhe fora entregue pelas estrelas e tinha de acompanhar... ou morrer.

— Vai gostar daqui — gritou ele, através da porta do armário grande.

Sua mente e corpo moviam-se quase sem esforço, os sinais pulsando dentro dele. Não podia saber que uma lei cósmica o tocara, virando-o em uma nova direção. Sabia apenas que se sentia melhor do que em qualquer outra ocasião anterior.

Harvey não sentia a mesma metamorfose de ser. Roer os saltos das botas não era uma grande contribuição à sua alma, muito menos a seu estômago. Contentava-se com a perspectiva de morder o tornozelo do carteiro, um evento que deveria ocorrer no meio da manhã.

Elliott desceu e logo voltou com uma tigela com água, o que proporcionou uma esperança momentânea a Harvey. Mas a tigela

foi colocada no armário, com instruções para o duende:

— Isso é para você. Finja que aqui é o seu módulo de comando. Elliott alinhou uma porção de animais estufados perto da porta.

— Isto é uma camuflagem protetora. Fique no meio e ninguém perceberá a diferença.

O aturdido ser superior das estrelas ficou olhando para a disposição. Harvey também olhou, um desejo se insinuando nele, de roer a

cabeça de um urso de pelúcia. Elliott adiantou-se com um pequeno abajur.

— Luz. Quer ver?

Ele acendeu a luz e o clarão desagradável investiu contra os olhos supersensíveis do viajante espacial. Ele recuou, esbarrando num toca-discos, o braço empurrando a agulha sobre o disco. Apesar do rangido desagradável, luzes suaves se acenderam dentro dele. Outra vez surgiram as idéias em desenvolvimento para a fuga, usando um garfo e... e alguma coisa como esta em que acabei de esbarrar. Vai ligar e transmitir... uma mensagem...

Ele olhou para o toca-discos, procurando a solução ali, enquanto suas próprias engrenagens interiores giravam, fazendo aflorar tudo o que sabia sobre artefatos de comunicações.

Cambaleou ao redor, procurando outros instrumentos que pudesse usar. Abriu a gaveta da mesa, despejando o conteúdo a seus pés.

— Ei, não faça isso! — protestou Elliott. — Sou obrigado a manter o quarto arrumado!

O viajante espacial explorou outras partes do quarto, revirando tudo, jogando coisas no chão, procurando sempre. Tinha de examinar tudo, todas aquelas coisas tão estranhas, produtos da criatividade ainda tateante daquele planeta primitivo. Onde haveria de encontrar sua inspiração?

Olhou para um *poster* pregado na parede, de uma princesa espacial marciana seminua, vestida em fragmentos de metal brilhante.

Hum...

Contemplou-a por algum tempo, observando a pistola de raios, o capacete, as botas elétricas.

— Gosta dela? — perguntou Elliott.

O viajante espacial abaixou as mãos lentamente, descrevendo a mais clássica forma de beleza, o formato de pêra, virado para baixo.

— Não temos muitas por aqui desse jeito — Elliott pôs a mão no cotovelo do monstro e levou-o gentilmente para o armário. — Fique aqui, está certo? Fique aqui...

O veterano cientista entrou no armário. Ele, que outrora supervisionara a vida vegetal nas maiores mansões do espaço, estava sendo encerrado ali junto com uma prancha de *skate*.

Ele arriou no chão. Onde estava sua Nave, a Maravilha do Universo, agora que precisava dela?

Ele recebeu a súbita luz de um farol, do fundo do espaço, varrendo em sua direção, procurando a Terra de distâncias incalculáveis.

— Tem uma janelinha aqui.

Elliott apontou para um pequeno quadrado de vidro por cima da cabeça do monstro.

— E aqui está a sua lâmpada de leitura. — Ele acendeu-a. — Voltaremos a nos ver mais tarde. Vou comprar mais balas e outras coisas.

A porta do armário foi fechada. O viajante espacial olhou para a luz desagradável do abajur. Pegou um lenço vermelho numa prateleira e colocou-o no abajur. A luz se suavizou, para um rosa difuso, parecendo com a iluminação da Nave.

Tinha de enviar uma mensagem, avisar a seus companheiros que ainda estava vivo.

A imagem do garfo tornou a se sobrepor em seu cérebro, clique, clique, clique.

Mary parou o carro no caminho ao lado da casa, o pára-lama roçando nas latas de lixo e derrubando-as. Não tinha importância, pois ela estava em casa. Desligou o carro e continuou sentada ao volante por algum tempo, mente e corpo exaustos. Talvez precisasse de *ginseng*. Ou talvez apenas de gim.

Ela abriu a porta finalmente e saltou. O olhar subiu para a janela do armário tipo *closet* de Elliott, onde ele colocara um dos seus duendes.

As coisas que faziam hoje em dia para as crianças eram mesmo de causar alucinações.

Mary seguiu em frente, chegou à varanda. Harvey recebeu-a na porta, com a tigela na boca.

— Não me lance esse olhar, Harvey. Já estou me sentindo culpada demais.

Passando pelo suplicante animal, ela encaminhou-se para a mesa de correspondência.

Haveria algumas cartas de admiradores secretos? Ou de Monstros Errantes?

Nada, apenas porcaria, contas, contas atrasadas, contas muito atrasadas, uma carta de uma agência de cobrança. Eles que se danassem.

Mary jogou a correspondência numa cesta de papel convenientemente localizada e tirou os sapatos. Gritou para sua

tribo:

— Tem alguém em casa?

Não recebeu qualquer resposta, a não ser de Harvey.

— Largue já essa tigela!

Ela continuou na cadeira do vestíbulo, cansada demais para seguir adiante. Uma mosca zumbiu perto de sua testa e ela sacudiu a mão para afugentá-la. Como o zumbido persistisse, acabou percebendo que não havia qualquer mosca, o barulho era... em sua cabeça.

Depois viriam os sinos ... e tudo culminaria com vozes.

— Ora, não tenho tempo para um colapso nervoso hoje!
Mary se levantou e foi para a cozinha, descobrindo que Elliott

preparara um saudável desjejum para si mesmo. Só que no chão. Ela limpou os armários e as portas, depois fez um café bem forte.

Ficou sentada com o café por um longo tempo, a contemplar os pés. Pés cansados. Pés que queriam entrar em greve.

— Ei, tem alguém em casa?

Ninguém respondeu, é claro. Estavam empenhados em projetos secretos, talvez conspirando para derrubar o governo.

Contanto que o fizessem em silêncio, não havia problema.

A porta dos fundos abriu-se bruscamente com o estrondo de um canhão. Michael entrou, como se estivesse montado num elefante.

— Oi, mamãe. Como foi o seu dia?

— Tudo bem. E o seu?

Michael deu de ombros, num gesto que a mãe não pôde absolutamente entender.

— Vou jogar futebol agora — acrescentou ele, indicando que nada, absolutamente nada, deveria se interpor em seu caminho.

— Isso é ótimo. Divirta-se.

Mary acenou com a mão, como se concedesse permissão, que não lhe fora pedida. Voltou a olhar fixamente para a xícara de café, concentrando as energias. Se um estranho estivesse esperando por ela na cama lá em cima, teria simplesmente de divertir-se sozinho. Pelo menos até que ela tivesse forças suficientes para subir.

Michael pôs os enchimentos nos ombros e pegou o capacete. Estava se sentindo violento hoje, querendo ação. Em poucas passadas estava outra vez no alto da escada. Mas deparou com Elliott ali, bloqueando-lhe a passagem.

— Michael...

— O que está querendo, cara? Michael adiantou-se.

— Tenho uma coisa muito importante para contar a você.

— E o que é?

— Lembra do duende?

— Duende? Ora, saia da minha frente ...

— Espere um instante, Michael. Estou falando sério. Ele voltou.

— Elliott... — Michael não tinha muito o que fazer com o irmão menor. Elliott era como um fuinha desagradável, cheio de movimentos furtivos, como os que fazia no *parchesi*. — Saia da minha frente.

— Posso mostrar o duende a você. Mas não se esqueça de que ele me pertence.

Michael hesitou.

— Está bem ... mas que seja depressa.

— Jure primeiro. E tem de ser o juramento mais solene que você puder fazer.

— Está bem, está bem, juro tudo. Mas mostre logo o que tem. É um zorrinho ou algo assim? Está no seu quarto? Mamãe vai matá-lo.

Elliott levou Michael pelo corredor.

— Tire as ombreiras — disse ele, ao entrarem no quarto. —
Pode assustá-lo.

— Não enche, Elliott. Elliott levou-o até o armário.

— Feche os olhos.

— Por quê?

— Feche os olhos sem fazer perguntas, Michael.

Dentro do armário, o veterano botânico intergalático estava revisando tudo o que sabia a respeito de aparelhos de comunicações, pois em breve teria de construir um. Ouviu os dois humanos entrarem no quarto, mas ignorou a aproximação, mais concentrado em vasculhar o cérebro à procura de indicações para a construção do transmissor. A porta do armário abriu-se de repente.

Elliott passou o braço por ele e acenou com a cabeça, num gesto tranqüilizador.

— Venha conhecer meu irmão.

Eles saíram, no momento em que Gertie, de volta do jardim de infância, entrava correndo no quarto. Vendo o monstro, ela gritou. E o monstro também gritou. Além de Michael, que acabara de abrir os

olhos. As vozes misturadas alcançaram o centro de comando da casa, onde Mary estava sentada, tentando recuperar as forças.

— Oh, Deus...

Ela se levantou da mesa da cozinha. Que ritual selvagem sua família estava agora realizando? Parecia que estavam arrancando a calcinha de Gertie. Dentro de 20 anos, Gertie estaria tentando recordar a cena, num diva de analista.

Mary subiu a escada, preparada para tomar anotações, que entregaria mais tarde a Gertie, quando ela começasse a fazer análise.

Ela avançou exausta pelo corredor, a caminho do quarto de Elliott. Um dia inteiro de trabalho no escritório, seguido por um trauma infantil em casa... apenas mais um dos pequenos desafios da vida.

Mary parou por um momento à porta de Elliott. Esperava que pelo menos o quarto estivesse arrumado.

Abriu a porta. Cada objeto que Elliott possuía fora jogado no chão. Mary olhou para o filho. No meio de tudo aquilo, como ele podia exibir uma expressão tão inocente?

— O que aconteceu aqui?

— Aqui onde?

— Onde? Olhe só para esta confusão! Como é possível?

— Está falando do meu quarto?

— Isto não é um quarto, mas um acidente. Contratou um furacão para vir aqui?

Dentro do armário, o veterano botânico intergalático estava encolhido entre Michael e Gertie. A garotinha parecia prestes a mordê-lo. A boca do menino estava entreaberta, numa expressão apatetada, os ombros enormes e disformes ocupavam um espaço considerável no armário apertado. O hóspede do espaço esperava que o arranjo atual não fosse permanente, já que o aposento era muito apertado.

Ele espiou por uma fresta na porta. A mãe das crianças estava apontando para as coisas que ele espalhara pelo quarto, à procura de componentes para o seu transmissor.

Tentou avaliar o grau de cordialidade da mulher da Terra. Ela não usava correntes de metal, não parecia armada, era tão atraente quanto a princesa marciana *do poster*. Só não tinha, é claro, a silhueta inferior em forma de pêra, a suprema beleza. E também não podia se gabar da elegância incomparável de dedos compridos nos pés.

— Elliott, ouvi Gertie gritar. Você e Michael estavam violando-a de alguma maneira?

— Ah, mamãe...

— Não deve fazer essas coisas, Elliott. Acaba saindo muito caro. Cerca de 90 dólares por hora, para ser mais exata.

— Não fiz nada, mamãe.

— Então por que ela estava gritando?

— Não sei, mamãe. Ela simplesmente entrou aqui, gritou e depois saiu correndo.

Mary pensou a respeito por um momento. Quando menina, costumava entrar em quartos, gritar sem qualquer motivo e depois sair correndo? Claro que sim. E com freqüência. Naquele momento, inclusive, sentia vontade de gritar. Pensando bem, tinha até acabado de gritar. Talvez gritasse mais um pouco com Elliott e depois fosse embora.

— Desculpe, mamãe.

— Eu não tive a intenção de gritar com você, Elliott. Também peço desculpas. Mas arrume o seu quarto ou vou matá-lo.

— Pode deixar, mamãe. Vou arrumar tudo.

Mary virou-se e saiu do quarto. Quando seus passos soavam na escada, a porta do armário se abriu e Michael, Gertie e o velho monstro saíram.

Michael mudara profundamente em poucos momentos. Tinha a sensação de que fora bloqueado no campo de futebol americano por um rolo compressor. O corpo estava entorpecido e não parava de pensar que sonhava, que talvez tivesse ido mesmo jogar futebol, tivera um choque de cabeça com alguém e estava agora inconsciente. Mas lá estava Gertie, irritante como sempre. E lá estava Elliott, nojento como sempre. E lá estava o monstro.

— Elliott, temos de contar a mamãe.

— Não podemos, Michael. Ela certamente iria querer fazer a coisa certa. E sabe o que isso significa, não é mesmo? — Elliott apontou para o viajante espacial. — Ele terminaria como comida de cachorro.

Harvey abanou a cauda.

— Ele fala?

— Não.

— E o que ele está fazendo aqui?

— Não sei.

Os dois meninos olharam para a irmã de cinco anos, que fitava o monstro fixamente, de olhos arregalados.

— Ele não vai machucá-la, Gertie. Pode tocar nele.

O viajante espacial desgarrado submeteu-se a mais sondagens e apertões, as pontas dos dedos das crianças transmitindo suas mensagens para os receptores dele. Embora as mensagens fossem caóticas e confusas, aqueles pequenos cocos não eram estúpidos. Mas poderiam levá-lo à Grande Nebulosa?

— Não vai contar nada, não é mesmo, Gertie? Nem para mamãe?

— Por que não?

— Porque ... os adultos não podem vê-lo. Somente as crianças podem.

— Não acredito.

Elliott tirou a boneca das mãos de Gertie.

— Sabe o que vai acontecer se você contar? Ele torceu o braço da boneca para trás.

— Pare com isso! Pare com isso!

— Promete que não vai contar?

— Ele é da lua?

— Isso mesmo, ele é da lua...

Mary estava estendida no chão do quarto, fazendo ginástica pela televisão. Os convidados do programa eram uma sueca de 50 anos, sem uma ruga sequer, e seu namorado, um imbecil que fazia com que os músculos da barriga realizassem movimentos vagamente pornográficos.

— ... e um ... dois ... três ...

Mary esforçou-se em acompanhar, ficou confusa, tirou o som e ficou simplesmente deitada no tapete, sua pose predileta, em que parecia ter sido alvejada na barriga com uma flecha.

Podia ouvir as vozes baixas das três crianças, no quarto de Elliott. Sabia que estavam planejando alguma coisa. Havia uma

estranha tensão no ar. Seria por isso que sua cabeça estava zumbindo outra vez? Ou seria do bizarro exercício de rejuvenescimento sexual que acabara de tentar realizar, com o tornozelo por trás da orelha? Nunca tentara isso antes. O músculo da coxa ainda estava tremendo. E não era de paixão.

Ela olhou para o idiota na TV, que estava silenciosamente lhe dando instruções. Apesar de seu baixo QI, ele exercia alguma atração sobre Mary. Ela fantasiou a pular de mão dada com ele na piscina na tela, onde a sueca girava um dedão com dois dedos da mão.

Já chega, já chega...

Mary desligou a televisão. Estava na hora de levar comida às bocas de bebês famintos. Saindo para o corredor, ela gritou:

— Muito bem, venham me ajudar a preparar o jantar! Claro que não houve resposta e Mary acabou descendo a escada sozinha.

Esta noite teremos pastelão de peru e ... deixe-me ver... purê de batata instantâneo daria um ótimo prato secundário, com um punhado de biscoitinhos salgados.

Ela começou a preparar o jantar, os olhos se desviando de vez em quando pela janela da cozinha para o quintal ao lado, onde o vizinho montava um cortador de grama, como um gigante demente se divertindo num carrinho de criança. Praticamente não havia grama em seu quintal, por causa de Harvey, que insistia em

escavá-lo à procura de ossos inexistentes. E foi Harvey quem fitou-a agora, com sua expressão suplicante, uma orelha levantada, outra caída.

— Quem comeu o cabo da vassoura, Harvey? Alguém que conhecemos?

Harvey lambeu os beiços, a língua subindo pelo focinho.

— Por que, Harvey? O que você viu que deixou-o tão nervoso? Aquela *poodle* francesa passou de novo por aqui, com um laço nos cachos? Foi isso que deixou-o doido?

Harvey balançou a cabeça, grunhindo baixo e depois ganindo. Não recebera qualquer comida durante o dia inteiro. Todos na casa haviam esquecido a tarefa mais importante, que era a de alimentar cachorros. O que estava acontecendo? Seria por causa do monstro lá em cima?

Terei de comê-lo, pensou Harvey, calmamente. Mary foi até a escada e anunciou, graciosamente:

— Desçam agora ou não vão jantar!

Algum tempo se passou antes que ela ouvisse o suave tropel de rinocerontes descendo a escada. Sua prole apareceu, os três com um ar misterioso.

— O que vocês andaram fazendo? Digam logo. Posso ler vocês como um livro.

— Não fizemos nada, mamãe.

Michael sentou-se, com Gertie ao seu lado. Gertie olhou para o pastelão.

— Essa não!

— Cale-se, querida. Elliott, passe o sal, por favor.

— Fiz uma casa dentro do armário hoje. Elliott olhou para a mãe, desconfiado.

— Que espécie de casa?

— Como se fosse um esconderijo.

— E como arrumou tempo, com toda a confusão que andou fazendo em seu quarto?

— Posso guardá-la?

— Mas não vai usá-la para fugir de suas responsabilidades, não é mesmo, Elliott? Os garotos não devem passar todo o seu tempo dentro de um armário.

— Não será todo o tempo, mamãe. Apenas uma parte do tempo.

— Vou pensar no assunto.

Com essa declaração, Mary mostrou a todos que não tinha alternativa, que Elliott haveria de atormentá-la até que capitulasse.

Tentou mudar de assunto, graciosamente.

— As batatas não estão deliciosas?

— Argh!

— Coma mais um pouco, Gertie, já que está gostando tanto.

— Como melhor na escola — declarou Gertie. — Servem bolo de chocolate.

— É mesmo? Tenho de falar com o diretor da escola a respeito.

— Ele é um tarado.

— Gertie, não use palavras que você não compreende.

— Tarado, tarado... — entoou Gertie, baixinho, sobre as batatas, enquanto Mary enterrava a cabeça nas mãos.

Lá em cima, o venerável viajante espacial saiu do armário. O quarto estava à sua frente, uma confusão de coisas espalhadas por toda parte, uma confusão que ele próprio criara, em busca de peças para seu transmissor. E a busca continuou agora.

Os olhos esquadriharam o quarto, o foco se ajustando. Os elétrons do quarto surgiram à sua frente, empenhados em sua dança circular. Mas o turbilhão cósmico interior não era de qualquer valia. Precisava de objetos sólidos, como... como o toca-discos.

Alterou o foco de volta à visão ordinária e aproximou-se da máquina. O prato estava vazio. Pôs um dedo nele e girou-o.

Como um garfo podia se combinar com aquilo?

A resposta veio prontamente: *por cima ...*

Ele acenou com a cabeça. A fuga seria através de sinais transmitidos pela noite, fios de esperança, centenas de milhões, radiantes como os cabelos sedosos da criatura esguia.

Da parte inferior da casa vinha o som de garfos... um som que ele conhecia muito bem agora... copos, pratos, além de uma algaravia distorcida que penetrava por seus ouvidos.

— *Mamãe, porque as crianças vêem coisas que você não pode ver?*

— *O que você viu, Gertie? O duende de Elliott?*

— *Mamãe, o que são as pessoas que não são pessoas?*

A pessoa que não era uma pessoa sentiu que as crianças não iriam traí-la deliberadamente, mas a garotinha podia criar problemas, por não ter qualquer compreensão da necessidade de sigilo.

Contudo, a situação parecia segura, pelo menos por enquanto. O jantar estava acabando. Uma grande quantidade de M & M fora aparentemente consumida. Ele esperava que lhe trouxessem um pouco.

— *Muito bem, quem vai lavar a louça?*

A voz da criatura esguia chegou aos ouvidos dele, juntamente com a imagem telepática dela, a cabeça coroada por ondas de fibras radiantes, mais sedosas que a própria seda. Se ao menos o nariz dela...

... fosse mais parecido com uma couve-de-bruxelas amassada ...

Ele tornou a girar o prato do toca-discos com o dedo. Os passos de Elliott soaram na escada. Um momento depois, o menino entrou no quarto, carregando uma bandeja.

— Aqui está o seu jantar—disse ele, num sussurro, estendendo a bandeja.

Havia algumas folhas de alface, uma maçã e uma laranja. O veterano estudioso da vida vegetal pegou a laranja e comeu-a, com casca e tudo.

— É sempre assim que você come?

O viajante espacial franziu o rosto. O sistema de análise interior estava avisando-o para lavar a laranja antes, na próxima vez.

— Como você está passando? Sente-se bem?—Elliott percebeu o prato do toca-discos ainda girando. — Quer ouvir alguma música?

O monstro sinalizou que sim. Elliott pôs um disco e baixou a agulha.

Acidentes podem acontecer, mas é apenas rock 'n' roll...

O veterano peregrino das estrelas ficou escutando o som estranho e observando o disco preto girar, a mente absorvida nas idéias para o transmissor. A Nave da Noite Maravilhosa não responderia ao som de pedras rolando por uma encosta. Devia enviar uma mensagem com a linguagem autêntica de sua gente. Mas como poderia modificar aquele som? Como poderia multiplicar a sua freqüência para a região das microondas?

Seus ouvidos captaram a voz da criatura esguia no corredor:

— *O que está fazendo, Gertie?*

— *Vou brincar no quarto de Elliott.*

— *Não deixe que ele a torture.*

A menina entrou no quarto, puxando um carrinho cheio de brinquedos. Havia um vaso de gerânio, que ela pôs aos pés do velho botânico.

Ele ficou olhando demoradamente para o presente. Seu coração-luz palpitou.

Obrigado, garotinha, é muita bondade sua.

Harvey, o cachorro, entrou. Farejou o monstro, aproximou-se do gerânio. Estava precisando ser regado?

— Não faça isso, Harvey.

Michael entrou, esperando que de alguma maneira o monstro tivesse desaparecido. Mas lá estava e teria de enfrentá-lo. Observou-o por um momento e depois virou-se para Elliott.

— Talvez ele seja apenas um animal que não deveria estar vivendo.

— Não diga bobagem, Michael,

— Mas não acredito numa coisa assim...

— Mas eu acredito agora. Para dizer a verdade, sempre acreditei.

Gertie estava pondo os outros presentes diante do monstro.

— Tem aqui um pouco de massa. Já brincou com isso alguma vez?

O extraterrestre pegou a massa e levou-a à boca, preparando-se para dar uma boa mordida.

— Não, seu bobo, é para amassar...

Gertie mostrou como fazer e o monstro fez uma bola.

— Tenho uma idéia — disse Elliott. — Onde está o globo? Michael entregou-o. Elliott virou-se para o peregrino das estrelas, apontando a América do Norte.

— É aqui que nós estamos ...

O viajante espacial assentiu, reconhecendo uma paisagem que já vira muitas vezes, ao se aproximar do planeta na Nave dos Tempos. Conhecia o planeta muito bem ...

— Isso mesmo, é daqui que nós somos — acrescentou Elliott. — E você, de onde é?

O viajante espacial virou-se, olhando pela janela para o céu repleto de estrelas. Elliott abriu um atlas e apontou para uma ilustração do sistema solar.

— Você é da nossa parte do universo?

O monstro separou a massa de modelar, colocando cinco bolas no sistema, em torno de uma bola-sol.

— Cinco? Você é de Júpiter?

Ele não podia compreender as perguntas. Apontou para as cinco bolas e liberou um elétron elevador das pontas dos dedos. As bolas subiram pelo ar, flutuando acima das cabeças das crianças.

As bolas ficaram orbitando, enquanto as crianças gemiam, todo vigor parecendo ter-se esvaído de suas pernas.

— Oh, não!

Será que as ofendera?

Ele cortou a onda de elétron e as bolas caíram no chão.

Depois, retirou-se para o armário, com seu gerânio.

— Mamãe — disse Gertie — Elliott tem um monstro no armário.

— Isso é ótimo, querida...

Mary estava com os pés levantados no sofá da sala, fazendo o melhor possível para não escutar as crianças, algo que se tornara ainda mais difícil, agora que Elliott batera em Gertie com um jornal enrolado.

— *Aiiiiiii!* — berrou Gertie. — Eu odeio você, Elliott!

— Parem com isso! — Mary virou-se, dentro de sua camada de creme facial, sentindo o rosto submerso em graxa, por baixo da qual as rugas estavam milagrosamente desaparecendo. Ou pelo menos era o que ela esperava. — Elliott, seja delicado com Gertie.

— Por quê?

— Porque ela é sua irmã.

— Vamos, Gertie — disse Elliott, com uma súbita mudança de ânimo. — Vamos brincar no quintal dos fundos.

— Assim é melhor — murmurou Mary, tornando a recostar a cabeça nas almofadas do sofá.

Ela ficou olhando pelo halo de creme, com a sensação de que alguém lhe acertara um pastelão no rosto. Mas quando removesse o creme, a Nova Eu surgiria. Se a casa permanecesse relativamente quieta. Ela escutou Elliott levando Gertie pela porta dos fundos. Ele podia ser amável e gentil com a irmã quando queria...

— *Se disser mais uma palavra a respeito do monstro* — sussurrou Elliott, ao saírem para o quintal — *vou arrancar os cabelos de todas as suas bonecas.*

— Tente só para ver o que acontece — disse Gertie, os punhos cerrados nos quadris.

— Gertie, o monstro é ... um grande presente para a gente. Elliott tinha alguma dificuldade com seus pensamentos, tentando formular o que sentia, que algum elevado propósito entrara nas vidas deles, que era a melhor coisa que já lhes acontecera.

— Precisamos ajudá-lo, Gertie.

— Pois ele me parece apenas um brinquedo grande.

— Ele não é um brinquedo. É uma criatura maravilhosa de lá. Elliott apontou para o céu.

— Ainda me parece um brinquedo—insistiu Gertie, amuada.
— E mamãe disse que devemos partilhar nossos brinquedos.

— Vou partilhá-lo com você. Mas terá de mantê-lo em segredo.

— *Um segredo, um segredo* — cantarolou Gertie — *sei de um segredo...*

Ela olhou para Elliott, com uma expressão insinuante nos olhos:

— O que você vai me dar se eu não contar?

— O que você quer?

— Seu *walkie-talkie*.

Gertie sorriu, triunfante. Era a melhor coisa que já lhe acontecera, ter a possibilidade de dominar o irmão mais velho.

— Está bem, pode ficar com ele.

— E terá de brincar de boneca comigo.

Uma expressão desesperada estampou-se nos olhos de Elliott.

— ... todas as bonecas estão tomando chá ... — Gertie estava em seu quarto, ajeitando a mesa de brinquedo. As várias bonecas estavam sentadas ao redor, conversando —. . .e minha boneca diz para a sua boneca: "Os garotos não são horríveis?" E sua boneca diz...

Elliott escutou o que sua boneca tinha de dizer e depois repetiu, fazendo a cabeça da boneca mexer e depois estender a mão para o chá. Recordou com uma melancólica felicidade o tempo em que costumava passar de *skate* pelos chás de Gertie,

derrubando bonecas, cadeiras, mesa, depois se afastando, rindo a valer. Será que esses momentos maravilhosos haviam desaparecido para sempre? Mary passou pela porta e deu uma olhada.

— Ora, Elliott, é muita bondade sua.

— Elliott vai brincar de boneca comigo todas as noites — anunciou Gertie, na maior felicidade.

A boneca de Elliott gemeu e resvalou para baixo da mesa.

Quando chegou para o jogo de Masmorra & Dragões, Tyler foi recebido pelo estranho espetáculo de Elliott na cozinha com Gertie, brincando com o fogão em miniatura. Elliott usava avental e tinha uma pequena fôrma para bolo na mão.

— Ei, você está mudando?

Tyler encostou o corpo magro e prematuramente alto na porta. Era todo pernas e braços. Elliott aproveitou a oportunidade para chamá-lo de Homem Elástico, um apelido que Tyler detestava, por transmitir o seu pior receio, o de que pudesse crescer até mais de dois metros.

— Ei, o que você está fazendo, Elliott? — Tyler inclinou-se sobre o pequeno fogão onde Gertie estava em atividade, extasiada, enquanto o irmão escravizado misturava terra com água. — Parece um bolinho bem gostoso.

— Não enche, Tyler.

Elliott limpou as mãos no avental estampado.

— Já esqueceu que tínhamos um jogo marcado de M & D para esta noite?

— Ele só vai brincar comigo pelo resto de sua vida — declarou Gertie.

A porta dos fundos se abriu e Greg entrou, com sua camisa luminosa que o fazia parecer um papel de caramelo, uma impressão acentuada pelo fato de que ele babava ao falar.

— Ei, o que está acontecendo por aqui?

— Nada, Boca de Chuveiro — resmungou Elliott, sem parar de fazer os bolinhos de lama.

— Elliott e eu estamos fazendo tortas de dragão — informou Gertie.

Greg virou uma cadeira e sentou-se, sorrindo maliciosamente, a saliva voando enquanto falava:

— Qual foi o caso? Você abusou dela ou algo assim?

— Não entra nessa, Greg — advertiu Tyler.

Mas Greg continuou a babar no encosto da cadeira.

— Posso dizer agora que já vi tudo.

Ele ficou olhando para Elliott, que até então, pelo que sabia, sempre fora como qualquer outro irmão do mundo, só fazendo companhia à irmã quando a brincadeira era interessante — por exemplo, fazer-lhe cócegas até que ela tivesse um colapso nervoso. Era uma das coisas que Greg gostava de fazer com sua própria irmã. Ou amarrá-la a uma árvore e depois fazer-lhe cócegas. Ou entrar no banheiro com quatro ou cinco colegas quando ela estivesse tomando banho e cercá-la, rindo, enquanto ela gritava. Essas eram as brincadeiras certas. Mas aquilo? Gotas pensativas de saliva escorreram pelo lábio inferior de Greg, pingando na camisa de néon.

O último membro da turma de Masmorra & Dragões apareceu na janela da cozinha. Era Steve, usando um gorro de beisebol.

— Não diga nada — rosnou Elliott, pondo um bolinho de lama no fogão de brinquedo, enquanto Steve entrava na cozinha.

— O que eu posso dizer? — Steve sorriu. — Essas coisas acontecem.

Sua própria irmã já o chantageara. Era preciso estar sempre de guarda, manter as portas trancadas, as luzes apagadas. Não se podia deixar de ser cauteloso em momento algum.

— Elliott e eu estamos dirigindo uma confeitaria — explicou Gertie. — E todo mundo compra os nossos bolinhos, até mesmo Papai Noel.

Ela virou os botões do fogão e fechou a porta do forno em que estavam os bolinhos de lama. Olhou em seguida para Elliott, exibindo travessamente nos olhos o conhecimento do segredo, que era a existência do monstro lá em cima. Elliott estremeceu e pôs-se a preparar no mesmo instante outra batelada de bolinhos de lama.

De noite, o extraterrestre levantou os olhos de suas almofadas para ver Elliott saindo pela janela do quarto para o telhado da varanda.

Para onde o menino estava indo?

O viajante espacial observava pela janelinha do armário, enquanto Elliott atravessava o telhado inclinado e descia pela escada para o jardim. E o menino sumiu um momento depois.

Ele ficou controlando o menino telepaticamente. Elliott estava subindo o morro além da casa. Estaria indo buscar comida para o seu amigo no armário?

Não. O menino estava avançando pelo aceiro, onde todos os problemas haviam começado.

As delicadas antenas mentais do extraterrestre se contraíram espasmodicamente, pois através da noite podia sentir... o retinir dos dentes na argola do terrível troféu.

Elliott não estava sozinho no aceiro.

Havia outra pessoa ali, procurando pelas sombras. Procurando por quem?

Podia haver alguma dúvida?

Ele sentiu os passos pesados, sentiu os olhos frios do terráqueo, um olhar que rasgava a noite com sua própria telepatia.

O viajante espacial desligou o radar mental e encolheu-se no armário. Estavam atrás dele, com suas luzes ofuscantes. Estavam nas colinas, investigando cada palmo de terra, o radar mental deles informando que o extraterrestre estava em algum lugar por ali e haveria de encontrá-lo.

E sufocá-lo.

Dentro de um vidro.

Ele estendeu a mão para um Oreo e mastigou-o nervosamente. Nunca deveriam encontrá-lo. Mas estavam bem perto. E Elliott estava lá em cima, espionando-os. O que aconteceria se ele fosse apanhado? Poderia ser obrigado a revelar o que sabia sobre um hóspede de formas estranhas que estava abrigado em seu armário?

O extraterrestre virou-se para o seu gerânio, com um olhar suplicante. A planta virou-se na haste, ficando de frente para ele. Os botões se abriram e desabrocharam subitamente, numa erupção de flores vermelhas.

Depois suspirou, quase expirando do tremendo esforço. Mas o botânico espacial afagou o gerânio com um dedo comprido e murmurou suavemente. Sua fala cósmica, a quinta-essência da

experiência de incontáveis mundos, revigorou a planta, estabilizando-a em seu glorioso desabrochar.

Sua voz é a fórmula de crescimento mais pura, Venerável Mestre, disse o gerânio.

É, sim, mas o problema é que não é inglês.

O idoso viajante espacial cocou a cabeça. Inglês era o que precisava, a fim de poder se comunicar e expressar os seus desejos.

Gertie lhe trouxera a sua cartilha. Ele ajeitou-a no colo e lentamente foi traçando as letras ... M ... e M.

Elliott ficou deitado nas moitas, ao lado do aceiro, observando os agentes do governo passarem, as luzes de suas lanternas varrendo em todas as direções. Se o encontrassem, ele diria que estava simplesmente passeando com seu cachorro.

Harvey estava agachado ao lado dele, tremendo nervosamente. O cachorro sentia um desejo quase incontrolável de sair correndo e morder o homem com as chaves. Harvey sentia que qualquer pessoa que tivesse tantas chaves merecia ser mordida.

— Não há nada aqui esta noite — disse um dos agentes.

— Sei que não há. Mesmo assim, continuo com a impressão de que estamos sendo observados. — O homem com as chaves passou o fecho da lanterna pela beira do aceiro. — Mas por quem?

Por um cachorro faminto, pensou Harvey, imaginando se não haveria rações de emergência de leite e ossos num dos veículos estacionados no aceiro. Ele tentou se adiantar, mas Elliott conteve-o.

— Fique quieto, Harvey ...

O cachorro recuou para sombras mais profundas. Um momento depois, Elliott também recuou. Os dois desceram silenciosamente pela encosta arenosa.

A noite estava iluminada por um bilhão de estrelas. Elliott sabia que tinha um dos maiores segredos da noite oculto em seu quarto. Jamais revelaria esse segredo, por mais que o tentassem, mesmo que o prendessem e torturassem.

Harvey, por outro lado, estava disposto a vender qualquer coisa por um pouco de comida. Só que ninguém estava lhe pedindo. Enquanto avançava, ele tentava formular um plano.

— Temos um grande tesouro conosco, Harvey — disse Elliott, baixinho. — Sabia disso?

Harvey baixou os olhos para a calçada. Tudo o que sabia é que não havia comida de cachorro em quantidade suficiente no mundo.

— Eu amo ele, Harvey. É o melhor cara que já conheci. Elliott contemplou as estrelas, tentando imaginar qual delas pertencia a seu novo amigo.

Todas lhe pertenciam, disse um sussurro do luar.

As orelhas de Harvey se levantaram.

Será que ouvi alguém? Alguém arrastando um saco de ração?

Ele olhou ao redor, mas a rua estava vazia.

Mary acordou com um barulho no telhado. Tirou os chumaços com ervas dos olhos e sentou-se na cama.

Mas o barulho já cessara e a casa estava outra vez em silêncio. Ela foi até a janela e olhou para fora. O jardim estava vazio, a não ser por Harvey, que escavava um buraco furiosamente.

Ela fechou a cortina sobre o cachorro demente e voltou para a cama. Tinha certeza que alguma coisa estranha estava acontecendo. Mas o quê? O que seus filhos andavam tramando?

Ajeitando o travesseiro, Mary abraçou-o, sonolenta. O sonho que estava tendo aflorou em sua mente. Estava dançando, que maravilha ...

... com alguém que batia no seu umbigo.

As pálpebras caíram. A música estranha recomeçou, um som de outro mundo, com rangidos e *bips*. Ela sentiu que voltava a dançar, o parceiro lá embaixo, fora de suas vistas, o nariz comprimido contra a sua barriga.

— Temos de contar, Elliott. É muito importante.

— Não. Ele quer ficar com a gente.

Os dois irmãos estavam se encaminhando para o ponto de ônibus escolar. Michael estava transtornado. Seu mundo começara a virar pelo avesso. Idéias esquisitas surgiam em sua cabeça, sobre cursos de satélites e a superfície de Mercúrio, ao invés de corridas e passes no campo de futebol americano, as coisas realmente importantes na vida.

— Ele é um homem do espaço exterior, Elliott. Não sabemos o que ele vai fazer ou por que está aqui. Podemos acordar um dia e nos descobrirmos em Marte ou algum outro lugar assim, cercados por milhões desses caras esponjosos.

Elliott não estava escutando. Um novo vulto na rua lhe atraía a atenção.

— Ei, aquele não é o nosso leiteiro habitual!

— Tem razão. Nosso leiteiro deve estar de férias.

— Escute, Michael, há gente nova por aqui, gente que nunca esteve nas vizinhanças antes. Olhe para aquele carro, com um cara sentado ao volante, lendo um jornal. Eles estão procurando-o.

— E quem são eles?

— Estão por toda parte. Até lá em cima, nos morros.

— É melhor você pensar em alguma coisa bem depressa, Elliott, antes que eles caiam em cima da gente.

— Ele precisa de tempo para planejar sua estratégia.

— Talvez ele não seja tão esperto assim. Talvez seja como uma abelha operária, que só sabe apertar botões ou algo parecido.

— Michael, ele ... ele está tão à nossa frente que nem dá para você imaginar.

— Então por que ele está vivendo lá no armário?

— Teve um azar. Mas vamos dar um jeito de mudar isso.

— Elliott, não passamos de um par de garotos estúpidos. Será que não percebe isso? Se alguém vai ajudá-lo, só pode ser cientistas treinados ou algo assim. Caras com... caras com muita coisa na cabeça. Podem examiná-lo, alimentá-lo melhor.

— Nós o estamos alimentando direito.

— Com balas, Elliott. Que espécie de dieta é essa? Talvez você o esteja matando e não saiba.

O rosto de Elliott ficou tenso, a voz tornou-se ainda mais esganiçada.

— Se o entregarmos a alguém, Michael, ele nunca mais poderá voltar para sua casa. Sei disso com certeza.

— Como sabe, Elliott? Como pode ter tanta certeza?

— Sinto que é assim, como se estivesse gravado em mim, lá no fundo. É uma idéia que não me sai da cabeça. Ele nos escolheu porque só nós podemos ajudá-lo.

— Mas por que nós? Não somos ninguém. Não temos dinheiro, não temos idéias. Nem mesmo temos um pai.

— Nada disso importa. Ele sabe. Somos as pessoas que ... que vão providenciar tudo para ele.

— Providenciar o quê?

— Alguma coisa...

Elliott hesitou, como se estivesse despertando de um sonho que devia recordar mas não podia, um sonho que a criatura espacial lhe enviara, uma imagem do que o viajante precisava. Mas a imagem já se desvanecera e o ponto de ônibus estava a alguns metros de distância.

Tyler, Steve e Greg já estavam ali, provocando-se enquanto esperavam, provocando Elliott ao vê-lo.

— Ei, Elliott, o que você vai cozinhar hoje? Não quer fazer uma torta de fruta para mim?

— Não enche, Tyler.

Greg molhou Elliott com alguns conselhos sobre Gertie, a saliva brilhando no lábio habitualmente retorcido. Era um conselho ponderado e sábio.

— Sufoque-a no cesto de roupa suja. Steve interveio:

— Ei, Elliott, esqueci de perguntar: o que aconteceu com seu duende? Ele voltou?

A tensão das brincadeiras de boneca com Gertie, de pular amarelinha e fingir de cozinhar era demais para Elliott. Ele explodiu:

— Voltou, sim. E não era um duende, mas sim um viajante espacial.

— Quem era um viajante espacial?

Um garoto pequeno, de cabelos vermelhos, falando em voz alta anasalada, adiantou-se.

— Você sabe quanto tempo leva para se ir da Terra a Urano?

— Pode enfiar toda a distância no rabo, Lance — disse Elliott, já arrependido de seu deslize.

A cara de rato de Lance estava brilhando. Ele parecia sentir que

havia alguma coisa importante no ar. O ônibus parou no ponto e os meninos embarcaram, passando pelo motorista novo.

— Ei, o que aconteceu com George?

— Ele está doente — respondeu o motorista novo, a quem nenhum dos meninos vira antes.

Gertie não tinha escola naquele dia. Deveria ficar lá, mas fingira estar doente e uma professora a levava de carro para casa, onde poderia brincar em paz com o monstro.

Porque Elliott estava monopolizando inteiramente o monstro.

Ela pegou o seu carrinho e começou a amontoar brinquedos nele, coisas que sabia que o monstro haveria de gostar. Esperava que ele ficasse na casa para sempre e casasse com a mamãe.

Ela puxou o carrinho pelo corredor, até o quarto de Elliott. Abriu a porta do armário e entrou. O monstro levantou o rosto, revirando os olhos. Gertie também revirou os olhos, rindo. Sentou-se ao lado dele, puxando o carrinho.

— Você é um brinquedo grande? — Gertie fitou-o de alto a baixo. — Se não é um brinquedo grande, então o que você é?

Ele recuou para o canto do armário, parecendo meio assustado. Gertie não sentia o menor medo, não sentia mais, porque na noite anterior sonhara que o monstro a levava a um lugar lindo, muito longe, nas estrelas. Ele a levava pela mão e mostrava flores maravilhosas, passarinhos estranhos que pousavam em sua cabeça, cantavam sem parar. E havia uma luz adorável ao redor.

Agora, Gertie pegou-o pela mão e disse:

— Não precisa ter medo. E como no sonho. — Ela afagou-lhe a mão, da mesma maneira que fazia com Harvey. — Elliott e eu vamos cuidar de você. Por isso, não precisa se preocupar, mesmo que você seja um brinquedo grande. Está vendo minhas bonecas no

carrinho? Elas não têm cabelos bonitos? Sabia que você não tem nenhum cabelo?

O extraterrestre ficou observando a criança a falar. Embora ela fosse melhor companhia que Harvey, como crianças assim poderiam ajudá-lo a entrar em contato com sua gente? Podiam escondê-lo, é verdade, por algum tempo. Mas ele precisava de alta tecnologia, não de um carrinho cheio de bonecas.

— ... e aqui está minha piorra. Este é o meu colete de vaqueira. Não é bonito? Aqui está meu Fale e Soletre. Alguma vez já brincou com uma coisa assim?

O extraterrestre pegou a caixa brilhante retangular entre os dedos compridos. A mente subitamente entrou num foco superior, o coração-luz palpitou.

— Ensina a gente a soletrar — explicou Gertie. — Veja só ... Ela apertou um botão na caixa, um botão marcado *A*. O Fale e

Soletre falou a Gertie. Disse nitidamente, com uma voz de homem:

— *A...*

Ela apertou o botão *B* e a mesma voz disse:

— *B...*

O viajante espacial apertou o botão *M* e ouviu:

— *M...*

— E agora veja isso — disse Gertie, apertando um botão marcado *Go*.

A caixa falou:

— *Soletre "mecânico"*.

Gertie apertou diversos botões. Mas ainda não soletrava muito bem. A caixa disse:

— *Não. Errado. Tente de novo*. Ela tentou outra vez. A caixa disse:

— *Está errado. A soletração correta é M-E-C-Â-N-I-C-O*.

A criatura espacial ficou olhando fixamente para o instrumento, os olhos faiscando. Podia ensinar-lhe a falar uma língua da Terra. Mais importante, porém, muito mais importante — na verdade, a coisa mais importante entre todas as coisas do universo naquele momento — era o fato de ser um computador.

Sua mente já estava no interior do instrumento, esquadrinhando o microprocessador, o sintetizador da fala, os bancos de memória.

— Ei, você está bem?

Gertie tocou na criatura espacial, cujas mãos estavam tremendo. Ele acenou com a cabeça para a criança, mas seus olhos continuaram fixados no precioso instrumento, enquanto o cérebro disparava, procurando soluções, soluções alternativas, caminhos e

desvios para a liberdade ... tudo em decorrência daquela pequena caixa.

Gertie tornou a apertar botões.

— *Soletre "aborrecimento"* — disse a caixa.

Ela soletrou de maneira errada. O velho cientista ficou observando-a brincar, esperando que ela cansasse.

— Eis aí a sua lição de soletrar para hoje, Sr. Monstro. Voltarei mais tarde.

Gertie retirou-se. O monstro ajeitou a caixa no colo e retirou a tampa na parte posterior.

Maravilha das maravilhas ...

Ele acariciou os circuitos.

Ali estava o coração de seu transmissor.

Ele mastigou um Oreo e começou a trabalhar. Um esquema radiante do Fale e Soletre surgiu em sua mente enquanto falava, absorvendo todos os seus segredos. Informações acumuladas e os métodos de acumulação eram brincadeira de criança para um veterano cientista espacial. Computadores eram amigos familiares. Mesmo assim, era estranho encontrar um computador que falava.

— *Soletre "mecânico"* ...

Os ouvidos se dilataram e ele ouviu atentamente a máquina, o cérebro absorvendo rapidamente os fonemas sobre os quais a língua estava baseada.

— *Soletre "aborrecimento" ...*

Seus próprios circuitos zumbiram, assimilando, sintetizando. Os olhos ficaram vidrados, enquanto a mente se elevava a faixas superiores de aprendizado. Em outros planetas — planetas mortos, planetas perdidos — ele estudara as bases de línguas antigas, acabando por dominá-las. Ali, em seu colo, tinha um instrumento de aprendizado, o Fale e Soletre da Terra, a pedra eletrônica pela qual poderia dominar os sinais e sons daquele planeta.

— *Soletre ' 'geladeira" ...*

A sutil irradiação da palavra apareceu em sua visão interior. Ele viu o objeto mencionado, viu uma geladeira, o lugar em que se guardava o leite e outros alimentos.

— *üeeee-laaaa-deiiii-rrrra ...*

A boca se empenhou em formulara palavra e o conceito, simultaneamente. A barriga parecia falar e compreender também, todas as coordenadas interiores se concentravam no som precioso.

Assim inspirado, o centro de linguagem do cérebro maravilhoso foi plenamente ativado, mil línguas arquivadas ressurgindo, como pontos de referência. Assim, a língua da Terra podia ser considerada em um plano global. Ele apreendeu os elementos fundamentais e depois as sutilezas.

— Bo-lo...

Teria em breve um vocabulário funcional completo, que lhe permitiria se comunicar em qualquer parte da sociedade, dizer as coisas importantes.

— Sor... vete ...

Ele apertou repetidamente o botão da máquina. Era um instrumento amistoso, ao mesmo tempo mestre e companheiro. Mas era também mais do que isso.

Pois aquela máquina, já falando a língua da Terra, possuía um computador interno que poderia lhe permitir falar outra língua. Seria a língua dele, que passaria a ser transmitida para as estrelas.

Seu único erro do dia foi permanecer em contato telepático com Elliott. Como toda a sua atenção estava concentrada no Fale e Soletre ele esqueceu Elliott. Mas a ligação telepática persistiu, o que causou as maiores dificuldades a Elliott. É que o menino deveria estar dissecando uma rã na aula de biologia.

O professor estava prestes a começar. Mas um dos alunos estava recebendo uma mensagem premente, relativa à esquemática de um Fale e Soletre.

— Vamos tirar a pele — o professor apontou para uma banheira cheia de rãs vivas — e dar uma olhada no que tem lá embaixo. — Ele pegou uma das rãs e traçou uma linha vermelha pela barriga. — Faremos nossa incisão aqui... Elliott, o que você pensa que está fazendo?

O professor olhou para a prancha do menino. Elliott cobria o papel freneticamente com diagramas de circuitos eletrônicos altamente sofisticados, a mão se movendo como se escrevesse automaticamente, como se fosse controlada por um fantasma.

O fantasma, é claro, era o extraterrestre no quarto de Elliott, sua mente sobrepondo-se à de Elliott com os mistérios da fala digital e memória programável.

Mas o professor não sabia disso. O aluno, sempre um problema, estava ignorando inteiramente a aula, escrevendo tão febrilmente que tinha a testa coberta de suor. Todos na sala estavam de repente observando-o.

— Elliott...

O menino continuou a escrever, até a beira do papel, pela mesa. O braço foi escrevendo pelo ar. Ele foi para a frente da sala, suspendeu o gráfico de anatomia da rã, pôs-se a escrever a giz no quadro-negro.

Tyler, Greg e Steve olhavam espantados. Tyler esticou as pernas compridas por baixo do banco e chutou o tornozelo de Greg. Apontou para Elliott e girou um dedo perto da têmpora, indicando que o colega estava com um parafuso solto.

Greg assentiu, uma vasta quantidade de saliva acumulando-se no canto da boca, enquanto observava Elliott escrevendo como um maníaco no quadro-negro, estranhos diagramas fluindo da ponta do giz, como o interior de um rádio ou alguma outra máquina

parecida. Uma bolha nervosa surgiu nos lábios de Greg. Era para soprar tais bolhas que ele guardava saliva. Jamais conseguira fazer com que uma bolha se desprendesse de seus lábios e flutuasse no ar, pois sempre arrebetavam quando tentava lançá-las. Mas um perfeito espécime desprendeu-se de repente, por vontade própria, flutuou na direção do professor, arrebetando atrás da cabeça dele.

O professor nem percebeu. Estava gritando com Elliott.

— Sente-se imediatamente, menino!

Ele segurou Elliott pelo braço. Mas o menino estava dotado agora de uma força muito além de sua idade. Parecia vibrar estranhamente. A criação enigmática estava rapidamente cobrindo o quadro-negro, criando um pandemônio na sala.

— A aula está encerrada! Podem sair! Continuaremos na próxima semana! Elliott!

O giz quebrou no dedo de Elliott e caiu no chão. Ele virasse para o professor, os olhos enevoados, a mente contendo todo o conhecimento de um computador, que lhe surgira de repente, do nada.

— ... análogo a digital... — murmurou o menino.

O professor levou-o para o corredor. Uma pequena gota de sangue surgiu na ponta do nariz de Elliott. Steve pôs o gorro na cabeça e ficou olhando Elliott ser conduzido à sala do diretor.

— Ele vai passar um mês limpando apagadores.

— Ele deve estar pirando — comentou Tyler.

— Talvez tenha encontrado as pílulas de dieta de Mary — sugeriu Greg. — Ela não tomava umas coisas para se animar?

— Aposto que é por causa daqueles bolinhos de lama que ele andou fazendo — disse Steve. — Sei muito bem o que uma irmã pequena pode fazer com um cara. Pode arruinar a vida da gente.

Gertie tirou os olhos do livro de colorir, perguntando-se por que estava colorindo, quando tinha o monstro para brincar. Mas alguma coisa a fizera sair do armário e a despachara para seu próprio quarto.

Mas despertara agora e queria brincar mais um pouco com o monstro.

Atravessou o corredor até o quarto de Elliott e entrou. Nesse momento, lembrou-se mais um pouco do sonho que tivera na noite anterior. Ela e o monstro estavam num lugar distante, deslizando por uma catarata, de mãos dadas.

Gertie abriu a porta do armário. O monstro estava brincando com o seu Fale e Soletre. Ela olhou para os olhos grandes e engraçados, viu a catarata do sonho ali, cada cor do arco-íris reluzindo, enquanto a água fluía.

O viajante espacial pôs o Fale e Soletre de lado. Sua mente estava agora satisfeita, tendo absorvido todo o complexo circuito, a melhor refeição mental que já fizera desde que chegara àquele planeta.

Mas esquecera inteiramente as crianças e não devia fazer isso, pois elas eram absolutamente necessárias. Sem as crianças, seu trabalho não poderia dar certo. Fora das mãozinhas daquela menina que ele recebera o todo-poderoso Fale e Soletre. Que outros presentes ela não poderia dar-lhe?

— Vamos, Monstro. Não tem ninguém ...

Gertie levou-o pela mão, os dedos quase sumindo na palma imensa, sobre a qual estava escrito o destino de um homem das estrelas — que três crianças da Terra haveriam de ajudá-lo a voltar às estrelas. Mas a linha do destino é difícil de interpretar, como ele sabia muito bem, os vincos que cortavam a sua eram muitos, levando para cima... ou para baixo.

Gertie atravessou o quarto à frente dele, saindo para o corredor.

— Você vai gostar...

Ele quase podia compreender a criança agora, depois de passar a tarde dentro da reprodução de onda-forma de fala do Fale e Soletre. Estava na hora de tentar um pouco daquela nova língua.

— Soletre mecânico. Gertie fitou-o.

— M-E-C-A-M-E-C-U.

— Está errado.

— Você sabe falar!

Ela arrastou-o para o quarto da mãe, onde o extraterrestre captou a onda integral da criatura esguia. Era maravilhosa no centro, mas margeada de solidão.

Jovem criatura esguia, México é apenas um *bip* numa tela muito maior... e há um lindo admirador nas proximidades ...

Bip-bip...

Ele olhou pela janela e viu-a chegando de carro e parando ao lado de sua horta. Afinal, ela não era uma alma generosa? Adorando os vegetais como ele também adorava? Não era essa a base para um relacionamento mais amplo, mais íntimo? Ele deveria exibir-lhe o seu perfil de berinjela?

Não, parecia absurdo. Ela podia não compreender sua presença no armário do filho. Seria muito difícil explicar, mesmo com o domínio da língua que acabara de conquistar.

Isso é correto. Agora soletre *aborrecimento*.

— Mamãe está no jardim — disse Gertie. — Ela não pode nos ouvir aqui.

Gertie foi na ponta dos pés até o aparelho de TV e ligou-o. Um Muppet apareceu, os olhos esbugalhados, como os do extraterrestre . Ele se aproximou da tela.

— *Sabe contar até dez?* — indagou o Muppet de olhos esbugalhados.

— Sei — disse Gertie.

— *Um ...* — disse o Muppet.

— Um — respondeu o monstro.

— Dois! — entoou Gertie, partindo na frente. — Vinte, trinta, quarenta, *cinconta!*

— *Cinconta* — repetiu o monstro.

O Muppet dançou sobre os pés imensos. Gertie olhou para os pés intergalácticos do monstro. E perguntou:

— Você é um Muppet?

— Não.

— *Maçã* — disse o Muppet.

— *Maçã* — disse Gertie.

O monstro estava indo para trás da televisão, desejando examinar os componentes mais atentamente. Estava sondando. O sintonizador de UH F era o que precisava, a fim de multiplicar o sinal do Fale e Soletre para a frequência de microonda.

Está certo. Agora soletre *radiofarol*.

Ali estava, ele precisava apenas removê-lo. Só que pertencia à criatura esguia. Podia sentir a afeição dela ao aparelho,

a um programa determinado, envolvendo um homem que flexionava músculos e pulava loucamente, com um sorriso idiota.

Apesar disso, tinha de tomar emprestado, temporariamente.

Gertie, no entanto, estava gritando alegremente. Antes que o velho cientista pudesse remover o sintonizador UHF, a menina meteu-lhe um chapéu de *cowboy* na cabeça, a fim de ficar igual ao *sombrero* que ela já usava.

— Agora nós dois somos *cowboys*.

— *B* — disse o Muppet.

— *B* — disse o monstro.

— Estou vendo pelo seu traje que você é um *cowboy* — cantou Gertie, desafinada.

— Ser boa — disse o monstro.

A exuberância da menina gritando certamente acabaria atraindo a mãe. O velho monstro arrastou-se até a janela e olhou para fora. O jardim estava vazio. Ele empurrou o chapéu para trás dos olhos e apontou para o corredor.

— Casa.

— Diga de novo — pediu Gertie.

— Casa.

A voz da criatura esguia soou lá embaixo, em meio às risadas de Gertie:

— Gertie, você quer ver a maior abóbora que já conheceu em toda a sua vida?

— Estou brincando, mamãe. Com o... com o ...

— Ser boa, ser boa — disse o monstro.

Ele pegou a boneca e torceu-lhe o braço. Sabia que era uma espécie de controle para desligar a menina.

E Gertie ficou imediatamente quieta.

Ele levou-a em silêncio pelo corredor. Parou de repente, para dar uma olhada na mãe lá embaixo, que estava junto à mesa no vestíbulo, examinando a correspondência.

A aura suave de arco-íris da mulher fluía em todas as direções. Ele se deteve ali por um momento.

— *Vamos, Monstro* — sussurrou Gertie.

Ela arrastou-o pelo resto do corredor até o quarto todo desarrumado de Elliott. A porta do armário foi aberta e Gertie empurrou-o para dentro, no momento em que a voz de Elliott soava lá embaixo:

— *Oi! Estou em casa!*

Gertie entrou no armário com o monstro. Pegou o seu Fale e Soletre e apertou a letra *B*. O que apareceu na tela foi uma letra como nunca antes se vira na Terra. E a voz que falava do interior da caixa não mais dizia o velho *B* de sempre. Dizia apenas ... *bip*.

Ou algo parecido, algo muito estranho. O velho mago de computador exibiu um sorriso ... um sorriso de tartaruga.

— Eu gostaria de saber o que está errado com o meu Fale e Soletre — murmurou Gertie.

— Nada — disse o monstro.

A redistribuição do sinal era satisfatória. Ele rompera as gravações anteriores no banco de memória e reprogramara com um novo vocabulário.

A porta do armário se abriu e Elliott entrou.

— Elliott — disse o monstro, de suas almofadas. A boca de Elliott se escancarou.

— Fui eu que ensinei ele a falar — disse Gertie.

— Você falou comigo! — exclamou Elliott, aturdido. — Diga de novo!

— Elliott. ..

— E.T. Pode dizer isso? Você é E.T.

— E.T. — repetiu o extraterrestre.

Bateram na porta do quarto, três vezes consecutivas.

— É Michael — disse Elliott, abrindo a porta do armário. Eles saíram para o quarto, enquanto Michael entrava. O monstro olhou para ele.

— Soletre mecânico.

— M-E-C... o quê? Elliott sorriu.

— Nós ensinamos ele a falar.

— Fui *eu* que ensinei! — protestou Gertie. Michael deu um passo à frente.

— O que mais você sabe dizer?

— Soletre aborrecimento.

— Isso é tudo o que ele pode fazer? Mandar a gente soletrar coisas?

O Veterano viajante espacial deu de ombros, modestamente. Ainda não podia compreender as crianças muito bem, mas sabia que podia comunicar as coisas essenciais. Eles teriam de roubar o sintonizador U H F da mãe, ao mesmo tempo em que mantinham-no abastecido de balas.

A campainha do telefone interrompeu a conversa. A voz de Mary veio lá de baixo:

— *Elliott, é para você.*

Elliott saiu para o corredor e atendeu na extensão no alto da escada, voltando para o quarto a puxar o fio comprido do telefone.

— *Alô, Elliott.* — A voz estridente, anasalada, encheu o fone.
— *Aqui é Lance.*

Elliott pôde sentir um tom perigosamente inquisitivo na voz de Lance... Lance, que nunca lhe telefonava a não ser para mentir como fora alta a sua contagem em Asteróides, agora falando subitamente sobre Saturno, Monte Olimpo e Marte, de outras estranhas coisas espaciais ...

— *... isso mesmo, Elliott, espaço, espaço, espaço. Parece que está gravado no meu cérebro. Não é estranho? Não acha que alguma coisa estranha está acontecendo? Eu vou ...*

— Tenho de sair agora.

Elliott desligou e limpou o suor da testa. Podia sentir que Lance estava fechando o cerco.

O mesmo podia também acontecer com o veterano viajante espacial telepata, que controlara a ligação. A vibração ainda estava dentro dele, de uma criança curiosa demais, do tipo que poderia ... soletrar encrenca.

Sendo assim, não havia tempo a perder. Ele apontou para o telefone e depois para a janela.

— O que está querendo dizer com isso, E.T.?

Ele tornou a apontar para o telefone e a janela, indicando a imensidão do espaço.

— Telefonar casa.

— Você quer... telefonar para sua casa? Ele acenou com a cabeça.

— E.T. telefonar casa.

— Não, Elliott, chamar seu professor de histérico não é uma explicação satisfatória.

— Não sei por que ele ficou tão furioso. Eu estava apenas brincando.

— O que deu em você ultimamente?

— Estou muito bem, mamãe. E apenas uma fase pela qual estou passando.

— Por favor, não fale como um psiquiatra.

Mary pegou uma bolacha dietética e mastigou o formato insosso. Era a hora da refeição, a hora da loucura; se cedesse a seus verdadeiros desejos, comeria um pão inteiro, com muita manteiga e geléia de morango, a fim de aliviar as suas ansiedades indefinidas, além das outras perfeitamente definidas, como Elliott.

— Alguma vez já se encontrou com monstros, mamãe? — perguntou Gertie.

— Freqüentemente.

Mais do que isso, pensou Mary, casei com um deles.

— Tenho um amigo que é um monstro — acrescentou Gertie. Nesse momento, Elliott pegou a boneca da irmã e torceu-lhe o pescoço.

— Elliott! — gritou Gertie. — Desculpe, eu esqueci...

— Por favor, Elliott — disse Mary. — Não seja sádico. Gertie choramingou e acariciou a boneca. Elliott lançou-lhe um

olhar furioso. Mary pegou um pedaço de pão, passou muita manteiga e acrescentou diversas colheres de geléia. Momentos depois, com isso no estômago, sentiu-se inchada e embotada. Por isso, comeu outro pedaço de pão, da mesma forma, em busca de consolo.

— Mamãe — comentou Michael — você está comendo pão outra vez.

— Cale-se — disse Mary, suavemente.

Ela tentou continuar a comer, mas Michael afastou o pão, Gertie pegou a geléia e Elliott a manteiga. Mary contemplou os filhos e murmurou:

— Obrigada.

— A Mãe Que Comeu o Mundo — disse Michael.

— Está bem, está bem. — Mary começou a recolher a louça, rompendo o encantamento da geléia. — Não me deixem chegar perto dessa coisa. Levem-na para longe, bem longe.

Foi o que eles fizeram. Puseram atrás de suas costas, levaram para cima e alimentaram o E.T.

O interior da Fale e Soletre estava exposto, tudo reagrupado de forma diferente, algumas peças com resquícios de geléia de morango. Em vez de *mecânico*, *aborrecimento* e outras palavras da Terra, a máquina dizia agora *doop-doope*, *skigle ezlock*, aproximadamente, além de muito mais que nenhum ouvido humano podia compreender. As crianças estavam sentadas ao lado dele. Ele fez uma demonstração, apertando os botões.

— Essa é a sua língua, E.T.?

— E.T. telefonar casa.

Ele apontou pela janela do armário

— E eles virão buscá-lo? E.T. assentiu.

Mas aquilo era apenas parte de seu transmissor, apenas a máquina que emitia a mensagem. Devia ser armada sob as estrelas e funcionar constantemente, noite e dia, embora não houvesse ninguém para apertar seus botões. Para isso precisava de uma força propulsora, algo que provocasse a repetição, incessantemente.

Ele levou-os para fora do armário, até o toca-discos. Através de sinais com as mãos, frases pela metade e grunhidos, indicou o que desejava.

Ficaram olhando para ele, aturdidos.

E.T. apontou para o toca-disco e fez a pantomima de pôr o seu próprio disco.

Eles continuaram a fitá-lo com expressões aturdidas.

Frustrado, E.T. ficou andando de um lado para outro, depois virou-se, abriu a boca e tentou cantar:

É aa-penass rocks'n' roll...

A voz, considerada melodiosa em certas esferas do universo, pareceu provocar apenas risinhos nas crianças. Ele lançou-lhes um olhar furioso.

— E.T. faz cantiga.

As crianças ainda estavam perplexas.

— Cantiga, cantiga, E.T. faz cantiga. Ele pegou um disco e girou-o.

— Quer fazer seu próprio disco?

— Sim, sim.

— Com o quê?

— Com... com...

Ele não sabia com o quê. Podia apenas descrever algo redondo, uma forma circular, o que fez com a mão.

— Quer uma coisa redonda?

— Sim, sim.

— E vai pôr uma canção nela? Michael adiantou-se.

— Aqui não é um estúdio de gravação. É preciso uma fortuna para gravar um disco.

E.T. apontou para a própria cabeça.

— Soletre mecânico.

— M-E-C... ei, espere aí, o que isso significa? O que ele está querendo dizer, Elliott?

Elliott olhou atentamente para o monstro.

— Está querendo dizer que você é um mecânico?

— Sim, sim, soletre mecânico.

Ele virou o toca-discos e arrancou um punhado de fios.

— Adeus a essa máquina — murmurou Michael. E.T. suspendeu os fios.

— Mais.

— Quer mais fios?

Ele acenou com a cabeça.

— Ele quer mais fios.

Os meninos se entreolharam, ainda imaginando como atender a seu hóspede espacial. Mas E.T. estava andando pelo quarto, sobre os pés imensos, empenhado na busca de soluções superiores.

Para fazer seu próprio disco, de que tanto precisava.

O turbilhão mental estava lhe mostrando o equipamento, interminavelmente, cada vez acrescentando mais um detalhe. Ele precisava de...

.. .um casaco.

Ele foi até o armário, tirou um casaco e vestiu-o.

Até que ficou direito, para quem tinha os ombros como os de uma galinha. É verdade que estava um pouco apertado sobre a barriga. Mas...

Ele estava se perguntando o que, em nome dos mares cósmicos, um casaco tinha a ver com um radiofarol.

Não, seu velho tolo, não o casaco.

O cabide.

Ele ficou olhando para o cabide, o cérebro zumbido. O cabide de madeira parecia luzir e balançar, o formato hipnotizando-o. Iria prendê-lo ao toca-discos e depois...

.. .soletre braço de apoio.

Ele pegou o cabide, apontou o dedo e abriu buracos nele, um para cada ligação de fio do Fale e Soletre.

— Ei, você tem um dedo que parece um maçarico, E.T. Ainda com o casaco novo, ele voltou apressadamente ao

armário, ao Fale e Soletre. O dedo-maçarico derreteu a solda nos contatos do teclado, ali prendendo os fios que tinha.

— Mais... mais...

Os meninos olhavam pela porta. Ele acenou com o cabide.

— Mais... mais...

Trouxeram-lhe fio, uma fôrma de metal, um espelho e uma tampa.

E.T. ficou com o fio, rejeitou os outros objetos. Nada adiantariam para o seu disco. Tinha de ser alguma coisa dura, lisa, redonda. Será que não podiam entender?

Ele virou-se para seu gerânio.

São crianças da Terra, explicou a planta. Boas, mas um tanto lerdas.

— Está bem, E.T., arrumaremos algumas outras coisas.

— Há uma porção de coisas por aqui.

Ele observou os meninos partirem. Não devia se mostrar impaciente. Devia ser um M-E-C-Â-N-I-C-O, soldando todos os fios no lugar certo, no Fale e Soletre, estendendo-os para os buracos no cabide. Dedos de contato deviam entrar nesses buracos, pequenos e metálicos, com muitas molas.

Ele já vira dedos metálicos em algum lugar daquela casa. Onde fora?

Recebeu as ondas de radiação da criatura esguia, mãe da tripulação. Fechou os olhos e concentrou-se na imagem mental dela, pairando à sua frente.

Isso mesmo, ela tinha os dedos metálicos nos cabelos. Como os chamara? Ele sondou o banco de memória dela, procurando, até que encontrou.

— Gertie ...

Sua outra cúmplice aproximou-se correndo. E.T. apontou-lhe um dedo.

— Soletre grampos.

— C-R-A-M-B...

— Está errado.

E.T. apontou para sua cabeça, escorregadia, sem cabelos.

— Quer alguns?

Ele acenou com a cabeça.

Gertie pegou-o pela mão.

Juntos, eles avançaram pelo corredor e entraram no quarto de Mary. E.T. olhou pela janela. A criatura esguia estava outra vez na horta, lidando com os maiores legumes do estado. Uma atmosfera de perplexidade pairava em torno de sua cabeça, ao levantar uma imensa abóbora, tão grande que parecia ter sido alimentada a leite por um canudo.

As flores no peitoril da janela, radiantes com as flores fora da temporada, inclinaram-se na direção dele.

Olá, Venerável Mestre. O que está procurando? Qual é a sua maravilhosa missão científica, em que está empenhado neste momento?

— Grampos.

— Aqui estão — informou Gertie, abrindo uma galinha branca de porcelana.

O extraterrestre pegou os grampos e contemplou seu próprio reflexo no espelho de Mary. Se usasse não apenas um casaco, mas também uma calça... será que a criatura esguia conseguiria superar o choque?

Ele teria de cortar a calça e arrumar sacos de papel para os pés. Mas depois...

— Vamos, E.T. — disse Gertie, puxando-o pela mão.

Ela levou-o para fora do quarto e pelo corredor. E.T. seguiu-a de volta ao quarto de Elliott e tornou a entrar no armário.

— O que vai fazer com os grampos da mamãe?

Ele sentou-se sobre as almofadas e prendeu os grampos no cabide. Tinha agora uma fileira de contatos metálicos pendurados, para raspar a superfície do disco. Ligou os grampos aos fios que saíam do Fale e Soletre.

— Essa coisa está ficando muito esquisita — comentou Gertie. — Sempre faz coisas esquisitas assim?

— Sim.

— Para quê?

— E.T. telefonar casa.

— Onde fica sua casa?

Ele apontou para o céu. Gertie olhou pela janelinha.

— É para onde você me leva quando estamos sonhando? O lugar longe?

— Longe.

— Vão ouvir você na sua casa?

As crianças da Terra formulavam uma quantidade espantosa de perguntas.

— Vão pegar o telefone deles e dizer "Alô, E.T."?

— Soletre "aborrecimento".

— A-B-O-R-C...

— Está errado.

— Não posso soletrar direito porque você pegou meu Fale e Soletre e agora ele só diz gleeple deeple.

— Gleeple *doople*.

— Não tem importância. Não soletra mais aborrecimento. Gertie desviou-se do monstro e começou a brincar com seu fogão, que levava para o armário. Estava cozinhando um novo bolinho, feito do creme facial da mãe misturado com lama. O veterano mecânico de computador estava absorvido em cantarolar para si mesmo as músicas que ouvira pelo rádio de Elliott, enquanto trabalhava. Tão concentrado estava em seu trabalho e Gertie no dela que não ouviram Mary subindo a escada. Também não ouviram quando ela se aproximava pelo corredor. Só ouviram-na quando ela abriu a porta do quarto de Elliott.

O velho monstro levantou-se de um pulo, alinhando-se aos outros animais estufados, Muppets de olhos arregalados e robôs

espaciais. Os membros ficaram paralisados numa posição de alerta, os grandes olhos interplanetários, mais desenvolvidos que os maiores artefatos óticos da Terra, ficaram vazios como os de Kermit a Rã. A forma desajeitada parecia tão inanimada quanto o robô de brinquedo à sua direita.

Mary entrou. Os olhos dela correram pelo sortimento de brinquedos, encontraram o extraterrestre e passaram adiante para o gerânio, florido dentro do armário.

— Foi você quem trouxe este gerânio para cá, Gertie?

— O homem da lua gosta de flores. Faz elas crescerem. Mary afagou a folhagem viçosa e sacudiu a cabeça, espantada.

— Tudo está crescendo que é uma loucura. Não consigo compreender.

— Coma um bolinho, mamãe.

— Ora, mas isso parece delicioso...

Mary olhou para a fôrma de metal. Compreendeu que parecia bom demais para alguma coisa feita de lama. O aroma era ligeiramente familiar...

— Santo Deus, Gertie, é meu creme facial que está aí?

— É creme de banana.

Mary ficou olhando fixamente para os remanescentes da fórmula secreta da Nova Eu.

— Gertie, querida, não vou perder a calma. Sei que você não sabia o que fazer. Mas mamãe paga 25 dólares por cada pote desse creme e agora terei de passá-lo no rosto junto com lama.

— Desculpe, mamãe.

— Sei que está arrependida. E algum dia eu vou rir disso. Mas não hoje.

Os olhos de Mary tornaram a passar pelo extraterrestre imóvel, junto dos Muppets. Ela nem piscou, de tão consternada que estava pelo que acontecera a seu creme facial. Ela afastou-se. E.T. deixou escapar um suspiro de alívio, só que impregnado de melancolia. Pois como ela poderia amá-lo, se não representava para a criatura esguia mais que Kermit a Rã?

Ele ficou observando-a sair do quarto, sentindo o coração deprimido, enquanto se livrara dos cordões de um boneco pendurado. Ele era apenas um brinquedo para Mary, dentro do armário, com o resto das monstruosidades estufadas.

Infeliz ser espacial, soletre *solidão*.

Soletre *rejeição*.

Ele tornou a agachar-se com seu transmissor, soldando mais alguns fios com o dedo-maçarico.

Era irônico que a criatura esguia, a adorável Mary, ansiasse pelo marido desaparecido, quando tinha no armário, bem perto, uma das melhores mentes do cosmo, à sua disposição. Ele olhou para a

imensa barriga de abóbora caída pelo chão. E, pela primeira vez em sua longa vida, percebeu que era grotesca. Mas mesmo que parasse de comer as balas que as crianças lhe traziam, aquela barriga jamais poderia desaparecer. Era ele.

— Por que está tão triste, E.T.? — perguntou Gertie.

Ela fitava os olhos dele, descobrindo que a catarata se transformara num deserto cheio de fendas que mergulhavam para sempre, o lugar mais solitário que se podia imaginar

E.T. piscou os olhos e o deserto desvaneceu-se. Ele pegou o Fale e Soletre, tocou *outra* voz nos botões.

... gleep le doople zwcik-zwak snafn olg mmmnnnip...

Os sons suaves da inteligência superior confortaram-no. Aquilo era uma língua de verdade. Podia-se dizer tudo. Ele falaria para a noite, interminavelmente, assim que os meninos voltassem com as coisas que tinham ido buscar na loja de ferragens.

Quando ele deixasse a Terra, pelo menos restaria essa satisfação para trás, de ter treinado e orientado aqueles jovens terráqueos para caminhos mais elevados.

Se deixasse a Terra.

Contemplando seu transmissor improvisado, feito de grampos e um cabide, ele tinha dúvidas. Mas suas próprias ondas cerebrais interiores asseguravam que estava no caminho certo. Só podia seguir as orientações e manter as esperanças.

Mas se não tivessem roubado para ele uma lâmina de serra circular...

Houve um tropel na escada e logo depois Michael e Elliott entraram. Abriram os blusões e tiraram a lâmina de serra circular pedida, assim como punhados de parafusos de olhai e outros conectores.

— Aqui está, E.T. Era isso o que estava querendo?

— Soletre *rock '«' roll...*

Os dedos de E.T. deslocaram-se pela superfície da lâmina. Colocou-a no prato do toca-discos e girou com um dedo. A lâmina denteada ficou girando, rebrilhando com o raio de sol que entrava pela pequena janela.

— Mas como pode fazer um disco com uma lâmina de serra?

— Soletre tinta.

Ele indicou que a superfície devia ser coberta por uma camada de tinta.

— De qualquer tipo? Ele apontou para o céu.

— Azul? Ele assentiu.

— Mamãe entrou aqui — disse Gertie. — E nem mesmo notou a presença de E.T.

— É mesmo? A camuflagem funcionou?

Elliott apontou para a fileira de criaturas inanimadas absurdas.

— Fora, fora — disse E.T., expulsando-os. Havia um limite para a humilhação que um botânico intergalático podia sofrer num só dia.

Mary contemplou-se no espelho da penteadeira e estendeu a mão para a galinha de porcelana, a fim de pegar um grampo. Os dedos se deslocaram pelo interior vazio da galinha.

— Mas onde...

Ela sabia onde. Gertie, é claro. A filha já estava usando maquiagem. Os grampos eram também necessários.

— Gertie!

A menina veio correndo.

— O que é, mamãe?

— Devolva-me os grampos.

— Não posso, mamãe. O monstro está usando.

— O monstro está usando? E para quê?

— Na sua máquina.

Na sua máquina. Mary pensou por um momento. Valeria a pena interromper as fantasias infantis para recuperar os grampos? Não, claro que não. É melhor deixar os cabelos soltos no rosto, o que me proporciona a elegante aparência de à-beira-do-colapso-nervoso.

— Obrigada, Gertie. Isso é tudo, por enquanto.

— Vou dizer ao monstro que você mandou um alô.

— Isso mesmo. Diga a ele que mando lembranças.

O monstro estava sentado dentro do armário, trabalhando com afinco. A lâmina de serra fora pintada e deixada a secar. Agora, o

veterano mecânico começou a queimar um padrão de buracos na superfície pintada.

— Já entendi — disse Elliot. — Vai ser como uma caixa de música.

Michael espiava por cima do ombro de Elliott, enquanto as inscrições eram feitas.

— É uma pianola — disse ele, enquanto o dedo-maçarico de E. T. continuava a abrir buracos na lâmina, no padrão de um cartão de computador.

E. T. pôs a lâmina programada no toca-discos e girou com o dedo, baixando o cabide em seguida. Os grampos raspam a

superfície programada, passando pelo programa perfurado.

— Puxa, E.T., você é incrível!

Enquanto a lâmina girava e os grampos acompanhavam a programação, os fios ativaram o teclado do Fale e Soletre. A linguagem das estrelas começou a soar, interminavelmente:

— .. *.gleeple doople zwak-zwak snafn olg mmmnnnip ...*

— Você conseguiu, E.T. Fez o seu próprio disco.

Gertie entrou, com o seu novo *walkie-talkie*, falando com as bonecas distantes, em seu próprio quarto.

— Alô, boneca, aqui é Gertie...

O braço comprido de E.T. se estendeu e pegou o *walkie-talkie*. Ele desmontou o microfone em dois segundos e ligou-o ao alto-falante do Fale e Soletre.

— E.T., você estraga todos os meus brinquedos! — gritou Gertie, a voz estridente espalhando-se por toda a casa.

Os irmãos explicaram pacientemente, enquanto torciam os braços de sua boneca em horrendas posturas, que ela devia ser generosa.

— Mas é melhor ele não estragar mais nada — choramingou Gertie.

O velho cientista assegurou-lhe que nenhum outro brinquedo seria estragado. Tudo o que precisava agora era do cabo coaxial do aparelho de TV da mãe. E o sintonizador UHF, para o qual o momento também chegara.

Juntos, eles avançaram furtivamente pelo corredor.

Mais tarde, naquela mesma noite, Mary entrou no quarto, ligou a TV, tirou os sapatos e meteu-se na cama. Exausta, abriu um jornal e começou a ler. Acabou percebendo que a TV ainda não estava ligada.

— Michael!

A casa estava silenciosa.

— Elliott...

Ela pensou por um momento, a intuição de mãe lhe dizendo claramente que os dois meninos eram culpados. Mas essa intuição, numa erupção mais refinada, apresentou-lhe a imagem de Gertie.

— Gertie? — indagou ela para a noite, baixinho.

Gertie teria feito alguma coisa? Ela fechou os olhos. O rosto se franziu, numa expressão de perplexidade, pois estava tendo uma imagem mental de Gertie entrando furtivamente no quarto em companhia de um imenso Muppet.

Tenho trabalhado demais, pensou Mary, suspirando. Ela estendeu-se na cama, com o jornal sobre o rosto.

Depois de um cochilo breve e ansioso, ela acordou faminta. Estava na hora de comer um pão com bastante geléia de morango? As crianças não deviam vê-la. Era um erro dar o mau exemplo, de uma mãe que não era capaz de controlar o apetite, que naquele instante estava atormentada por visões de geléia.

Ela parou no corredor, ouvindo Elliott e Michael no quarto de brinquedos. Ótimo, assim não a veriam bancando uma porca repulsiva. E o que era mais importante: não iriam detê-la.

Meus filhos tão atenciosos, que não querem me ver me espremendo de lado para passar pela porta da vida.

Mas não posso me controlar.

Estou morrendo de fome.

De doces. Muito creme. Pudim de arroz. Que tal uma *banana split*?

Mary desceu a escada silenciosamente e parou no vestíbulo, a fim de verificar se não havia ninguém por ali.

A sala de estar estava vazia. A sala de jantar estava às escuras.

Mary foi para a cozinha. Avistou uma luz acesa e no momento seguinte descobriu Gertie sentada à mesa, com bolinhos e leite. O que ela não viu foi E.T., sentado num banco ao lado da geladeira. O pobre duende espacial se encolheu todo, incapaz de se

esconder, esperando o pior. Mas Mary estava falando com Gertie calmamente e apontando para os dois pratos na mesa.

— Para quem é esse prato, Gertie? — Mary olhou faminta para os bolinhos que ali estavam. — Para sua boneca?

— Para o homem do espaço — respondeu Gertie. — Ele gosta de bolinhos.

— Será que ele se importaria se eu comesse um?

— Claro que não, mamãe. Ele adora você.

— Um homem do espaço muito simpático...

Mary pegou um dos bolinhos. Oh, Deus, açúcar!

A delícia monstruosa espalhou-se pelas papilas gustativas e ela compreendeu que estava perdida.

— Preciso comer um pouco de geléia.

Ela virou-se para a geladeira e abriu-a. A porta foi bater em E. T., derrubando-o do banco para a lata de lixo. Ele afundou até o fundo, os pés para fora. Mesmo assim, Mary ainda não o viu.

— ... torta de maçã... marmelada... morangos com creme... acho que eu poderia comer tudo.

— Mamãe, você está outra vez com um ataque? — perguntou Gertie.

— Estou, sim, querida... gelatina... uma bomba de chocolate... Subitamente, braços fortes seguraram-na por trás.

— Controle-se, mamãe.

— Elliott... Michael... deixem-me em paz!

— Por favor, mamãe — Michael afastou-a do espetáculo que ela tinha pela frente. — Você nos disse que nunca deveríamos deixá-la fazer isso.

— Esqueça o que eu falei!

Mary avançou para os bolinhos no prato de Gertie.

— Vamos, mamãe — disse Elliott, postando-se diante de E.T., cujos pés ainda emergiam da lata de lixo. — Vamos jogar Monopólio com você.

Mary fitou Elliott nos olhos, percebendo que o filho estava ansioso e nervoso, pulando de um lado para outro à sua frente, a fim de afastar-lhe a atenção da geladeira.

— Você é um menino maravilhoso, Elliott.

— Pediu-nos que a lembrássemos que ficaria parecendo um salsichão em seu maio se comesse mais doces — disse.

Os dois meninos afastaram-na do monstro, para fora da cozinha, até o vestíbulo. Mary se deixou arrastar entre os filhos.

— Vocês são bons meninos ... rigorosos, mas bons ... Eles continuaram a afastá-la, pela escada.

— Não olhe para trás, mamãe. Sabe o que vai acontecer se olhar para trás.

— O Departamento das Mulheres Corpulentas — balbuciou Mary, continuando a subir.

Choveu no dia seguinte. Mary foi buscar seu guarda-chuva no lugar. Não estava lá e ela não conseguiu encontrá-lo em qualquer parte. É que estava no armário lá em cima, sendo usado como um refletor parabólico.

— Puxa — murmurou Elliott — isso é sensacional...

O guarda-chuva estava revestido de papel laminado reflexivo. Uma lata de café estava presa ao cabo, com o sintonizador UHF, de onde o cabo coaxial se estendia para o microfone do *walkie-talkie* de Gertie. O microfone estava ligado ao Fale e Soletre e *ogleeple doople zwak-zwak* estava sendo agora multiplicado na frequência de microonda. O antigo operador de rádio explicou que precisava agora de algo que vira sob o painel do carro de Mary.

— O Fuzz Buster? Está querendo o Fuzz Buster de mamãe? Michael sacudiu a cabeça e Elliott concordou.

— É a única coisa de papai com que mamãe ficou. Ela é muito afeiçãoada a isso.

O veterano viajante espacial fez diagramas e mostrou como o Fuzz Buster devia ser montado na lata de café, a fim de que a frequência de microonda pudesse ser transmitida para fora.

Naquela noite, quando Mary voltava para casa, em alta velocidade, descobriu que não contava com o Fuzz Buster, o sistema de alarme para indicar a presença de radar da polícia em uso nas proximidades. Foi multada em 25 dólares.

Mas o transmissor estava quase pronto.

— Mas o que vai acioná-lo? — perguntou Michael. — O que vai fazer isto rodar?

Ele girou a lâmina de serra no toca-discos e acrescentou, apontando pela janela:

— Se levássemos para as colinas lá em cima, não haveria eletricidade.

A criatura espacial acabara de jantar. Passando o dedo-maçarico pela faca de manteiga, tirou-lhe inteiramente a tempera, depois dobrou-a e prendeu-a ao cabide, juntamente com o garfo, formando um mecanismo de catraca: faca e garfo moviam-se para dentro e para fora dos dentes da lâmina de serra, avançando dente a dente.

— Não podemos ficar lá fora a noite inteira girando essa coisa — comentou Michael.

O extraterrestre continuou a sorrir. Compreendia tudo agora, aquelas pequenas imagens que lhe haviam surgido, de um garfo pequeno dançando em torno de um prato. Era aquilo que fabricara e que funcionaria lá nas colinas, sem que quaisquer mãos, humanas ou não, fossem necessárias para ativá-lo.

— Então quem é esse?

— Meu novo personagem.

— O que ele é?

— Mágico, de primeira categoria. Aqui está o cartão dele.

— Vamos ouvir.

— Sabedoria 20, Carisma 20, Inteligência 18, Força 14.

— Nome?

— E.T.

E.T. podia ouvir o jogo de Masmorra & Dragões na cozinha lá embaixo, mas estava muito mais interessado em escutar outra coisa' que acontecia todas as noites na casa. Para isso, precisava apenas encostar o ouvido na porta de Gertie. Estava agachado, a cabeça inclinada para a frente, continuando a aprender a história da Terra. A voz de Mary soava suavemente:

— Peter disse: "Os índios foram derrotados? Wendy e os meninos capturados pelos piratas? Pois vou salvá-la! Vou salvá-la! Sininho está dando um grito de advertência. Ora, isso é apenas meu

remédio. Envenenado? Mas quem poderia ter envenenado? Prometi a Wendy que ia tomar e é o que vou fazer, assim que acabar de afiar minha adaga. Sininho engole nobremente a pílula, quando a mão de Peter está se estendendo para pegá-la."

— Oh, não! — exclamou Gertie.

— *Oh, não!* — sussurrou o velho viajante espacial para si mesmo.

— "Sininho, você tomou meu remédio! Estava envenenado e você tomou para salvar minha vida! Sininho, querida Sininho, você está morrendo? Sua luz está ficando mais fraca. Se apagar, significará que ela está morta. A voz dela está tão baixa que mal consigo entender o que está dizendo..."

O viajante espacial abaixou ainda mais a cabeça. Era de fato uma coisa horrível.

— "... e ela diz que acha que pode ficar boa de novo se as crianças acreditarem em fadas. Você acredita em fadas? Então diga depressa que acredita!"

— Eu acredito — disse Gertie.

— *Eu acredito* — murmurou o velho viajante espacial, as lágrimas formando-se nos cantos dos olhos.

Foi nesse momento que Elliott subiu a escada, procurando por um Band-Aid, pois cortara o dedo na faca de queijo. O botânico

intergalático virou-se, notou o talho e apontou um dedo comprido. A ponta do dedo luziu, com um rosa brilhante. Elliott recuou, aturdido,

sabendo que E.T. podia queimar buracos em aço com aquele dedo, se assim desejasse. Mas o dedo de E.T. continuou apenas a emitir uma claridade rosada, acompanhando o talho de Elliott. O sangue parou de correr e o talho sarou no mesmo instante, fechando como se nunca tivesse existido.

Elliott ficou olhando para o seu dedo, atônito. Fez menção de falar, para agradecer a E.T. Mas o venerável doutor do cosmo fez um gesto de silêncio, tornando a comprimir o ouvido na porta do quarto de Gertie.

— "Se acredita em fadas, bata palmas ..."

O velho viajante espacial bateu as mãos imensas, sem fazer barulho.

Depois, em plena madrugada, ele ficou junto da janelinha do armário, olhando para fora. A lua provocava-lhe um anseio indescritível, a Via-Láctea sussurrava para seu coração. As irradiações, materiais e sutis, todas brilhavam para os seus olhos que o tempo abria. Podia ouvir a música oculta das estrelas e planetas em movimento, sentia o seu discurso na escuridão, as vozes solenes de gigantes, estendendo-se dos espaços infinitos.

Encostou a testa no peitoril da janela, a mente e o coração dominados pela tristeza. Houvera um tempo em que fora parte da Grande Engrenagem, podendo testemunhar os milagres do

universo. Assistia ao nascimento de uma estrela. Agora, estava num armário mínimo, com uma guarda-chuva roubado e um Muppet estufado.

Virou-se para a criatura, mas o Muppet olhava para a noite pelos olhos de vidro, perdido nos próprios pensamentos.

A solidão cósmica invadiu E.T. Todos os poros de seu corpo ansiavam pela luz das estrelas, lá em cima, onde a beleza de Órion era deslumbrante, gloriosas cores espalhando-se pela nebulosa. E as Plêiades, onde o halo azul de uma jovem estrela brilha direto para o coração. E a Nebulosa do Véu, deslizando sempre para fora, sussurrando o seu segredo majestoso para todos que também derivam junto no mar do espaço.

Torturado por essas e outras recordações, ele afastou-se da janela e foi abrir, lentamente, a porta do armário.

Passou silenciosamente pelo vulto adormecido de Elliott, saiu para o corredor. Avançou sem fazer barulho, a sombra disforme projetada contra uma parede, uma abóbora ambulante, uma melancia andando, uma aberração numa terra alienígena. Seus olhos eram agora os olhos da Terra, cujas idéias de beleza e forma absorvera,

encarando-se como algo grotesco, uma afronta aos olhos e à mente, de uma feiúra inadmissível.

Ele deu uma olhada no quarto de Gertie e ficou olhando por algum tempo, enquanto a menina dormia. *Ela* pensava que ele era

atraente. Mas, para Gertie, Kermit a Rã também era atraente.

Ele continuou pelo corredor, até a porta de Mary. Deu uma espiada.

A criatura esguia estava adormecida. Ele contemplou-a por um longo tempo. Ela era uma deusa, a coisa mais linda que já vira. Os cabelos radiantes, espalhados pelo travesseiro, eram o próprio luar. As feições suaves eram adoráveis, a grande perfeição da natureza. Os olhos fechados pareciam borboletas adormecidas sobre os narcisos que desabrochavam à noite, os lábios como pétalas de rosas.

Mary, murmurou o velho coração.

Patinhando, ele aproximou-se da cama, observou-a mais atentamente.

Era a criatura mais linda do universo. E o que ele lhe dera?

Nada.

Roubara seu Fuzz Buster.

Ele continuou a contemplar, enquanto ela se virava no sono, sonhando quaisquer que fossem os sonhos que tivesse, nenhum dos quais incluía um velho botânico barrigudo do espaço exterior.

Gentilmente, ele pôs um M & M no travesseiro dela. Depois, tornou a sair para o corredor.

Harvey, o cachorro, estava esperando no final do corredor.

A língua de Harvey pendia um pouco enquanto observava o estranho ser se aproximando, como um saco de ração de cachorro.

E.T. afagou a cabeça de Harvey. Uma corrente de *bips* desceu pela espinha do cachorro, fazendo com que a cauda se enroscasse para cima, como um gancho de cabide. Ele virou a cabeça, olhou para a cauda, tornou a olhar para E.T.

Quer desenroscar minha cauda?

O ser espacial bateu no focinho do cachorro e a cauda se desenroscou.

Continuaram a andar pela casa, na ronda noturna, algo que faziam todas as noites, depois que os outros dormiam. Harvey acompanhava o hóspede da casa, descendo os degraus, para os cômodos lá embaixo. E.T. parou na alcova em que estava o telefone e pegou-o. Escutou por um momento, depois aproximou o fone do ouvido de Harvey. O cachorro escutou atentamente. Vira Elliott discar o dial daquela coisa com o dedo e falar; pouco depois, aparecera *pizza*.

Harvey encostou o focinho no dial, virou uma vez, ficou esperando que um sanduíche de carne aparecesse. E.T. acrescentou mais alguns movimentos ao disco. Os dois escutaram uma voz sonolenta atender:

— *Alô? Alô?*

Um sanduíche de carne, disse Harvey. E um pouco de ração para acompanhar.

E.T. pôs o fone de volta no gancho e os dois seguiram para a sala de estar.

Havia uma fotografia a cores de Mary em cima da televisão. E.T. pegou-a e depositou um beijo nos lábios de Mary.

Depois, mostrou o retrato a Harvey.

O cachorro, sem sentimento, não demonstrou o menor interesse pela fotografia emoldurada. O vidro estava agora manchado. Como ele levava a culpa por tudo o que aparecia babado na casa, também seria punido por aquilo. Levantou uma pata, exortando E.T. a pôr a foto de volta no lugar. Mas E.T. pôs a foto debaixo do braço e levou-a consigo.

Vão achar que eu comi, pensou Harvey.

Ele estava arrependido de ter roído o capacho do banheiro, o cabo de vassoura, um dos chapéus de Mary e um par de saborosas luvas de couro. Porque fazia com que as pessoas tirassem conclusões precipitadas.

E.T. vagueou pela sala de estar. Havia um vaso de flores numa mesa. Ele acariciou-as afetuosamente e murmurou-lhes em sua própria língua.

Harvey contraiu o focinho, esperançoso. Num dos seus sonhos caninos encontrara uma árvore de hambúrgueres. Desde então que a vinha procurando pelas vizinhanças.

E.T. baixou uma rosa, contra a qual Harvey ansiosamente empurrou o focinho. Mas não era um fruto da árvore de hambúrgueres, apenas uma flor estúpida.

E.T. prendeu a flor ternamente na foto de Mary, entrelaçando a haste na moldura filigranada. A rosa e ela estavam unidas ... as duas coisas mais lindas da Terra.

Depois, ele continuou a vaguear pela casa, entrando na cozinha.

A cauda de Harvey começou a abanar, a língua circulou pelo focinho. Afinal, ali era o centro de todas as esperanças de um cachorro.

E.T. apontou.

— Ge-laaa-dei-rrra.

Harvey acenou com a cabeça, no maior entusiasmo, um ganido baixo saindo de sua garganta. Há anos que vinha tentando puxar com a pata a alça daquela caixa, mas a evolução lhe negara um polegar.

E.T. abriu a caixa, tirou leite e um bolo de chocolate. Harvey ganiu pateticamente, salivando, a cauda abanando. E.T. presenteou-o com um resto de costeleta de porco.

Harvey atacou prontamente o banquete, grUnhindo alegremente. Parou por um momento, olhando para E.T.

Sou seu cachorro.

Se surgir algum problema, basta me avisar.

Pelas ruas, ao cair da noite, além da Pizza Wagon havia outro furgão circulando. Mas não continha caixas empilhadas exalando o aroma de queijo e tomate. Estava repleto de equipamentos de detecção de som, sensíveis o bastante para impressionarem até um viajante intergalático. O operador no painel de controle iluminado tinha uma grande argola com chaves pendurada no cinto. Chegavam a seus ouvidos as vozes das vizinhanças:

— *Mamãe, para fazer bolinhos é uma xícara de leite e uma xícara de farinha?*

E:

— *Suma da minha vida, está bem? E:*

— *Ficarei tomando conta das crianças esta noite. Jack. Se você quiser aparecer...*

O furgão avançou lentamente pelo quarteirão, verificando cada voz, cada conversa que ocorria, no quebra-cabeça da noite.

— *Peter diz: "Os índios foram derrotados? Wendy e os meninos foram capturados ...?"*

E:

— *O comunicador dele está pronto, Michael. Podemos levá-lo e montá-lo...*

O homem com as chaves acenou com a mão e o furgão parou.

— *Sabe, Elliott, ele não está com um bom aspecto ultimamente.*

— *Não diga isso, Michael. Nós estamos muito bem.*

— *Que história é essa de "nós"? Você está sempre dizendo "nós" agora, todo o tempo.*

— *É a telepatia dele. Estou ... tão perto dele. Sinto até que sou ele . . .*

Para um observador comum, essa conversa seria apenas mais uma expressão do mundo de fantasia infantil; para aquele observador, no entanto, era tão poderosa quanto um sinal de Marte. O mapa da rua foi apanhado e a casa de Mary assinalada com um círculo vermelho. O furgão desceu pelo quarteirão, enquanto o carro *de pizza* virava a esquina ...

Elliott explicou o Dia das Bruxas a E.T. da melhor forma que podia. Ressaltou que seria a única chance de E.T. andar pela vizinhança à vista de qualquer um.

— ... porque todo mundo estará vestido de maneira esquisita, entende? Desculpe, E.T., não quis dizer que você é esquisito, apenas ... diferente.

— Soletre diferente — disse E.T.

Elliott pôs um lençol sobre a cabeça do viajante espacial, ajeitou chinelas imensas e felpudas em seus pés. A indumentária foi complementada com um chapéu de vaqueiro.

— Está ótimo — disse Elliott. — Podemos levá-lo a qualquer parte.

O próprio traje de Elliott era de um monstro corcunda, assemelhando-se com E.T. e fazendo com que o duende espacial parecesse menos insólito. Michael, lá embaixo com Mary, estava encontrando alguma dificuldade com sua indumentária.

— Não e está acabado — declarou Mary. — Você não vai sair como um terrorista.

— Mas toda a turma vai!

— Não vai conseguir percorrer quatro quarteirões vestido dessa maneira.

— Por favor, mamãe ...

— Não. E onde está Gertie?

— Está lá em cima se aprontando, com Elliot.

Mas Gertie não estava se aprontando com Elliott. Estava saindo da casa furtivamente, por uma janela. Elliott virou-se para E.T.

— Mamãe jamais perceberá a diferença, se você ficar quieto e se

arrastar devagar por baixo do lençol. Combinado? Você é Gertie, entende?

— Gertie — murmurou o monstro.

Metido no lençol, ele desceu a escada junto com Elliott. Mary esperava-os lá embaixo. Num ato absurdo de fervor do Dia das Bruxas, ela própria se fantasiara, usando um vestido imitando pele de leopardo, uma máscara cobrindo os olhos, além de empunhar uma varinha com uma estrela na ponta, com a qual poderia acertar na cabeça dos bruxos e duendes mais rebeldes.

— Puxa, mamãe, você está sensacional!

— Obrigada, Elliott. É muita gentileza sua..

Mas não era apenas Elliott que a estava admirando. O idoso monstro, disfarçado como Gertie, oculto dentro de um lençol, olhava para Mary espantado, pois ela parecia uma criatura das estrelas, celestial, mais linda do que nunca.

— Gertie—disse ela, adiantando-se — sua fantasia está maravilhosa. Como conseguiu fazer uma barriga tão grande?

Ela afagou o vulto imenso, em formato de abóbora. O viajante espacial deixou escapar um suspiro baixo.

— Enchemos de travesseiros — explicou Elliott, nervosamente.

— Pois ficou perfeito — declarou Mary. — Mas vamos ajeitar o chapéu num ângulo melhor.

As mãos dela pousaram ternamente na cabeça em forma de tartaruga do extraterrestre. Dentro do capacete, o rosto dele ficou vermelho, quando as mãos o tocaram. Ondas deliciosas de energia fluíam dela, descendo por seu pescoço de avestruz. O coração-luz faiscou e ele prontamente cobriu-o com a mão.

— Pronto, assim está melhor. — Mary deu um passo para trás e virou-se para Elliott. — Cuide bem dela e não coma nada que não esteja embrulhado. E não fale com estranhos ...

Michael apareceu, a indumentária de terrorista modificada.

— ... e não coma maçãs, porque podem ter pedaços de gilete dentro. E ninguém deve beber ponche, pois pode haver LSD misturado.

Mary inclinou-se, beijou os dois meninos e depois o duende espacial. Os joelhos dele vergaram, os circuitos subcutâneos palpitarão; luzes tão bonitas quanto a nebulosa de Orion espocaram em seu cérebro.

— Divirtam-se — acrescentou Mary.

Elliott teve de arrastar o idoso duende pela mão, pois o viajante espacial estava paralisado diante de Mary, como se

contemplasse o

nascimento de uma estrela. Ele cambaleou para a porta com as chinelas, mas conseguiu lançar um último olhar para trás.

— Até logo, meu bem — disse Mary.

Até logo, meu bem, disse ele, silenciosamente, ecos de amor cósmicos ressoando em seu cérebro agora conturbado.

Levaram-no pelo caminho, até a garagem. Gertie estava esperando ali, em seu lençol, assim como o radiofarol, o guarda-chuva fechado, os outros componentes dentro de uma caixa de papelão. Ele olhou para o aparelho, perguntando-se por um momento se queria realmente usá-lo. Não poderia ser mais feliz se continuasse no armário, perto de Mary, pelo resto de seus dias?

— Muito bem, E.T., pode subir.

Levantaram-no para a cesta da bicicleta, prendendo o transmissor na grade por cima da roda traseira. Desceram pelo caminho e saíram para a rua.

Ele ficou com as pernas pequenas encolhidas dentro da cesta, observando o desfile de crianças da Terra pela rua: princesas, gatos, palhaços, vagabundos, piratas, demônios, gorilas, vampiros e Frankenstein. A Terra era de fato um lugar espantoso.

— Segure firme, E.T.

Elliott podia sentir o peso da criatura espacial na cesta, um ser pequeno, mas importante, perdido das estrelas. Aquela noite era uma missão, o que proporcionava a Elliott sentimentos que ele nunca experimentara antes. Enquanto manobrava o guidom e rolava os pedais, levando o peso de E.T., compreendeu que, no final das contas, não era um pirralho insignificante. Sua insignificância estava ficando para trás, sendo consumida pela escuridão. Sabia que fora feito para aquela missão, apesar de ser míope, desleixado e deprimido. Impulsionando a bicicleta, ele sentia-se livre e feliz, sob a influência da presença do espaço exterior. Olhou para Michael, que sorriu, o aparelho brilhando nos dentes. Olhou para Gertie, que acenou, rindo do jeito que E.T. estava, todo encolhido na cesta, as chinelas para fora.

Vamos levá-lo de volta ao lugar a que ele pertence, pensou Elliott, olhando para a Via-Láctea. Cintilava através dos fios telefônicos e da poluição, parecia estar cantando baixinho. Estranhamente, raios de luz pareciam se projetar das estrelas, lençóis e redes de chama fria, que o envolviam e depois se afastavam.

— Ora, mas é a fantasia mais incrível que já vi! — disse o homem no vestíbulo.

A mulher estava ao seu lado, os olhos arregalados de espanto, os filhos por trás, apavorados, espiando entre as pernas dos pais para o extraterrestre.

E.T. tirara o lençol. De chapéu de *cowboy* e chinelas, os olhos incríveis e a barriga arrastando no chão, ocupava certamente

uma classe singular entre as fantasias do Dia das Bruxas. A mesma coisa acontecera em todas as casas que visitara. E ele estava gostando disso. Há semanas que estava encerrado num armário. Ele estendeu a cesta e recebeu uma porção de balas.

— Extraordinário! — murmurou o homem, enquanto os acompanhava até a porta, os olhos fixados nos dedos compridos de E.T., lembrando raízes, que se arrastavam pelo carpete do vestíbulo.

E.T. foi para a calçada, com a cesta cheia. Recolhera um tesouro fabuloso em balas e biscoitos da mais alta qualidade nutritiva, o suficiente para sustentá-lo no espaço por muitos dias. Havia pilhas de M & M e uma barra especialmente nutritiva, chamada Via-Láctea, aparentemente para viagens mais longas.

— Você é um tremendo sucesso — comentou Elliott, empurrando a bicicleta pela calçada.

O ser espacial caminhava ao seu lado e Elliott podia sentir a felicidade que dele emanava. Sabia o que era ser uma aberração, escarnecido pelos outros; sempre fora um menino assim, como se o seu próprio nariz fosse uma couve-de-bruxelas amassada. Mas não mais se sentia assim. Sentia-se mais velho, mais sábio, vinculado a mundos distantes; grandes pensamentos passavam por sua cabeça, como cometas, com uma esteira de fogo e maravilha.

Quanto ao ser que tinha o nariz de couve-de-bruxelas esborrachada, ele notou que algumas crianças espiavam pelas

janelas das casas. Puxou a manga de Michael, exprimindo o seu desejo.

Atravessaram silenciosamente um gramado e espiaram por uma janela. Um homem andava pela sala, de camiseta, com uma lata de cerveja na mão, um charuto preso entre os dentes. O viajante espacial sorriu para si mesmo, o queixo apoiado no peitoril da janela. Se pudesse sair com seus amigos todas as noites e espiar pelas janelas, valeria a pena a vida na Terra.

— *Vamos, E.T.* — sussurrou Gertie. — *Venha comigo.*

Ela levou-o em torno da casa, subiram a varanda da frente, foram até a porta. Tocaram a campainha e correram.

As chinelas dificultavam os movimentos, uma delas caiu, ele perdeu o chapéu de *cowboy*. Gritou de alegria. Estava vivendo agora... era como uma pessoa da Terra.

— Mais depressa! Mais depressa! — gritou Gertie. Esconderam-se atrás de algumas moitas, ofegantes, uma neblina saindo dos dedos dos pés de E.T. O veterano viajante espacial estava tão excitado que os dedos trabalhavam por sua própria iniciativa, fazendo sinais cósmicos que versavam sobre os segredos mais profundos da evolução do universo. Os arbustos desabrocharam. Mas o botânico intergalático já se afastara, encaminhando-se para a casa seguinte, a fim de novamente espreitar pelas janelas.

Dessa maneira, eles foram se deslocando de um quarteirão para outro. Na empolgação, muita bala e chocolate foram devorados. O viajante espacial manifestou o seu desejo de recolher mais um pouco.

— Está bem — disse Elliott. — Vamos tentar naquela casa.

Elliott levou-os pela calçada, absolutamente convencido agora de que a figura grotesca arrastando-se a seu lado seria considerada simplesmente como uma criança numa fantasia de borracha. O próprio E.T. não mais se sentia com uma aparência estranha. Começara a encarar sua forma extraterrestre como algo que vestira para aquela noite. Por dentro, era um ser humano, comendo balas, tocando campainhas, gritando "balas ou travessuras", girando o nariz.

Mas quando a porta se abriu os olhos dele estalaram de medo, pela primeira vez naquela noite. E que no outro lado da porta estava um anão de cabeça vermelha, que ele compreendeu imediatamente ser Lance, de quem sempre desconfiara. Lance, por sua vez, também ficou desconfiado de E.T.

— Quem é *isso*? — indagou ele, sem achar que os braços compridos e a barriga de bola de boliche caída diante da porta pudessem ser de borracha.

— E ... é . . . é meu primo — balbuciou Elliott, censurando-se por não ter reconhecido a casa de Lance.

Estavam agora acuados e Lance partia para o ataque, dando um passo para a frente e murmurando:

— Ele é muito esquisito.

Lance parecia atraído por uma força que não podia compreender, mas profundamente sintonizada com o monstruoso viajante espacial.

Esse menino, pensou o veterano cosmólogo, é um chato.

Ele recuou, acompanhado por Elliott. Lance continuou a avançar, enquanto eles batiam em retirada, e montou em sua bicicleta, quando eles também montaram.

— Soletre *depressa* — disse E.T.

Elliott pedalou com todas as suas forças, furioso consigo mesmo agora por ter sido tão confiante, por exhibir E.T. ao mundo. Mas como se podia esconder do mundo um segredo como E. T. ? Era irresistível a vontade de exhibi-lo, vendo as pessoas ficarem boquiabertas de espanto.

Mas não se podia mostrá-lo a um garoto como Lance, porque os chatos não se deixam enganar. Sempre reconhecem um viajante espacial quando o encontram.

E.T. viajava na cesta da bicicleta, a cabeça abaixada, os pés caindo para fora. O que Lance faria agora? Procuraria as autoridades? Será que, no final das contas, serei mesmo empalhado?

Elliott virou a cabeça e olhou para trás, esquadrinhando a escuridão. Não havia o menor sinal de Lance, que provavelmente não era capaz de pedalar uma bicicleta muito depressa.

— Está tudo bem, E.T. Nós o despistamos.

Mas tal não acontecera. Por atalhos conhecidos apenas pelos chatos, Lance avançara rapidamente pela noite, sem jamais perder contato com sua presa. Como ele sabia onde virar? Algo o estava atraindo telepaticamente. Estava sintonizado, em contato com o organismo de E.T. Pedalava como um doido, muito mais depressa do que jamais poderia sonhar. Os cabelos vermelhos continuavam grudados na cabeça, as orelhas de abano saltavam para fora, enquanto pedalava furiosamente ao luar, quarteirão após quarteirão, atrás de Elliott.

O farol da bicicleta estava apagado, apenas os refletores sobressaíam na escuridão. Mas ninguém os via. Pela primeira vez, sentia-se calmo e controlado. Em sua curta vida, nada jamais lhe saíra certo e andava sempre sozinho, empenhando-se em jogos eletrônicos consigo mesmo. Naquela noite, porém... naquela noite sua bicicleta estava fervilhando de energia, ele fazia as curvas como um ciclista profissional. Os dentes salientes matraqueavam de excitação. O vento soprava para trás os cabelos caídos sobre a testa. A noite estava-lhe sendo generosa.

Ele pulou sobre um meio-fio, caiu com os pneus rangendo, avistou Elliott à frente. O refletor traseiro da bicicleta de Elliott brilhou ao clarão de um lampião, perto dos limites da cidade.

Ele está indo para as colinas, pensou Lance, sorrindo, enquanto arremetia com sua bicicleta, passando pelo lampião, veloz e silencioso. Parecia que o ciclista não poderia perder a pista mesmo que tentasse. Ele estava agora totalmente concentrado na perseguição, sentindo que a testa zumbia inclinou-se sobre o guidom, os pés girando os pedais vigorosamente. Pensamentos profundos sobre o espaço surgiam em seu cérebro. Sentia que podia quase deslizar pelo céu. Tornou a sorrir. Os outros garotos escarneciam porque ele só comia queijo suíço. E daí? Que importância isso tinha agora, quando estava dotado daquela força incrível?

O lampião ficou para trás e ele foi avançando pela estrada que levava às colinas.

Elliott olhou para trás, mas não pôde avistar seu perseguidor. Deixou a estrada, alcançou o aceiro e foi subindo por ele, pedalando vigorosamente.

O viajante espacial ia aos solavancos na cesta da bicicleta, a barriga comprimida contra o arame, os dedos a envolvê-lo. Agora que estava tão perto do antigo local de pouso, sentia a mente em turbilhão. Devia instalar seu transmissor e começar a enviar a mensagem. O espaço era vasto e o tempo interminável. Não podia perder mais um momento sequer. Mas Elliott estava indo agora muito devagar, a bicicleta quase não se mexendo.

— Elliott...

— O que é?

— Soletre *segure firme*.

O viajante espacial mexeu os dedos, acionando uma antiga fórmula antigravidade. A bicicleta saiu do chão.

Passou por cima das moitas, depois sobre as copas das árvores, sobrevoou o bosque.

Está melhor, muito melhor, pensou o velho viajante espacial, acomodando-se da melhor forma possível.

Elliott estava paralisado, segurando o guidom, a boca aberta, os cabelos levantados. As rodas da bicicleta giravam lentamente com o vento, mas sua mente girava vertiginosamente enquanto contemplava a mata lá embaixo. Podia ver o aceiro e as trilhas entre as árvores. Por cima e por trás dele estava a lua, deslizando entre as nuvens prateadas. •

Lá embaixo, uma coruja estava despertando e indolentemente esticando as asas. Estalou o bico, pensando em camundongos ou talvez um morcego para saborear. Alçou vôo, batendo as asas displicentemente. Subitamente, os olhos se arregalaram e no instante seguinte estava mergulhando.

Mas o que era aquilo?

Elliott e sua bicicleta, com um duende espacial na cesta, passaram sobre a coruja, que desceu até o chão e ali ficou encolhida,

atordoada. Lance aproximou-se nesse instante e a coruja virou-se, sendo quase atropelada.

O que está acontecendo com este bosque?, perguntou-se a espantada coruja. Mas lance não tinha tempo para responder. Seguia adiante, a bicicleta aos solavancos, ao passar sobre raízes, pedras, galhos. Sua cabeça estava repleta de *bips* eletrônicos, ecoando debilmente. Ele sabia para onde ir, seguindo um sinal secreto. O bosque o recebia, as trilhas se abrindo gentilmente. Lance passava sem qualquer dificuldade por lugares em que um mateiro experiente ficaria confuso. Mas onde estava Elliott?

O luar passava em teias pelo dossel de folhas, por cima do qual Elliott deslizava, oculto de Lance e do mundo, percebido apenas pelos morcegos aturdidos, a guincharem, que mergulhavam desesperados, à medida que a bicicleta invadia seus domínios. Os pés de Elliott movimentavam os pedais lentamente, nervosamente, a corrente retinindo no espaço. Sempre soubera, no fundo de seu coração, que a bicicleta podia voar, chegara a senti-lo às vezes, ao passar pelo alto de uma colina. Mas o toque final de magia sempre se esquivara, até aquela noite. E.T. era essa a magia e a magia era uma ciência espacial tão desenvolvida que apenas os bem vetustos podiam conhecê-la. Impulsionava suas vastas Naves e certamente podia transportar uma simples bicicleta por um quilômetro ou mais ... até o local do pouso.

O fugitivo espacial deu uma espiada enquanto a bicicleta descia para a clareira. Foi controlando a descida com seu toque delicado. A bicicleta roçou pela relva e pousou suavemente, só se

desequilibrando no último momento, quando os compridos dedos dos pés do viajante espacial prenderam nos aros.

— Ui!

A bicicleta virou para o lado e parou finalmente, por cima de E.T. Ele saiu da cesta, com os dedos doloridos, mas excitado demais para se importar. Elliott levantou-se e começou a desempacotar o transmissor.

O viajante espacial virou-se por um momento e esquadrinhou a clareira, a fim de verificar se algum dos seus perseguidores naquela primeira noite ainda estava à espreita. O sensível radar interior foi-se espalhando, cobrindo todo o bosque. Chegou a Lance e não o detectou. Por quê? Porque a emanção de Lance não era agora muito diferente da emanção do próprio E.T. — a de um pária, solitário, desajustado. E.T. passou por ele, não sentindo qualquer ameaça.

Ele virou-se para Elliott e fez sinal para começarem a montar o transmissor.

A lâmina de serra circular girava como um disco encantado, ao lado do qual faca e garfo dançavam, passando pelos dentes de aço. O que causava o movimento encantado? Uma armadura, com uma mola presa, fora ligada a uma árvore esguia, por uma corda. Enquanto o vento inclinava a árvore, a corda ficava esticada, levantando o mecanismo de catraca de faca e garfo; os dentes avançavam, girando a lâmina de serra sobre a qual os grampos deslizavam, ativando o Fale e Soletre programado. O que

impulsionava o Fale e Soletre? Centenas de fios, que o botânico intergalático estendera até as árvores. Esses fios estavam agora nos veios de folhas, em galhos, raízes, absorvendo a eletricidade da vida. Como era feito, apenas o velho botânico sabia. Mas Elliott podia sentir a vida do bosque viajando pelos fios, convergindo, acionando o transmissor.

O guarda-chuva virado, revestido com papel laminado, brilhava ao luar. Mais que o luar, no entanto, estava refletido ali. O sinal de microonda do Fuzz Busting, impelido pelo sintonizador UHF, estava sendo irradiado da forma parabólica para o espaço.

... gleep le doople zwak-zwak snafn olg mnnnnin ...

... aproximadamente. O verdadeiro som que saía do aparelho era muito mais elegante, mas nosso alfabeto não pode reproduzir a sutileza do que E.T. arrancara do Fale e Soletre.

Elliott ficou no fluxo do sinal, torcendo por seu sucesso. Mas parecia pequeno demais, uma coisa débil vasculhando a imensidão. Percebendo as dúvidas dele, o extraterrestre tocou em seu ombro.

— Encontramos uma janela.

— Encontramos?

— Nossa frequência é a janela. Vai alcançá-los.

Eles ficaram com o transmissor por um longo tempo, ambos em silêncio. As estrelas pareciam escutar também ... e o mesmo acontecia com Lance, oculto nas moitas.

Enquanto isso, Mary tentava resistir às hordas de duendes e bruxas que a visitavam.

— Entrem, entrem ... Puxa, vocês estão me deixando com o maior medo...

As crianças cantavam e dançavam para ela. Fragmentos de chicletes caíam de suas bocas no meio das canções e ficavam grudados no tapete. Gestos bruscos faziam com que pirulitos molhados fossem comprimidos contra o papel de parede, descascando-o ao serem puxados. Harvey mordeu um dos pequenos duendes. Enquanto o destemido cão de guarda estava empenhado em molestar uma criança inocente, uma janela estava sendo aberta no quarto de Mary lá em cima. Um agente do governo entrou, com um instrumento eletrônico, cuja luz bruxuleante e agulha a adejar levaram-no para o corredor.

O instrumento ficou ainda mais frenético ao entrar no quarto de Elliott, descontrolando-se completamente ao ser levado para o armário de E.T. Depois de algum tempo, o agente pareceu ficar satisfeito. Passou para o corredor, voltou ao quarto de Mary e saiu pela janela, sem qualquer dificuldade, enquanto lá embaixo Harvey tinha o focinho preso por um lenço e a criança que berrava era cumulada de chocolate.

... gleep le doople zwak-zwak...

Elliott e E.T. estavam sentados ao lado do transmissor, escutando e observando o céu noturno, enquanto Lance os vigiava. O céu estava silencioso, não respondia.

Depois de muitas horas, Elliott adormeceu. Lance foi embora, pois tinha de chegar em casa até nove horas da noite. Assim, o viajante espacial ficou sozinho com sua aparelhagem.

Acompanhava o sinal, a se espalhar cada vez mais pela escuridão. Não se sentia muito bem. Teria comido balas demais?

Embrenhou-se entre as árvores. Os próprios passos lhe pareciam um pouco pesados, mais que o habitual. Talvez fosse de toda a correria, de tanto espreitar pelas janelas. Não estava acostumado a essas coisas.

Foi andando até encontrar um pequeno córrego. Sentou-se ao lado. O barulho das águas era encantador e ele se pôs a escutá-lo. Ficou assim por horas a fio, escutando a artéria com o sangue da Terra a correr, a cabeça mergulhada na água, adormecido.

— Acho que ele deve ter em torno de 1,20m de altura — disse Mary ao guarda. — É bem pequeno, está fantasiado como um corcunda — ela começou a chorar e acrescentou: — Tenho certeza que ele comeu uma gilete!

— Calma, calma ... — disse o guarda. — Muitas crianças se perdem no Dia das Bruxas. Tenho certeza que Elliott está bem.

O amanhecer cinzento já surgira no horizonte. Gertie e Michael estavam em casa desde as dez horas da noite anterior. A cama de

Elliott estava vazia. Mary estava abalada e transtornada, mais uma vez. Ela fitou o guarda, através das lágrimas.

— Eu o venho tratando muito mal ultimamente. Obriguei-o a arrumar o quarto.

— Isso não tem nada demais — comentou o guarda. Harvey tentou dar o aviso, mas o focinho ainda estava preso. Ele pôs as patas na porta e emitiu ganidos abafados.

— Elliott!

Mary levantou-se de um pulo. Elliott estava atravessando o quintal dos fundos. Em gratidão, Mary tirou a focinheira de Harvey. O cachorro uivou de alívio, movimentando as mandíbulas.

— É esse o nosso menino desaparecido?

O guarda sorriu. Fechou o caderninho de anotações, guardou no bolso e deixou a família para sua reunião.

— Você tem de encontrá-lo, Mike. Lá no bosque. Em algum lugar perto da clareira...

Mary confinara Elliott à cama. E.T. era agora a pessoa desaparecida. Michael foi à garagem e pegou sua bicicleta. Poucos minutos depois, estava pedalando pela rua. Um carro seguiu-o.

Olhando para trás, ele divisou três vultos no carro, observando-o atentamente. Entrou abruptamente numa passagem estreita entre duas casas, livrando-se do carro. Seguiu para as colinas.

Encontrou E.T. com a cabeça mergulhada no córrego. O viajante espacial não parecia estar muito bem, mas insistiu que se sentia perfeitamente, estava apenas escutando.

Gesticulou para o córrego, para o céu, para muitas coisas. Para Michael, no entanto, ele parecia pálido, seus passos lentos e pesados.

— Está funcionando há pouco tempo — comentou Michael.
— Você tem de pensar positivamente.

— Diga isso a ele — murmurou Elliott, acenando com a cabeça na direção do armário, onde E.T. estava sentado, pensativo.

O veterano viajante espacial sabia que era absurdo esperar resultados imediatos ou talvez quaisquer resultados. Mas ele não podia se controlar. Estava sonhando com a Grande Nave. Assim que fechava os olhos, podia vê-la, como um lindo ornamento, descendo do céu. Ao acordar, no entanto, descobria-se ainda sozinho, tendo apenas uma caixa de Oreos pela metade e a companhia de um Muppet estúpido.

Em outra parte da casa, Mary estava cuidando de suas tarefas, perguntando-se se a vida teria alguma resposta além de crianças furtivas assaltando a geladeira. Cansada, ela passou o aspirador, recolhendo fragmentos de cordas de guitarra e sementes de aparência estranha. Mary imaginou, preocupada, que podiam ser de maconha. Elliott e Michael vinham-se comportando de maneira muito esquisita ultimamente. E o mesmo se podia dizer a respeito de Gertie. O que estava acontecendo com sua família?

Ela pensou no pai de seus filhos, o vagabundo incorrigível. Ele se fora. Para o México.

Mary pensou em fazer um curso de dança aeróbica.

Ou pelo menos comprar um par de sapatos.

Mas será que a vida ainda lhe reservava alguma surpresa?

Tudo não continuaria praticamente como estava, a não ser pelo acréscimo de rugas, obrigando-a a comprar mais cremes dispendiosos, feitos de placenta ou algo assim?

Desligando o aspirador, ela descobriu que a campainha da porta estava tocando.

Por alguma estranha razão, ela sentiu que suas esperanças aumentavam. Sabia que era um absurdo, mas toda a casa parecia absurda ultimamente. Foi até a porta, dominada pela idéia de que o charmoso vagabundo que fora seu marido estaria ali, pelo bem dos velhos tempos. Ou talvez outro homem, pelo bem dos novos tempos. Alguém alto, moreno, irresistível.

Ela abriu a porta.

Era alguém baixo, de cabelos vermelhos. E chato.

— Elliott está em casa?

— Só um momento, Lance...

Mary suspirou, virou-se e subiu a escada para o quarto de Elliott, que estava trancado, como sempre. O que eles andavam fazendo lá dentro? Que coisas horríveis, para obrigá-la a comprar creme de placenta antes do tempo? Ela bateu na porta.

— Elliott, aquele menino Lance está aqui.

— *Ele é um chato. Diga a ele para não encher.*

— Não posso fazer isso, Elliott. Vou dizer a ele que pode subir.

Ela desceu os degraus, sentindo que a sua vida chegara a um impasse, que parecia imutável. Será que nada de novo aconteceria em sua vida?

— Obrigado — disse Lance, passando por ela na escada.

Algo incrivelmente novo acontecera na vida dele e estava subindo ao seu encontro, indo a própria fonte. As orelhas de abano que a mãe prendia com esparadrapo à noite, pareciam agora inclinadas ainda mais para a frente, frustrando todas as esperanças maternas. Ele bateu na porta do quarto de Elliott.

— Deixe-me entrar.

— *Suma daqui!*

— Quero ver o E.T.

Ele sorriu, muito satisfeito pelo efeito que suas palavras estavam causando no quarto subitamente silencioso, além da porta.

A porta se abriu. Ele entrou, à maneira dos chatos, adiantando-se como importuno e intrometido.

— Quero declarar minha posição desde o início. Admito que estava errado. Acredito em espaçonautas. Vi um ontem à noite, lá na floresta, com você.

— Já lhe disse que era meu primo — insistiu Elliott.

— Nesse caso, você tem uma família incrivelmente feia. Eu o vi com meus próprios olhos, Elliott.

— Não viu, não.

— Não quero bancar o durão, mas tem um cara no quarto neste momento batendo em portas, fazendo perguntas, querendo saber se alguém viu alguma coisa estranha por aqui...

— E daí?

— E daí que posso ir procurá-lo agora e contar tudo o que sei. E sei de muita coisa.

Lance olhava fixamente para Elliott, a pele de queijo suíço brilhando intensamente. Não era má pessoa, apenas um chato de pai e mãe. Os chatos parecem sempre aparecer nos dias em que as pessoas não estão muito bem, contribuindo decisivamente para se sentirem ainda pior.

— Ou posso também me calar. A escolha é sua, Elliott. Elliott suspirou e Lance compreendeu que era a rendição. Começou

a balbuciar rapidamente:

— Onde foi que o encontrou, Elliott? Sabe de onde ele veio ou a que raça pertence? Ele é do nosso sistema solar? Ele fala? Possui superpoderes?

Michael interveio:

— Conte a alguém e ele vai desintegrá-lo. Você simplesmente vai sumir.

— Ele pode fazer isso? Jura que pode? Já fez alguma vez? Elliott foi até o armário, abriu-o e entrou. O idoso monstro estava confuso, pois ouvira a voz familiar de Lance e a sonda mental desta vez não lhe falhou. Uma presença ameaçadora chegara.

— Ele é um chato — disse Elliott. — Mas prometo que não vai machucá-lo.

E.T. cobriu o rosto e sacudiu a cabeça. Não era mais o Dia das Bruxas. Seu rosto não era algo que se pudesse mostrar tranqüilamente às pessoas.

Ele foi salvo pelo gongo... ou melhor, pela campainha da porta. Elliott e Michael ficaram imediatamente nervosos, como um fio que de repente esquenta e fica em brasa. Elliott saiu do armário, a tempo de ver Michael se esgueirando para o corredor.

O irmão mais velho avançou silenciosamente, desceu os degraus para o primeiro patamar da escada, de onde podia verificar a situação lá embaixo.

A situação trouxera Mary de trás do sofá, onde ela encontrara um suprimento aparentemente inesgotável de bolinhas de papel endurecidas com cuspe e uma revista que parecia devotada às práticas sexuais de voluptuosas ninfas espaciais.

Meus bebês, pensou ela, cansada, meus bebês inocentes e perdidos...

Ela encaminhou-se para a campainha insistente, sabendo com certeza que *não* seria alguém alto, moreno e irresistível.

Ela abriu a porta.

Ele era alto, moreno e irresistível.

Mas... era louco.

— ... investigando rumores de objetos voadores não-identificados...

Mary olhou para a argola de chaves pendendo do cinto do homem. Não restava a menor dúvida de que ele tinha muitas portas para abrir em sua vida, quem quer que fosse.

Depois, ele mostrou o que parecia ser um emblema do governo. Mas não poderia tê-lo encontrado numa caixa de cereais ou algo parecido?

— Desculpe—balbuciou Mary—mas não estou entendendo...

— Um OVNI desceu não muito longe daqui. Temos motivos para acreditar que um dos tripulantes não voltou à nave...

— Você só pode estar brincando.

— Posso lhe assegurar que não estou — declarou o homem, os olhos penetrando-a.

Mary estava aturdida. Ali estava ela, divorciada, com três filhos para sustentar, solitária, frustrada, pensando em tomar aulas de dança... quando aparece em sua porta um homem atraente, possivelmente solteiro, mas procurando por discos voadores. Os ombros dela vergaram ligeiramente e os dedos ficaram mexendo no pano de pó.

— Não vi nada.

O homem fitou-a fixamente por algum tempo, depois desviou os olhos para o interior da casa, como se conhecesse muita coisa a respeito e estivesse arrematando algum plano. Se ele tentasse entrar à força, Mary haveria de derrubá-lo com o pano de pó, depois o trataria ternamente até que se recuperasse.

Mas agora ele estava pedindo desculpas por incomodá-la e descendo os degraus. Mary ficou observando-o se afastar pela calçada, imaginando que ele provavelmente lera muitas histórias em quadrinhos quando pequeno. Ou sofrerá uma queda grave?

Foi nesse momento que um carro lustroso, ao melhor estilo dos carros do governo, encostou no meio-fio, ao lado do homem. O motorista cumprimentou-o com uma espécie de continência. O

homem embarcou, juntando-se a outros que estavam no banco de trás.

Será que todos haviam sofrido uma queda grave?

Mary arrastou-se da janela do vestíbulo e voltou a limpar a casa. Talvez tivesse julgado erradamente o visitante. Talvez ele fosse um homem sério, numa missão séria.

É isso mesmo... e com toda certeza há uma criatura espacial no armário.

Ela abriu o armário do vestíbulo, arrumou o que estava espalhado, galochas, casacos, chapéus, luvas. O guarda-chuva continuava desaparecido. Ela sabia que fora levado por Michael e Elliott e só esperava que não estivesse sendo usado em algo pornográfico.

Michael voltou ao quarto de Elliott.

— O homem é um investigador. Mostrou um emblema à mamãe. Disse que tem havido OVNI...

Lance começou a pular, como se fosse dotado de molas.

— Você viu um OVNI? Deve ser a pessoa de mais sorte no mundo!

Elliott interveio:

— Ela contou alguma coisa?

— Não.

— Ele sabe sobre o transmissor? Lance quicou mais um pouco.

— Então é isso! Ele trouxe de outro mundo? É como uma verdadeira máquina do futuro?

— Ele fez com grampos.

— Grampos? — Lance ficou confuso por um momento, mas logo insistiu, como os chatos sempre fazem. — Ele está tentando entrar em contato com seu planeta? Oh, Deus, Elliott, eles vão desembarcar aqui? Quando? Onde?

Sentindo que estava perdendo a solidez de sua posição, Lance renovou sua ameaça:

— Quero ver o E.T. imediatamente, ou vou sair correndo atrás do cara com o emblema. Juro que vou.

— Sabe que você enche?

— Não posso fazer nada.

Sabendo que não havia alternativa, Elliott abriu a porta. O monstro adiantou-se, outra vez calmo, imerso nos próprios pensamentos, mastigando um Oreo. Olhou para o chato.

As mãos de Lance caíram para os lados do corpo, inertes. O sangue se esvaiu por completo de seu rosto, deixando-o com a cor do queijo branco americano ainda envolto em plástico. Uma

variedade de *bips* soou por trás de seu cenho, os mesmos sons que ouvira durante a viagem de bicicleta ao luar.

— Eu poderia morrer hoje e iria para o céu — sussurrou Lance.

— E é bem possível que morra mesmo — disse Michael. — Vai fazer um juramento de sangue.

— Está bem...

Naquele instante, Lance mal tomava conhecimento de Michael, Elliott ou do mundo. Porque diante dele estava o mais incrível ser do mundo.

— Eu... sonhei... com você... durante toda a minha vida... — murmurou Lance.

Michael agarrou Lance pelo pulso.

— Diga comigo: juro que nunca direi a qualquer alma viva o que vi hoje.

O canivete de Michael cortou seu próprio dedo e depois o de Lance, enquanto este murmurava:

— Juro...

O sangue escorreu dos dedos e Michael comprimiu-os. O viajante cósmico, observando espantado, ergueu o próprio dedo, que começou a irradiar um brilho rosa.

— Não — disse Elliott. — Não faça isso!

Mas já era tarde demais. O brilho rosa foi se irradiando cada vez mais, atingindo Michael e Lance. Os talhos nos dedos pararam de sangrar, as peles se fecharam, as feridas curaram, sem deixar o menor vestígio.

Todos na equipe chamavam-no de Keys. Ou seja, Chaves. Ele tinha um nome, mas as chaves eram a sua verdadeira assinatura: chaves para um armazém de aparência comum, com uma porção de cômodos de aparência incomum lá dentro, para os quais ele também tinha as chaves.

Ele estava agora num desses cômodos, diante de um mapa de operações em que círculos concêntricos estavam desenhados, sempre diminuindo, até um ponto comum. Disse ao assistente, em voz baixa, sem desviar os olhos do mapa:

— Ouvi alguns fanáticos religiosos no rádio outro dia. Falando de nossa visão. Afirmam que a Nave é uma manifestação satânica.

O assistente tomou um gole de café e continuou a trabalhar na lista à sua frente. Quase todos os nomes que ali estavam tinham credenciais científicas: médicos, biólogos, especialistas de laboratório de todos os tipos.

— Já sabe que, depois de trazermos este pessoal para o palco, a possibilidade de bancar o idiota vai aumentar num índice espantoso?

— Está na hora de trazê-los — disse Keys, os olhos ainda fixados no mapa, no ponto em que ficava a casa de Elliott.

O assistente levantou os olhos da lista.

— Já pensou se as crianças estiverem apenas imaginando tudo? E se o que captamos for apenas um jogo infantil?

— A Nave pousou aqui. — Keys apontou para um dos círculos exteriores. O dedo deslizou pelos círculos interiores. O dedo chegou ao ponto que representava a casa de Elliott. — Captamos a conversa sobre uma criatura espacial desgarrada de sua Nave aqui. Está perto demais para ser apenas coincidência.

Keys estendeu a mão para trás e apertou o botão de um gravador. A voz de Elliott soou na sala:

— ... *de muito longe no espaço, Michael, de um lugar que nem podemos começar a compreender. Temos de ajudá-lo...*

Keys apertou o botão de parar e a sala voltou a ficar silenciosa. Ele sentira todo o poderio da Nave na noite em que pousara, vira a aproximação incrível em sua tela. Era uma força espantosa descendo das estrelas, mergulhando sobre o horizonte. O desempenho da Nave estava de acordo com o padrão a que sua agência se acostumara, através de outras presenças. Só que desta vez a Nave fora tomada de surpresa. O assistente se levantou e foi juntar-se a ele, diante do mapa, batendo com o dedo na lista de nomes.

— Aqui está todo mundo que você quer. Parece a lista de um banquete do Prêmio Nobel.

— Convoque-os.

— Pode me escutar por um momento? Antes de envolvermos a comunidade científica? — O assistente virou-se para o mapa. — Se um tripulante ficou mesmo para trás, não parece provável que esteja escondido na casa de alguém.

— Por que não?

— Porque ele é um alienígena. Estaria se mantendo ao estilo guerrilheiro, sozinho nas colinas. — O assistente apontou para a área provável onde devia estar abrigado o que procuravam, o que quer que fosse. — Acha que eles não têm treinamento de sobrevivência? Acha que a inteligência por trás daquela Nave nunca previu uma emergência assim?

— Nós os pegamos desprevenidos — comentou Keys.

— É possível. Mas se você fosse um alienígena, sairia batendo em portas pela vizinhança?

— Ele está naquela casa.

— Pois vamos descobrir com certeza, antes de chamarmos toda esta turma. — O assistente tornou a bater com o dedo na lista. — Vai ser um circo de três picadeiros depois que este pessoal chegar. Não haverá possibilidade de evitar os vazamentos. E se você calculou errado, se nada existe naquela casa além de um par

de garotos malucos com uma mentalidade de Invasores Espaciais, então estará desempregado. Por gastar dez milhões de dólares numa perseguição sem sentido. Já esqueceu que o governo está fazendo cortes no orçamento? Estamos operando com o mínimo. Keys apontou para a lista.

— Convoque-os.

O assistente suspirou.

— Se você estiver enganado, certamente passaremos o resto de nossas carreiras procurando provas para os tribunais de divórcio. Operando a unidade de motel de alguma agência escusa de detetives particulares... — Ele começou a virar-se, mas logo voltou, apontando para os círculos externos no mapa, o bosque, as colinas. — Seu homem, caso se encontre em algum lugar por aqui, está lá em cima, nestas colinas, levando uma existência marginal.

— Algo assim como um Robinson Crusoe?

— Isso mesmo. Mas, com toda certeza, não está sentado na cozinha de alguém, tomando um *milkshake*.

E.T. estava sentado na cozinha, tomando seu *milkshake*, através de um canudo. Achava que o canudo era uma das melhores invenções da Terra, o que tornava muito mais fácil beber.

— Está gostando, E.T.? — perguntou Elliott, do outro lado da mesa.

O ser alienígena assentiu, enquanto o líquido delicioso borbulhava no copo.

Os homens da lista foram convocados, um grupo disperso de especialistas, que fora anteriormente investigado e receberão "nada consta" de segurança. Depois, haviam sido convidados a integrar um grupo que ficaria de sobreaviso para entrar em ação a qualquer momento. Eles aceitaram, alguns divertidos, outros desdenhosos, todos indiferentes, jamais imaginando que algum dia seriam convocados. Foi com surpresa que cada um recebeu o telefonema e desligou em silêncio profundo, olhando para o aparelho e se perguntando quem estava louco, se ele ou o governo.

Em seu ponto oculto, perto do local de pouso, o transmissor continuava a enviar seu sinal constante para o espaço. Não era um aparelho patenteado, não era licenciado, parecia algo que se podia encontrar num depósito de lixo. Ao aproximar-se, no entanto, Elliott pôde sentir a energia que o acionava, compreendendo que aquela pilha de componentes esparsos tinha a maior classe.

A noite caíra e ele estava sozinho com a coisa. A catraca ressoava debilmente pela relva, como alguma espécie de grilo chamando por outros.

Elliott estendeu-se na relva e ficou olhando para o céu repleto de estrelas. Ficou assim por um longo tempo, apenas um garoto insignificante, a cabeça repleta de bobagens. Mas aprendera a gostar das estrelas. Havia ocasiões em que a lua parecia se abrir com uma vasta claridade amarelada, um véu tremeluzente se

estendendo entre as estrelas. Uma voz suave murmurava uma palavra ininteligível... ou seria apenas o vento?

Ele prestou atenção ao transmissor, ao código que estava além de sua compreensão. O guarda-chuva virado rebrilhava ao luar.

Dentro de sua cabeça, podia ouvir Mary indagando onde ele estava, porque ainda não voltara para casa, embora já fosse bem tarde. Mas Elliott simplesmente desligou-a e estendeu os braços na relva. As estrelas projetavam seus véus de luz, fluxos sutis e maravilhosos, hipnotizando-o. Ele ficou ali por horas a fio, dominado por forças a que não podia resistir, forças que nunca imaginara conhecer, que ninguém na Terra podia partilhar.

Elliott estremeceu, não do frio, mas dos sentimentos que começavam a invadi-lo. A solidão cósmica penetrava no fundo de seus ossos da Terra.

Ele gemeu na relva, sob o fardo tão pesado, pois os terráqueos ainda não estavam prontos para a ânsia das estrelas.

A voz lhe sussurrou isso, abrindo a sua mente jovem, alargando os horizontes, cada vez mais.

Ainda confinados a seu planeta, os terráqueos não podem entender a melancolia do amor universal, dizia o sussurro deslumbrante, ressoando por corredores intermináveis.

Elliott contemplou o céu noturno, com a sensação de que estava se projetando para as estrelas, tão docemente sedutoras,

cujos segredos estavam ocultos dos homens. O que era absolutamente sensato. Ele rolou pela relva, o corpo zumbindo com o fogo frio das estrelas. A mensagem se espalhou por todo o seu ser... uma mensagem destinada a uma criatura muito mais evoluída, uma criatura cuja natureza interior lhe permitia amar uma estrela e ser amado em troca pela irresistível força solar.

A música das esferas dominou-o por completo, absorvendo a sua escassa alma da Terra, impregnando-o com o êxtase do cosmo, contra o qual os terráqueos estão protegidos desde o nascimento.

Ele sufocou um soluço, levantou-se, cambaleou até a bicicleta. Não podia suportar, não podia absorver as imagens que começavam a se despejar sobre ele, do espaço-tempo, da curva insuportável e inconcebível.

Ele caiu pedalando, os faróis acesos, como pequenas luas a seus pés, redondas, muito redondas. Desceu aos solavancos pelo aceiro, o corpo inteiro tremendo.

A sala de Keys tinha fotos em todas as paredes. Por baixo de cada uma, havia uma indicação de que pertencia à Força Aérea Americana. Embora algumas fotos não passassem de manchas de luz, indefinidas, listras de claridade verticais ou horizontais pelo céu, outras eram definidas o bastante para levar um homem a acreditar, especialmente se levasse em consideração que os fotógrafos eram pilotos de reconhecimento da Força Aérea, com uma margem mínima para alucinações e absolutamente nenhuma para manipulações em laboratórios fotográficos.

Em cima da mesa de Keys estava um molde em gesso da pegada de E.T., tirada da terra macia no local de pouso. Ao lado, havia uma pasta com a análise dos resíduos de emissão de combustível deixados no local pela Nave.

Portanto, Keys não era algum bêbado ao luar, um maluco frustrado ou um embusteiro profissional. Era um funcionário do governo relativamente bem pago, que no momento estava falando ao telefone com alguém muito mais alto na hierarquia, a quem dava garantias de que a agência que dirigia estava prestes a valer sua dotação orçamentária.

— Vai levar mais alguns dias... não, o atraso é inevitável... estamos seguindo a diretiva original, de que o espécime deve receber um sistema completo de manutenção da vida...

Keys escutou, acenou com a cabeça, tamborilou com os dedos, ofereceu outra garantia.

— A área está sob vigilância e ninguém pode passar por nós agora... está certo...

Ele desligou. Era noite, durante a última calmaria antes da tempestade. Keys tomou um gole de café. Se estivesse enganado, se a rede caísse apenas sobre o ar e nada mais, estaria desempregado. Mas seriam duas horas gloriosas. A porta se abriu e o assistente entrou, informando:

— A Unidade de Quarentena e Descontaminação é enorme. Toda a casa terá de ser encoberta.

— E daí?

— Já viu alguma vez uma tenda plástica do tamanho de uma casa? Com tubos saindo? Vai ser a cena mais fantástica em cinco condados e garanto que pelo menos um milhão de pessoas aparecerão para ver.

— Ninguém vai passar.

O assistente de Keys olhou para o molde em gesso da pegada de E.T.

— Por que simplesmente não entramos na casa, pegamos o viajante espacial e desaparecemos? Uma operação discreta.

— Eu podia preferir assim, mas não é como *eles* querem — disse Keys, apontando para o telefone.

— Eles querem aproveitar a publicidade, se o viajante espacial

estiver aqui. Mas se não estiver... se assolamos a área com o tipo de equipamento que você tem aqui... — o assistente bateu num maço de papéis — ..então vamos traumatizar uma porção de pessoas. Que vão processar o governo. Não se esqueça disso.

O assistente virou-se e deixou a sala. Keys não esquecia o que podia acontecer. Mas o problema estava num canto da mente. Porque ele sabia que o viajante espacial estava ali. Acendeu um cigarro, soprou a fumaça para o teto e jogou o fósforo apagado no molde em gesso da pegada de E.T.

Veículos do governo chegaram. As portas de um depósito foram abertas, atendentes uniformizados levaram os equipamentos para as profundezas do prédio.

Keys conferiu tudo, conferiu aqueles que tinham a função de montar e operar os equipamentos. O interior do armazém estava começando a parecer um hospital militar.

E.T. abriu a porta do armário e Elliott entrou, arriando sobre as almofadas. Os olhos estavam inchados, os lábios tremiam com as palavras estelares que não podia pronunciar. Ele ficou soluçando baixinho, enquanto a criatura espacial o contemplava.

E.T. tocou na testa de Elliott. A influência acumulada das galáxias se desvaneceu, retornou às profundezas do espaço, onde deveria permanecer. Elliott encolheu-se, suspirando de alívio. Em poucos minutos estava adormecido, envolto por um casulo em que a luz das estrelas não podia penetrar.

O veterano viajante espacial contemplou o menino adormecido, experimentando uma sensação entre amarga e doce em seu próprio corpo, uma angústia e uma alegria que não podia compreender. Mas não demorou a entender: amava aquele menino.

Sou seu guia e protetor. Mas para onde o guiei? Para a loucura sinistra da noite. E o que lhe ensinei?

A roubar da loja de ferragens.

Mas Elliott — ele tornou a tocar na testa do menino — meu coração-luz está mais brilhante por sua causa. Você é *meu* mestre,

guia e protetor. Será que já existiu algum menino assim?

Tão altruísta e prestativo?

Que cada estrela possa abençoá-lo com seu conhecimento, do tipo que você é capaz de receber, usar e compreender.

Ele fez sinais de comando com a mão para o fluxo sutil da lua e das estrelas, fazendo com que gentilmente contornasse o vulto adormecido de Elliott.

Uma fungadela na fresta da porta indicou que Harvey chegara, para sua excursão noturna com E.T.

O duende espacial abriu a porta e Harvey entrou, de lado, ainda não se sentindo perfeitamente seguro. Farejou o vulto adormecido de Elliott, depois circulou uma almofada por várias vezes e finalmente sentou-se diante de E.T.

E.T. fitou-o e o cachorro sustentou o olhar, um tanto apreensivo. Mas os olhares continuaram a se fundir. Pouco a pouco, a língua de Harvey pendeu para fora, uma orelha se dobrou. Em sua mente canina, estava vendo o Grande Osso Cósmico, flutuando na sopa do espaço. Ele lambeu os beiços e emitiu um ganido baixo.

E.T. instruiu-o ainda mais, em telerraios de luz, mente a mente, sobre as coisas que um cachorro deveria saber enquanto uivava para a lua.

Mary estava de pé diante do arquivo, verificando as pastas. Eram apenas 11 horas e seus pés já a estavam matando. Ela olhou para a pilha de papéis que ainda teria de arquivar. Gostaria de arquivá-los no tubo de ventilação, criando uma linda tempestade de correspondência.

— Quando tiver uma chance, Mary, poderia levar estas idéias para o departamento de vendas?

Quando eu tiver uma chance? Mary olhou para o patrão. Ele era bronco, tirânico, sádico e estúpido. Se fosse solteiro, Mary se casaria com ele. Só para poder sentar.

— Pois não, Sr. Crowder. Levarei até lá, assim que puder.

— E poderia aproveitar para...

— Terei o maior prazer.

— Mas ainda nem lhe disse o que é.

Crowder franziu a testa, com uma expressão de perplexidade.

— Desculpe, Sr. Crowder. É que pensei que o arquivo estava prestes a virar. Acontece de vez em quando.

— É mesmo?

— Quando todas as gavetas ficam abertas ao mesmo tempo. Crowder sentiu-se momentaneamente atraído pela possibilidade e ficou olhando para o arquivo. Mary muitas vezes se

perguntara como, sem ter quaisquer qualificações, ele podia ocupar aquela posição na corporação. Com mais freqüência ainda, ela se perguntava como podia se manter em sua posição sem enlouquecer. Estava pensando em largar o emprego. Talvez o fizesse naquele dia mesmo, indo trabalhar num posto de gasolina. Ou numa oficina. Os mecânicos pareciam possuir muito senso de humor, especialmente quando trabalhavam em seu carro.

— Você disse que pode cair se todas as gavetas forem abertas?

— indagou Crowder, examinando o arquivo.

— Não o aconselho a experimentar.

— Mas não acha que deveríamos... deveríamos nesse caso prendê-lo na parede?

— Talvez.

Mais interessante, pensou Mary, seria prender o Sr. Crowder na parede. E usá-lo como um quadro de avisos.

— Preciso falar com o pessoal da manutenção sobre isso. Crowder deixou a sala, desviado do trabalho pelo menos até a hora do almoço. Mary passou a hora do almoço sentada num banco na praça, comendo um sanduíche reforçado e massageando o peito dos pés. A seu lado, no banco, uma mulher idosa estava conversando com alguém dentro de sua sacola de compras.

Mary fitou-a por um momento, pensando que provavelmente fora uma arquivista.

E é assim que vou terminar. Mantendo um relacionamento profundo com uma sacola de compras.

Ela esticou as pernas e suspirou. Se ao menos o Sr. Certo aparecesse, com tudo o que ela imaginava... Mary fechou os olhos e tentou defini-lo.

Mas a imagem que predominava em sua mente era de alguém não maior que um guarda-chuva, chapinhando em sua direção com uma barra de chocolate na mão estendida.

— Está fazendo uma viagem de negócios? — perguntou o passageiro ao lado, a dez mil metros de altitude.

— Isso mesmo... — respondeu o microbiologista. — Vou a uma convenção...

Elliott abriu seu armário no porão da escola e jogou os livros lá dentro, os papéis se derramando, anotações caindo por todos os lados. Olhou desalentado para a confusão. Queria fazer algum

esforço para compreender, mas a escola não tinha o brilho das estrelas, ainda estava na lama. Ele fechou a porta do armário e afastou-se pelo corredor. As paredes cinzentas da escola eram tão alegres e animadoras quanto as de uma prisão. E Lance, o Chato do Ano, aproximava-se dele.

E Lance trouxera um espelho com a moldura da revista *Time*. Ali refletiu o rosto de Elliott, dizendo:

— O Menino do Ano, amigo de presidentes, reis e ... E.T. — Ele mudou a posição do espelho, passando a incluir seu próprio rosto. — É claro que haverá mais alguém com você. E sabemos quem é, não é mesmo, alguém meio vermelho e de olhos azuis?

O discurso de mau gosto, tão típico de um chato, causou o efeito esperado, de deixar a pele arrepiada. Isso mesmo, Elliott ficou arrepiado com o desejo de dar um chute nos fundilhos de Lance.

Lance sorriu, sentindo que estava finalmente ocupando algum lugar no mundo. Com o rosto na capa da *Time*, ele poderia passar direto do quinto ano para o programa aeroespacial, dando conselhos sobre as comunicações com extraterrestre. Afinal, não era sua cabeça que estava dando sinais continuamente com tais mensagens?

— Ele está falando comigo, Elliott, durante todo o tempo. Ele gosta de mim.

— Eu gostaria de saber o motivo.

— Ele sente que posso ser útil, Elliott. — Lance pegou Elliott pela manga. — Sabia que somos as pessoas mais importantes da escola nesse momento? Porque estamos *em contato*.

Os olhos vesgos de Lance ficaram ainda mais vesgos, como um esquilo noturno da espécie voadora, em plena luz do dia. Elliott contemplou aqueles olhos pequenos e lacrimosos e não pôde deixar de reconhecer: o brilho de E.T. estava ali. Não podia dar um chute nos fundilhos de Lance, por mais que sentisse vontade.

— Tem razão, Lance, estamos em contato. Mas tenho de ir agora...

Ele afastou-se pelo corredor e Lance seguiu o seu próprio caminho, os dois zumbindo, só que Elliott ainda mais. Não era um zumbido feliz. A solidão cósmica voltara, numa onda que atravessava os muros da escola. Não era muito difícil chegar à fonte dessa onda: dos muros da escola, através da cidade, virando à direita, subindo as colinas até as casas que havia lá em cima, entrando numa delas. No armário do segundo andar está sentado um idoso viajante espacial, com seu gerânio, dominado pelo desespero.

— ... extraterrestre — murmurou o microbiologista, enquanto era escoltado pelo corredor até a sala de reuniões. Esbarrou num colega ao entrar. — Estou arrependido agora de ter concordado com a inclusão de meu nome nessa maldita lista.

— Pois eu não me incomodo — disse o seu colega cientista. — Estava mesmo precisando tirar umas férias.

— O governo pode pensar em outras maneiras de desperdiçar o tempo da gente — comentou o microbiologista.

Eles entraram na sala. A mesa grande já estava cheia, a fumaça densa por cima das cabeças, pessoal científico, militar e médico reunido, as vozes formando um rumor baixo.

Um retinido de chaves anunciou a entrada do líder da equipe, que foi para a cabeceira da mesa. Houve silêncio quase que imediatamente.

— Senhoras e senhores, não vamos mantê-los ocupados por muito tempo. Sei que estão cansados da viagem e amanhã terão que levantar cedo, antes do amanhecer. O sistema de quarentena que estamos utilizando é complexo e exigirá preparativos consideráveis ...

Que espécie de homem era Keys, aquele homem sereno no centro de um ciclone, que gradativamente ia aumentando de velocidade e turbulência?

Tivera aquele sonho estranho quando era menino: um espaçonauta viria à Terra e o escolheria como o recipiente de seus avançados conhecimentos. Por sua vez, ele entregaria os conhecimentos à humanidade.

Os sonhos da infância raramente se concretizam. O sonho de Keys levava-o às áreas mais recônditas de vigilância, até que finalmente estava naquela que procurava pelo que era mais

obsuro, uma luz relampejante no céu, uma trilha de vapor no horizonte, um formato desconcertante numa tela de radar.

Keys tornara-se um homem familiarizado com desertos e o alto de montanhas, passara meses em tais lugares, com o mapa das estrelas por cima, através das quais o mistério deslizava, angustiosamente distante.

Mas como todo caçador diligente, Keys gradativamente encontrara um padrão nos movimentos de sua presa. Estava sobrepujado em todas as coisas: andava de jipe, enquanto a presa dispunha de um cometa de energia; tinha de satisfazer-se com a tecnologia da Terra, enquanto o aparelho por cima deslocava-se com uma graça inumana. Mas o hábito parece universal e Keys descobrira que até mesmo o comandante celestial o tinha: era o de acompanhar o ciclo de vegetação da Terra.

Gradativamente, Keys chegara a essa constatação peculiar: a grande Nave chegava quando as plantas estavam desabrochando.

Assim, Keys acompanhara as estações. Agora, na parede da sala, havia uma fotografia da Nave, tirada de perto, quando alçara vôo nas colinas, por trás da casa de Elliott.

Fora da sala, o armazém agora fervilhava de atividade, mais especialistas e técnicos chegando, com as equipes auxiliares. Era uma armadilha que se fechava lentamente, devagar demais para Keys. Mas cada peça tinha de estar no lugar, a fim de não estragar o troféu.

Dentro do armazém podia-se encontrar todos os sistemas de manutenção de vida, pois uma criatura espacial morta não era o grande prêmio. Era preciso um troféu vivo e Keys fizera tudo o que estava a seu alcance para garantir que aquele haveria de sobreviver. Keys dispunha do antídoto para qualquer choque que o ser espacial pudesse ter sofrido de uma exposição prolongada num ambiente alienígena. Tinha no armazém tudo o que a ciência médica já criara. Tudo o que a Terra tinha a oferecer seria colocado à disposição daquele membro desgarrado da tripulação do OVNI.

Keys não levava em consideração que tanta perícia podia ser perigosa, que um pequeno viajante espacial que se reanimava com M & M não precisava de alimentação intravenosa nem de um possível transplante de órgão.

Mas Keys tinha de fechar a única rede que já concebera, uma rede gigantesca, cada nó feito por algum perito. Tudo visava a restaurar a vida num mastodonte morto e congelado, a despertar qualquer órgão, rejuvenescer qualquer célula, fazer qualquer coisa sobreviver, em qualquer atmosfera concebível no universo.

— Não quero uma criatura espacial morta — era a ordem que emanava insistentemente para seus colegas e para todos os demais membros da equipe.

Já estava montada uma quantidade sufocante de equipamentos. Se todos os fios que agora pendiam à espera fossem presos ao corpo de E.T., ele ficaria parecendo uma mesa telefônica. E todos no armazém queriam desesperadamente se ligar à criatura de que tinham ouvido falar. Quem não gostaria?

A rede gigantesca de Keys era elétrica, incandescente, pronta a envolver uma criatura de pouco mais de um metro de altura, escondida num armário. E, de alguma forma, a criatura sabia o que estava para acontecer.

O gerânio estava murchando, assim como E.T., de cabeça baixa, as mãos cruzadas como um par de lulas em seu colo. Perdera toda e qualquer esperança no transmissor. Há semanas que estava transmitindo e não recebera qualquer resposta do espaço. A tripulação da Grande Nave estava muito longe, afastando-se em grande velocidade, muito além do ponto em que poderia ser chamada de volta.

Estou morrendo, Mestre, balbuciou o gerânio, debilmente. Mas o velho botânico intergalático nada podia fazer. A planta estava absorvendo suas emoções e sobre elas E.T. não tinha qualquer controle. A solidão cósmica o dominara.

Ele apoiou-se no Muppet, ergueu-se acima da cabeça da criatura e olhou pela janela do armário. Esquadrinhou o céu, telescopicamente focalizando o azul. Mas não havia qualquer brilho da Nave, nenhum halo de energia ou trilha de vapor. Um avião passou, rebocando o anúncio de um *shopping center* próximo, onde um par de orangotangos seria exibido naquela tarde.

E.T. virou a cabeça. Não demoraria muito para que também estivesse sendo exibido como uma curiosidade. Empalhado, coberto por um verniz, montado numa prateleira, talvez com alguns Oreos a seu lado, mostrando com que o monstro se alimentava.

Ele abriu a porta do armário e saiu para o quarto de Elliott. Cansado, encontrou uma trilha através do quarto atravancado do menino. Saiu para o corredor, profundamente deprimido.

Alquebrado, desceu a escada, os pés de pato fazendo o maior barulho no carpete.

Parou no vestíbulo, sentindo toda a pulsação interior da casa. Era um lugar caótico e absurdo, mas ele o adorava. Gostaria de poder trazer para ali riquezas incalculáveis, atender aos sonhos de todos. Mas só era capaz de fazer os móveis flutuarem no ar — e de que isso adiantava? Faria apenas com que se tornasse difícil acomodar-se numa cadeira.

Ele arrastou-se pelo vestíbulo, não mais alto que a estante de guarda-chuva. Proporcionava-lhe algum complexo. Mas que importância isso tinha, com todos os seus outros problemas?

Ele entrou na cozinha e abriu a geladeira.

O que podia um extraterrestre comer naquele dia?

Sentia o estranho impulso de comer queijo suíço. *Mu*, disse o queijo.

— *Mu* — respondeu o viajante espacial, fazendo um sanduíche e acrescentando mostarda.

O que vou beber com esta criação?, pensou ele. Escolheu finalmente uma garrafa colorida.

Sentou-se à mesa da cozinha, comeu e bebeu.

A língua efetuou uma rápida análise dos componentes da bebida na garrafa: cevada maltada, lúpulo, vestígios de arroz e milho. Devia ser perfeitamente inofensiva.

Ele tomou a garrafa inteira, descobriu que era uma bebida das mais saborosas. E pegou outra garrafa.

O sol despejava sua luz pela mesa da cozinha. Ele olhou para a janela. Pareceu girar ligeiramente, primeiro para a esquerda, depois para a direita.

Uma estranha sensação.

Abriu outra garrafa da bebida, despejou pela garganta, sem parar, apreciando o pequeno som de gorgolejo.

Levantou-se e descobriu que não podia andar.

Aconteceu, disse ele a si mesmo, segurando-se na beira da mesa. A gravidade da Terra finalmente me dominou.

Os joelhos vergaram, exatamente como ele temera que aconteceria, quando o momento chegasse, quando a pressão se tornasse excessiva para a sua estrutura. Os pés se deslocavam em direções opostas, os tornozelos pareciam se desmanchar. Ele esbarrou no fogão, ricocheteou, cambaleou pela porta.

As mãos tentaram inutilmente pegar o ar, os pulsos aparentemente também em deterioração.

Cambaleou para a sala de estar, a barriga se arrastando pelo tapete, mais baixa que o habitual. Gostaria de ter rodas na barriga; imaginou-as, uma de cada lado, equipadas com faróis.

Ligou o aparelho de TV.

— ... *estenda a mão* — exortou a TV — ... *estenda a mão e faça contato com alguém ...*

Ele ficou olhando apaticamente para o vídeo, as pálpebras piscando devagar.

O telefone tocou. Ele estendeu a mão parecida com uma lula e pegou o fone, como vira Elliott fazer. Do instrumento saiu a voz de uma mulher, cujo padrão era como a voz de Mary, só que mais velha, mais desagradável e um tanto maluca.

— *Olá, Mary. Só tenho um minuto, mas queria lhe dar esta receita. Tenho certeza que vai adorar. E tem coisas com que você deveria se alimentar mais, tendo em vista essa sua dieta irregular...*

A TV entoava:

— ... *estenda a mão ... estenda a mão e diga olá ...*

— Diga olá — murmurou o duende espacial embriagado.

— *Elliott? É o meu garoto de olhinhos de anjo? O que você está fazendo em casa a esta hora? Por que já voltou da escola? Está doente? Aqui é sua avó, querido.*

— Soletre mecânico.

— *Você deveria estar na cama, Elliott. E é o que vai fazer, voltar para a cama, agora mesmo. Peça a sua mãe para me telefonar mais tarde.*

— Telefonar mais tarde.

— *Veja se melhora, querido. E se mantenha bem agasalhado.* A velha desmiolada emitiu sons de beijos pelo telefone. O velho botânico retribuiu e depois repôs o fone no gancho.

Abriu outra garrafa de cerveja, levantou os pés e continuou a olhar para a tela de TV.

Cantarolando embriagado, ele ficou batendo com os pés, um no outro. Esquecera que o transmissor telepático estava em pleno funcionamento. Uma onda irregular fluía de seu cérebro atordoado.

A onda correu pela sala, esbarrando nas paredes, atravessou a cidade, dando voltas, aos solavancos, alcançou a escola, onde parou por um instante e depois arremeteu.

Elliott estava debruçado sobre a bancada de trabalho de biologia quando a onda estonteada e embriagada o atingiu. O professor dizia naquele momento:

— Na frente de cada um de vocês tem um pote de vidro. Vou dar a volta e colocar um chumaço de algodão embebido em éter em cada pote. Depois, colocaremos uma rã em cada pote e ficaremos esperando que expire.

Elliott balançou, caiu para a frente, encostando os lábios no vidro. Começou a emitir ruídos espaciais, indefiníveis, mas certamente inebriados, como os que o viajante espacial embriagado estava fazendo naquele momento. Eram gargarejos, murmúrios engrolados, gemidos.

— O comediante faça o favor de ficar em silêncio — disse o professor.

Foi o que Elliott tentou fazer, mas a sala parecia disforme, assim como ele. Tentando se controlar, ele olhou para a garota ao seu lado, uma certa Peggy Jean, que parecia ter apreciado os seus ruídos de um momento antes. Ela concedeu-lhe um sorriso e Elliott retribuiu, com a sensação de que os lábios estavam gelatinosos.

— Muito bem ...

O professor preparou o algodão, encharcando-o em éter. Elliott tornou a olhar para o vidro. A rã o fitava. Pela primeira vez, Elliott compreendeu que E.T. parecia muito com uma rã, um viajante espacial baixo e atarracado, preso num pote, a olhar impotente através do vidro.

— Não vai matar essa pobre criatura indefesa, não é mesmo? — balbuciou Elliott.

— Claro que vou — respondeu o professor.

Enquanto isso, diante da tela de TV, o viajante espacial baixo e atarracado assistia a uma novela vespertina. Harvey, o cachorro, entrara na sala e estava agora sentado ao lado de E.T.,

esperando à maneira obstinada e estúpida dos cães que o monstro lhe desse mais instruções sobre as coisas do espaço-tempo, além de um pedaço de seu sanduíche.

Na tela de TV, o herói da novela acabara de conquistar a heroína e estava agora beijando-a ardentemente.

E.T. olhou para Harvey.

Harvey deixou escapar um ganido baixo, amedrontado.

O monstro embriagado inclinou-se e abraçou o confuso vira-lata, dando um beijo em seu focinho.

Elliott virou-se para Peggy Jean, inclinou-a por cima da mesa e deu-lhe um beijo ardente na boca.

O professor ficou furioso, com alguma justificativa, pois agora Elliott estava correndo de vidro em vidro, soltando as rãs de olhos esbugalhados, que não hesitaram em deixar o local rapidamente, pulando pelo chão e saindo pela porta.

— Curem-se! — gritou Elliott, inteiramente descontrolado a esta altura, falando biblicamente.

Era possível que ele estivesse sintonizado com outras ondas, de canais de TV que transmitiam programas especiais. De qualquer modo, pôs-se a correr pela sala, gritando:

— Saiam, seus demônios venenosos, em nome de Deus!

Foi um conselho que as rãs retardatárias seguiram, saindo aos saltos pela janela. Tyler estendeu as pernas compridas por baixo da bancada, sacudiu a cabeça tristemente. Pela primeira vez desde que conhecia Elliott, sentiu pena dele. Elliott mudara, não era mais o mesmo camundongo assustado. Na verdade, era quase um bom sujeito. Só que talvez estivesse ficando maluco.

— Professor, uma rã acaba de pular dentro de sua lancheira — disse Tyler, tentando desviar de Elliott a atenção do mestre.

O professor mudou de curso. Pegou a lancheira e sacudiu-a, derramando o sanduíche, que se desfez, o conteúdo caindo numa solução de formol, presunto e queijo afundando e prontamente virando pickles. Não havia qualquer rã visível. A última estava sendo ajudada a passar pela janela nos fundos da sala por Greg, cuja boca espumava de tanta excitação. A rã voou pelo ar, seguida por uma bolha de saliva perfeita, rebrilhando ao sol.

Elliott foi arrastado da sala pelo furioso professor. Steve tirou o gorro de beisebol do bolso e pôs na cabeça, murmurando:

— É suspensão, com certeza.

Ele dedicou mais algum pensamento profundo ao que podia acontecer quando se permitia que uma irmã caçula dominasse a sua vida. O verdadeiro controle por trás do acesso de loucura de Elliott estava agora mudando os canais da TV, completamente embriagado. Sem saber o que fazia, E.T. estava refestelado na poltrona da sala de estar, as pernas curtas esticadas na

extremidade da almofada. Surgiu um noticiário, estragando a tarde com a história do desmoronamento de uma mina.

— ... o *túnel sul desmoronou* — disse ao microfone um dos homens da equipe de resgate, coberto de poeira. — *Acho que conseguimos tirar todos de lá, mas os homens se encontram em estado crítico.*

Um *close* dos mineiros feridos foi transmitido para o mundo vespertino. Em sua poltrona, o duende espacial embriagado levantou um dedo, que começou a emitir um brilho rosado.

Os homens feridos se levantaram das maçãs. Abr.,[^]aram-se, aturdidos, gritando de espanto, erguendo as pernas e braços misteriosamente curados.

A criatura espacial abriu outra garrafa de cerveja.

O professor de Elliott arrastou-o pelo corredor, não agüentando mais o comportamento dele. A vida de um professor de biologia não é um mar de rosas. As hordas de adolescentes cheios de espinhas que ele enfrentava todos os dias haviam abalado os seus nervos. Em mais de uma ocasião, ele já pensara em meter a própria cabeça no éter. E certamente gostaria de meter Elliott na solução. Reprimindo o impulso homicida, ele contentou-se em entregar Elliott ao diretor, com a esperança de que este pudesse açoitá-lo. Mas é claro que essas coisas não se fazem mais, num sistema escolar moderno. O trêmulo e abalado professor de biologia deixou o gabinete do diretor, sentindo que ao final as crianças

ganhariam, sacrificando-o na mesa do laboratório, com chumaços de algodão nas narinas e uma incisão vermelha pelo tronco.

No gabinete do diretor, conforme foi indicado, estava sendo praticada a moderação. O diretor, um educador de pensamento avançado, pegou o cachimbo, acendeu-o e tentou produzir um clima de confiança mútua.

— Diga-me o que é, filho. Maconha? Pico? Cheirinho? Ele apagou o fósforo, soprando gentilmente.

— Sua geração, meu filho, está desmoronando. E você tem de assumir a responsabilidade por sua vida...

O diretor não podia mais se controlar. Gostava do som da própria voz, sentia-se tranqüilizado por ter uma audiência completamente cativa, pois Elliott não se atrevia a mover-se. Ele açoitou o menino com clichês sucessivos, extraídos da televisão, jornais e tediosos manuais profissionais, além de superficialidades faiscentes de criação própria.

— ... compreendo perfeitamente que, num tempo como o atual, cada um deve se assumir...

O cachimbo expelia baforadas de fumaça. O mundo estava firmemente no lugar. A juventude rebelde perceberia muito em breve que não adiantava tentar balançar o barco.

— ... não pode lutar contra o sistema, filho, pois não o levará a parte alguma. Não tem sentido...

Ele apontou com a haste do cachimbo, para aumentar a ênfase. O diretor anterior fora um maníaco sexual, aposentado prematuramente depois que vários incidentes particulares no depósito de suprimentos se tornaram públicos. *Ele* balançara o barco. Contudo, o gabinete do diretor era agora um lugar estável, onde prevalecia um ambiente previsível. Os pilares da educação estavam inabaláveis, a terra fora conquistada. O sistema haveria de prevalecer.

A não ser pelo fato de que Elliott estava se levantando da cadeira, a flutuar.

O que era culpa de E.T., é claro. Suas ondas inebriadas ainda estavam sendo irradiadas, ricocheteando pelo gabinete do diretor e finalmente elevando o pobre Elliott como uma rolha à deriva na água.

Elliott segurou os braços da cadeira com toda força, fazendo o maior esforço para baixar. O diretor não percebeu, pensando que o menino estava apenas se remexendo na cadeira.

— ... essa maneira de encarar a vida como um conto de fadas *está lhe custando um tempo valioso*. Já percebeu onde estou querendo chegar?

Ele continuou a falar, indiferente a Elliott, extasiado com as próprias palavras.

— ... o mundo *é uma quantidade conhecida*, filho. Pare de olhar para o irrealizável. Pare de sonhar com coisas que não

existem. Creio que é esta a *raiz* de todos os seus problemas.

A raiz dos problemas de Elliott era o fato de estar sendo desenraizado da gravidade da Terra. A onda inebriada estava outra vez em ação no seu traseiro, com uma força que agora rompeu a resistência de Elliott, obrigado a largar os braços da cadeira. Ele flutuou para o teto do gabinete. O diretor estava limpando os óculos, o olhar desviado enquanto observava as lentes contra a luz, sem parar de falar:

— .. .um comportamento previsível, filho. Pode imaginar os tremendos avanços que ocorreram porque a humanidade descobriu que a matéria se comportava de maneira previsível?

Ele olhou para a cadeira de Elliott.

Elliott não estava ali.

Elliott estava flutuando no teto, um fato percebido pelo diretor um momento depois. Os globos oculares do diretor tornaram-se consideravelmente mais convexos com a descoberta. Ele se comprimiu contra a cadeira giratória, os dedos se contraindo e arrancando uma das lentes dos óculos. Uma vida inteira de clichês parecia estar desmoronando em cima dele, numa chuva de ruídos dissonantes, como se uma clarabóia desabasse em sua cabeça. O nariz estava inchando, talvez fosse sangrar, a mente parecia como uma meia virada de repente pelo avesso. Ele fez sinal para que houvesse silêncio, embora ninguém estivesse falando. Era apenas um menino, flutuando no teto, que fazia seus ouvidos ressoarem

como bigornas reverberando lá dentro, como se uma multidão gritasse, como se um trem tivesse acabado de passar por cima dele.

O diretor arriou ainda mais na cadeira. E como acontecera com Harvey, o cachorro, um ganido escapou de seus lábios. Elliott tornou a descer para a cadeira, lentamente.

— Posso ir agora, senhor?

— Pode, sim ... por favor...

O diretor acenou para que o menino se retirasse e depois virou-se para a janela, onde os raios de sol dançavam. Virou-se de novo, abriu a gaveta de *Drogas Apreendidas* e engoliu um punhado de Quaaludes.

De volta à fonte, a onda inebriada estava mais forte, enquanto o viajante espacial vagueava pela casa. Acabara com às cervejas da embalagem de seis unidades. Para um habitante da Terra, não representava muito álcool a correr pelo organismo. Para aquela inocente e atarracada criatura das estrelas, no entanto, era como se uma tonelada de tijolos desabasse em cima dele.

Esbarrando nas coisas, derrubando e virando outras, ele cambaleou de um cômodo para outro. Harvey, o cachorro, seguia-o fielmente.

O próprio Harvey estava em péssimas condições, por causa de sua telepatia. Os movimentos caninos normalmente lépidos estavam agora reduzidos a um cambalear arrastado, exigindo muito

esforço. Harvey finalmente caiu debaixo do sofá, as pernas espalhadas.

— Qual é o problema com você? — indagou o velho monstro espacial. — Não consegue andar direito? Vamos, ande como eu ...

E.T. fez uma demonstração, rolando sobre uma almofada no chão. De um modo geral, os cachorros gostam de um comportamento tolo e absurdo. Mas Harvey estava vendo ao seu redor pequenos ossos flutuando, assim como espaçonaves com a inscrição de Ração Ken-L faiscando. Pôs-se a mordê-las, apenas para descobrir, frustrado, que não estavam ali.

E.T. ficou rolando de um lado para outro na almofada por algum tempo, depois se levantou e tentou dar alguns passos de discoteca que Gertie lhe ensinara, ao mesmo tempo em que cantava:

— Acidentes acontecem...

Ele cantava afinado, mas a voz tinha alguma coisa que fazia com que os ecos enchessem o ar. Harvey se lamuriava, ouvindo vastas cavernas rochosas, em mundos distantes, com pequenos monstros entrando e saindo.

— ... mas é apenas *rock 'n' roll*...

O monstro oscilava, tentando movimentar a imensa barriga no ritmo. Essa bizarra exibição de proezas de dançarino poderia continuar, se não fosse pelo fato de Mary voltar para casa. Ela

entrou pela porta da frente, folheou uma revista na mesa de correspondência e depois foi para a cozinha.

O velho herói espacial decidiu que era chegado o momento de apresentar seu amor por ela. Podia ouvi-la, sentir todas as ondas mentais dela. Mary estava pronta para uma criatura madura como ele.

E.T. saiu para o vestíbulo.

Harvey, embora bombardeado também por estranhos sonhos, sabia que aquilo era uma loucura.

Ele saiu atrás de E.T., no momento em que Mary voltava ao vestíbulo. Harvey ergueu-se sobre as patas traseiras, na frente do monstro, assumindo uma pose suplicante, a língua pendendo para fora, procurando esticar todas as partes de seu corpo de cachorro para bloquear a criatura espacial das vistas de Mary.

Como já foi explicado antes, E.T. não era muito grande, tendo mais ou menos a altura de uma estante de guarda-chuva. Harvey conseguiu encobri-lo em grande parte, com sua pose suplicante, as patas dianteiras a se mexerem no ar.

— Ora, Harvey — disse Mary — eu não sabia que você era capaz de pedir tão bem. Foi Elliott quem lhe ensinou isso?

O cachorro acenou com a cabeça.

— Mas só lhe dou comida mais tarde, Harvey. E você sabe disso muito bem.

Mary atravessou o vestíbulo e saiu para o jardim. Harvey arriou no chão, não agüentando mais a pose suplicante. Como jamais fora de exigir demais da mente ou do corpo, não gostara muito do desempenho a que se vira obrigado. Ele olhou para o velho monstro espacial.

O velho monstro também o fitou, mas logo desviando os olhos e contemplando o jardim, pela porta aberta. E.T. chegara à conclusão de que era absurdo esconder sua sabedoria de Mary e que agora era o momento de conquistá-la com sua canção, história e sinais de dedos cósmicos, do tipo mais íntimo.

Ele empurrou Harvey para o lado.

O cachorro se elevou pelo ar, livre da gravidade por um instante, foi pousar dois passos à direita, no instante em que Mary voltava, com uma braçada de flores.

Harvey pulou na frente de E.T., abanando a cauda com muita força. E.T. estava com um pé fora do chão, ansioso em se adiantar para a declaração de amor. Estava assim desequilibrado, além de tonto da cerveja. Foi impelido a cambalear através do vestíbulo, pelo impacto da cauda abanando, passando por uma porta aberta.

Harvey tornou a assumir a pose suplicante, os joelhos doendo terrivelmente, mas mesmo assim se mantendo na posição. Mary parou, coberta pelas flores, sem ver muita coisa.

— Você está muito ativo hoje, Harvey — Mary virou-se e fitou-o. — Michael pôs alguma coisa em sua comida?

O cachorro acenou com a cabeça.

Mary seguiu em frente, foi pôr as flores na mesa da cozinha. Encaminhou-se depois para a escada. Será que vi aquele cachorro acenar com a cabeça?

E.T. fez um grande esforço para se levantar, apoiando-se numa cadeira. Parecia estar ricocheteando por toda a casa, sem conseguir chegar em parte alguma. Era pior do que navegar num cinturão de asteróides. Ele balançou, respirou fundo, retomou o avanço.

Quem podia saber? Aquele talvez fosse o seu último dia na Terra. Se a gravidade continuasse a lhe vergar os joelhos, não conseguiria resistir até o cair da noite. E não podia morrer sem revelar a Mary sua profunda afeição.

Ele voltou ao vestíbulo, seguiu para a escada. Harvey foi atrás dele, a língua para fora, pequenos grunhidos subindo pela garganta, a cauda batendo ruidosamente contra as tábuas do balaústre.

Mary entrara em seu quarto e estava nos estágios iniciais de preparação de seu tão amado banho vespertino. Era o interlúdio em que lentamente recuperava as forças, a fim de manter o mundo ao largo por mais um dia.

Numa hora tão sagrada, haveria de querer um extraterrestre lhe fazendo companhia no banho? Apoiado nos pés de pato, fitando-a com olhos esbugalhados e suplicantes?

Não era provável. Mas a possibilidade estava rapidamente aumentando, enquanto E.T. subia a escada, mais uma vez cantarolando:

— ... é apenas *rock 'n' roll*...

Mary foi poupada dessa oferenda musical, pois a torneira do chuveiro estava agora aberta. Foram necessários vários minutos para que a água quente saísse do aquecedor. Durante esse período, Mary começou a despir-se.

E.T. estava passando pelo quarto de Mary. As plantas se encolheram, flácidas, confusas. O que o antigo mestre das flores estava fazendo? As plantas sentiam uma vibração como o legendário enxame de abelhas de Vênus, um zumbido que emanava do cérebro do mestre.

Ele continuou pelo corredor, a caminho do banheiro, precedido pelo zumbido de abelhas, a vanguarda do enxame atingindo a porta do banheiro.

Harvey encolheu-se todo, as patas sobre o focinho. Não tinha permissão para entrar no banheiro, desde que roera o capacho. Mas a porta do banheiro foi batida nesse momento, ouviu-se o estalido do trinco. O que aliviou a ansiedade do pobre cachorro.

E.T. parou no corredor. O esquadrão de abelhas de Vênus circulou mais uma vez, sinalizando com uma luz intensa, depois se afastou bruscamente.

O veterano viajante espacial arrastou-se de volta a seu armário e desabou sobre as almofadas, inconsciente.

Keys não sabia que já estava sufocando sua presa, que a coleção de aparelhos médicos no armazém já fora sentida pelo raio telepático de E.T. e que o sinal enchia o pequeno ser espacial de angústia. E.T. não sabia definir exatamente o que o sinal significava, aquele padrão variado de luz, aquela rede de sondas que investiam contra sua consciência periférica. Mas fora suficiente para mergulhá-lo na melancolia, levá-lo à depressão, o corpo dominado por mil ansiedades vagas, que a bebedeira não podia dissipar. Mesmo enquanto estava deitado no armário, esparramado, incapaz sequer de levantar a cabeça, podia sentir os tentáculos mecânicos estendendo-se em sua direção, abraçando-o, prendendo-o firmemente. Teve um sono irrequieto, com visões terríveis perturbando seus sonhos.

A fonte dessas visões sinistras, um certo armazém nas proximidades, vibrava agora, com a intensificação da missão. Keys estava exuberante, animado pela visão do triunfo iminente. A equipe se movimentava ao seu redor, numa espécie de exultação; um momento importante para a Terra estava se aproximando. Keys sabia como era importante, pois de certa forma já tivera contato com o campo telepático da civilização que criara e tripulara a Nave. Tivera sonhos maravilhosos, ultrapassando em muito os da

infância... e um estranho amor crescera nele., um amor por aquela inteligência maravilhosa que flertava com a Terra.

Sua equipe já estava pronta, a contagem regressiva em progresso. Mas toda a atividade estava de certa forma velada pela contínua sensação que experimentava agora, de estar com a Nave e sua tripulação. O poder deles era uma onda mental constante a envolvê-lo, orientá-lo. Sentia que o encontrariam carecendo de compaixão ou preparo. Fizera tudo o que podia para proteger o tripulante extraviado.

A frota de veículos sob o comando de Keys refulgia. Onde as portas estavam abertas, podia-se ver o interior também refulgindo, com registros computadorizados faiscando, agulhas dançando, circuitos complexos iluminados.

Ele estava levando tudo isso para a criatura espacial perdida na Terra, como uma oferenda.

Elliott voltou para casa, acompanhado por Lance, o chato.

— O que aconteceu na aula de biologia, Elliott? Sabia que você ficou maluco hoje?

— Claro.

— Um comportamento bizarro, Elliott. Não acha que é besteira atrair atenção para si mesmo... *num momento como este?*

O chato lançou um olhar significativo para Elliott, como um camundongo a olhar à esquerda e à direita, depois de comer todo

um pedaço de queijo.

Elliott retribuiu o olhar e novamente resistiu ao impulso de dar um pontapé nos fundilhos de Lance... pois, como antes, os olhos pequenos do chato refletiam os próprios olhos de E.T., com luzes pequenas brilhando lá no fundo.

Elliott suspirou e encaminhou-se para a escada. Lance seguiu em seus calcanhares, como um persistente pedaço de chicletes preso na sola do sapato.

— Mas tenho de reconhecer que você liquidou com o professor de biologia, Elliott. O pessoal da turma depois da nossa disse que ele estava com a cabeça leve do próprio éter. Sabe que as pessoas que cheiram éter ficam fora de sincronia, cambaleando de um lado para outro? Pois era assim que ele estava...

Entraram no quarto de Elliott, foram se desviando das coisas espalhadas por toda parte, abriram o armário. Encontraram E.T. estatelado nas almofadas, os pés levantados. Lance ficou consternado.

— Você o deixa sozinho dessa maneira? Está maluco? Esta é a coisa mais valiosa do mundo e qualquer pessoa pode entrar aqui e seqüestrá-lo. Ou ele pode se machucar de alguma forma.

Elliott levantou o viajante espacial das almofadas.

— Ele está chumbado. E.T abriu os olhos.

— Soletre embalagem de seis.

— Você bebeu demais, E.T.

O peregrino das estrelas fez alguns sinais cósmicos com os dedos, girou os olhos, soltou um soluço. Lance continuou a falar, consternado:

— Além do mais, para que você está querendo escondê-lo? Tem alguma idéia de quantas pessoas pagam um bom dinheiro para ver KISS? E ele é maior do que KISS, maior até que os Yankees de Nova York! Você está com uma mina de ouro em suas mãos, Elliott. Mostre-o ao mundo.

Lance gesticulou, indicando que possuía todas as qualidades necessárias para ser um empresário. Os cabelos vermelhos lustrosos caindo sobre a testa lhe davam a aparência de alguém cujo couro cabeludo fora alongado desnecessariamente. Um promotor de grandes atrações certamente o varreria pela porta, junto com o lixo. Mas, sendo um chato, ele não sabia disso. E, como um chato, ele insistiu:

— Você, eu e E.T. Vamos nos dar muito bem.

Elliott manteve E.T. levantado, mas o viajante espacial balançava para frente e para trás.

— Soletre dor de cabeça, Elliott.

— Ele está na pior—lamuriou-se Lance. — Elliott, você precisa de alguém para cuidar das coisas. Não sabe nada sobre os cuidados que se deve dispensar a um extraterrestre.

Elliott continuou a segurar E.T. Podia sentir a apatia e inércia do corpo do viajante espacial, algo diferente de tudo o que já conhecera.

— E.T...

Ele sacudiu o extraterrestre. E.T. virou os olhos em sua direção. Continham visões do cosmo como Elliott nunca vira antes, nem em todas as semanas em que E.T. estava no armário. Eram os sinais mais distantes que se podia imaginar. Atingiram todo o corpo de Elliott e a inércia também o dominou.

— E.T., o que... está acontecendo...

A criatura espacial inclinou-se para a frente. Sua densidade estava mudando. Era como o núcleo de uma estrela se desintegrando, o corpo pesado, toda a gravidade da Terra em cima dele. Estava se tornando um buraco negro no espaço.

Lance também foi afetado, o peso do corpo puxando-o para baixo, fazendo-o ainda mais baixo do que o habitual. Ele se agachou, como um rato, sob o outro braço de E.T.

— Ele se comunica através de você, Elliott. Ele pertence a você. Mas tem de fazer com que tudo seja legal. Meu pai é advogado. Ele vai arrumar uma solução legal. Seremos milionários, iremos a todos os lugares. Todos vão querer nos conhecer, porque seremos os meninos mais famosos do mundo. Todos vão querer conhecer E.T. E ele será nosso!

Mas E.T. não pertencia a ninguém naquele momento, a não ser à gravidade. Recuperara integralmente os sentidos, neutralizando os efeitos da embriaguez com um momento de foco. Mas aquela outra coisa, aquela profunda implosão de seu ser, era algo que não podia mudar.

Ah, eu...

Ele balançou para frente e para trás, dominado pela contração da gravidade. Era o fim de sua vida estelar. Estava encolhendo interiormente para o tamanho de uma cabeça de alfinete. Sua vida estava se encerrando...

Mas não devia levar o menino junto. E, no entanto, estava acontecendo. O buraco negro estava aberto e nada poderia lhe escapar. Os pilotos que voam perto demais serão tragados... é a lei do espaço.

— Soletre... vá embora...

E.T. tentou repeli-los. Mas aderiam a ele, podia sentir o amor deles a se irradiar sob os seus braços. Crianças tolas, não devem querer me seguir. Pois eu sou E.T. Suas mentes não podem me acompanhar ao lugar para onde eu vou. Sou um veterano peregrino do espaço e vocês não passam de filhotes...

Harvey entrou no quarto, de cabeça baixa. Mary estava voltando. O cachorro podia sentir a aproximação dela. Tinha de avisar Elliott. Ele rosnou baixinho do lado de fora da porta do armário e depois abriu-a.

Olhou para a criatura espacial. Sua mente canina divisou uma força escura, em que ossos de luz estavam caindo, um depois do outro. Pulou para trás, seus próprios ossos sentindo o impacto.

— Deixem-me... — murmurou E.T., tentando levantar os braços.

Mas a Grande Teoria atuava nele. Sua forma concentrada de energia, tão apropriada aos ambientes do espaço exterior, estava desmoronando sobre si mesma.

Tinha de encontrar um meio de morrer sozinho. Mesmo assim, a força poderia ser tão grande que começaria a sugar todas as forças ao redor. Será que ele, um solitário alienígena, poderia implodir a Terra inteira? Sua morte acarretaria a destruição da Terra?

— Soletre... perigo...

Ele acionou todos os níveis cósmicos, mas não foi capaz de encontrar uma fórmula correta para neutralizar o que estava acontecendo. Estava preso ali, iniciando um processo inexorável, enquanto sua Nave se encontrava a anos-luz de distância.

— Ele está... muito pesado... — balbuciou Lance, enquanto cambaleavam com E.T. através do quarto.

Os dois meninos recorreram a toda a sua força para levar o extraterrestre até a cama de Elliott, no momento em que os passos de Mary chegavam ao alto da escada.

Um momento depois, ela abriu a porta.

— Oi, meninos...

Harvey se levantou diante dela, suplicando com as patas. Os pêlos estavam eriçados, incrivelmente magnetizados, encobrendo Elliott e Lance, enquanto eles estendiam um lençol sobre E.T.

— O que você fez, Elliott? — perguntou Mary, enquanto o cachorro ofegava diante dela, sacudindo as patas. — Por acaso drogou este cachorro? Quero saber a verdade.

— Fique quieto, Harvey — disse Elliott.

E.T. estava caindo, mergulhando cada vez mais. Sentiu a criatura esguia, a mãe da casa. Compreendeu que ela também seria atraída pela força... e não mais queria a intimidade, pois tinha um caminho muito diferente para ela. O cosmo dela e o seu não se cruzavam. Ela nunca saberia onde estava, se resvasse para a profundidade em que ele se encontrava. A consciência dela se desintegraria, assim como a dos meninos...

Se eu não me levantar... levantar... soletre levantar...

Mas ele não podia se mexer. Podia apenas escutar a língua estranha da Terra.

— Como foi a escola hoje?

— Tudo bem.

— Querem comer alguma coisa?

— Desceremos dentro de um minuto — disse Elliott.

— Tem um pouco... de queijo suíço?

Lance precisava de algo que o reanimasse. A cabeça parecia muito estranha de repente. Sentia que estava caindo através de algo mais profundo do que qualquer coisa com que já sonhara. Era como naquela noite em sua bicicleta, só que ao contrário. Naquela ocasião, ele sentira que quase podia voar, enquanto agora sentia-se aprisionado pelas trevas, dominado por substâncias pegajosas, uma situação que só podia ser controlada por um pedaço de queijo suíço.

— Alguém já comeu todo o que havia em casa — disse Mary, olhando desconfiada para o pequeno chato.

Ela sabia que os meninos estavam fazendo alguma coisa estranha. A intuição de mãe lhe dizia isso com toda certeza. Mas não quis insistir. E... de repente, estava sentindo uma terrível dor de cabeça.

Esperava que não fosse a menopausa. Era só o que lhe faltava agora.

Mary saiu do quarto. Elliott tornou a virar-se para E.T., rapidamente. O braço do viajante espacial caíra para fora do lençol. O horror estampou-se no rosto de Elliott, ao perceber a cor... uma tonalidade cinzenta, que lhe atraía o olhar hipnoticamente. Ele ajoelhou-se ao lado da cama, segurando a mão da criatura espacial.

— E.T., cure-se...

A noite caíra. Elliott trouxera todos os medicamentos que havia no armário de remédios da família. Mas estavam espalhados pelo quarto, como remédios de brinquedo, inúteis para combater o mal que afligia a criatura espacial estendida na cama.

E.T. estava no vórtice turbilhonante da força gravitacional. Seu sonho de vida na Terra e do brilho das estrelas estava encerrado. Seu sol era agora o sol negro.

E tudo porque não fora capaz de resistir... ao impulso de espiar pelas janelas...

De alguma forma, tinha de impedir que seu desastre pessoal atingisse aqueles terráqueos ou a própria Terra. Não havia equação formulada para aquele planeta e ele não sabia se poderia segui-lo para o fim. É que seu corpo continha um grande segredo atômico. Todas as plantas na casa estavam mortas. As próprias paredes pareciam se inclinar em sua direção, a cada movimento de respiração.

— Cure-se — suplicou Elliott outra vez, achando que o velho gênio podia fazer qualquer coisa.

Mas havia algumas coisas que nem mesmo os velhos deuses podiam realizar. E.T. sacudiu a cabeça, lentamente.

— Então passe para mim.

Elliott não sabia que já absorvera demais, tinha o poder de desaparecer num mundo estranho. Mas era uma força tão antiga e tão intensa que ele nunca poderia controlá-la. O impulso para outra dimensão haveria de partir ao meio á sua consciência.

— Leve-me... para longe... — sussurrou E.T. — ... e deixe-me...

— Nunca o deixarei, E.T. — murmurou Elliott.

O viajante espacial perdido fez um esforço para voltar à superfície, falar, suplicar.

— Eu sou ... um grande perigo para você ... — ele levantou a ponta do dedo comprido — ... e para seu planeta...

E.T. ergueu a cabeça, os olhos estelares rebrilhando ao luar. Elliott protestou:

— Mas nosso transmissor ainda está funcionando...

— Não presta— sussurrou E.T.

Os olhos dele faiscavam na escuridão. Elliott viu dentro deles linhas de incrível complexidade unindo interstícios de luz, olhos abrangendo forças profundas. O teto rangia por cima. Harvey gania no canto, enquanto os olhos extraterrestre continuavam a refletir mistérios da matéria que um simples botânico das estrelas não podia alterar.

— Você nem mesmo está tentando — disse Elliott, com medo dos olhos, de ser atraído para eles. — Por favor, E.T.

A noite foi passando. O corpo de E.T. tornou-se mais rígido, todo cinzento. Os lábios se mexiam, mas não saíam palavras, apenas um som interior intenso, da suprema compressão da matéria. A massa do corpo de E.T., embora não fosse maior que uma estante de guarda-chuva, era de incrível densidade. A elevada carga de energia estava sendo absorvida pelo núcleo. As coisas se acumulavam dentro dele, espremendo seu núcleo estelar.

O corpo de Elliott parecia feito de correntes, correntes de ferro que o comprimiam. Sentia-se cada vez mais pesado. A cabeça estava rachando, uma depressão profunda o sufocava, como ao peso de 100 mil toneladas de chumbo. Quando a claridade cinzenta do amanhecer finalmente chegou, ele fez um esforço para se controlar e olhou para E.T. O monstro era como algo esgotado, não mais cinzento, mas branco, um anão branco.

Elliott arrastou-se pelo corredor e cambaleou na direção do quarto de Mary. Abriu a porta, agora inteiramente dominado pela compressão de ferro e a solidão cósmica. Sentia-se como um extraterrestre, sentia-se um estranho a si mesmo. Estava com medo. Mary abriu os olhos, ainda na cama, fitou-o.

— Qual é o problema?

— Tudo... não vale nada — balbuciou Elliott, sentindo o mergulho profundo, o desmoronamento, o fim iminente.

— Ora, querido, não deve se sentir assim — protestou Mary, embora se sentisse exatamente da mesma maneira, tendo passado a noite inteira sonhando que estava debaixo da água, sem conseguir aflorar à superfície.

— Tenho uma coisa maravilhosa e fiz com que ficasse triste — murmurou Elliott.

— Todo mundo se sente assim de vez em quando.

Mary estava procurando por um chavão apropriado. Só que não servia de medicamento para ela. Então por que seria melhor para Elliott? Ela apalpou a cama, indicando o espaço ao seu lado. Afeto era melhor do que palavras, um pouco de calor humano. Mas seu corpo estava gelado ao amanhecer, tiritando até os ossos. E ficou ainda mais gelado quando Elliott se deitou ao seu lado.

O que estava acontecendo naquela casa? Mary sentia que havia alguma coisa bem no fundo, alguma coisa indefinível, horrível, atraindo tudo para seu turbilhão.

— Quer... me falar a respeito, Elliott?

— Mais tarde...

Elliott aconchegou-se contra a mãe. Mas a sensação de estar caindo persistiu, a sensação de mergulhar cada vez mais fundo pelo vórtice, onde as mãos de ninguém poderia alcançá-lo... porque ninguém existia por lá.

— Trate de dormir... — murmurou Mary, afagando-lhe a cabeça. — Trate de dormir...

Elliott dormiu e sonhou com uma bola de ferro, cada vez maior, depois menor e menor, até que estava deslizando pelo nada.

Quando o despertador tocou, às sete e meia, Mary se levantou sozinha, deixando Elliott sossegado em seu sono profundo. Sabia que ele era capaz de simular febre, mas aquilo não parecia ser uma encenação. Ao pôr o chambre, sentiu uma tremenda pressão nas pálpebras, fechando-as. Ela cambaleou para trás, sacudindo a cabeça para ficar inteiramente desperta. Olhou para Elliott. Havia de fato alguma coisa que não estava certa com o filho. Será que Elliott estava de ressaca? Seu filhinho estaria seguindo tão depressa as pegadas do pai que não prestava? Ela encontrara seis garrafas de cerveja vazias ... A porta se abriu nesse momento e Michael entrou no quarto.

— Onde está Elliott?

— Não o acorde — disse Mary, saindo para o corredor, arrastando Michael. — Sabe por acaso o que o está atormentando? — Mary aconchegou-se no chambre e acrescentou: — Ele parece muito deprimido.

— Provavelmente é por causa da escola — comentou Michael. — A escola deprime qualquer um.

O irmão mais velho lançou um olhar pelo corredor. Havia algo errado com E.T., havia algo errado com Elliott, ele próprio

sentia uma dor de cabeça terrível.

— Seja como for, quero que ele descanse — disse Mary.

— Deixe-me ficar com ele, mamãe. Só tenho aulas até meio-dia hoje. Por favor...

Mary tirou o vidro de aspirina do bolso do chambre.

— Está bem. Talvez você consiga arrancá-lo da depressão.

Ela encaminhou-se para a escada, tentando libertar-se do estupor que a dominava. Será que tomara Valium por engano na noite anterior? Sua própria cabeça parecia um balão de chumbo.

— acorde agora. Está se sentindo melhor?

Michael estava sentado na cama ao lado de Elliott. Levantou a pálpebra do irmão. O olho que o fitava não tinha qualquer expressão. Era um olhar de pedra, como nunca antes vira no irmão. Michael soltou um grunhido e sacudiu Elliott.

— Por favor, Elliott, acorde...

Elliott despertou, lentamente. Michael ajudou-o a sair para o corredor e seguir para seu próprio quarto. Os dois irmãos cambaleavam, apoiando-se mutuamente. Michael tinha a sensação de que estava arrastando uma bola de ferro. O que era aquela força estranha que o puxava para baixo? O que acontecera a seu irmão? O que acontecera com a casa? Estaria desmoronando ou algo assim?

Michael tocou na parede para tranquilizar-se. Mas a parede fazia movimentos de outra dimensão, as fibras carregadas com uma dança sutil de luz negra.

— Vamos, Elliott, acorde direito...

Ele arrastou o irmão para o quarto. Elliott sentia-se rígido, como uma corrente, como ferro.

E E.T. estava estendido debaixo de um lençol, ficando branco como cera.

Michael largou Elliott, o medo a dominá-lo bruscamente, mil sonhos sinistros convergindo para um sonho distante.

E.T. respirava num ritmo profundo, fora de sua imensa energia atômica. O deus tinha de partir. Ele perdera completamente o controle.

Salve-me, clamou ele para seu comandante, muito longe dali, navegando pela noite espacial, na Nave de Luz.

Venha, meu comandante, venha salvar este botânico de primeira classe que está resvalando para o nada.

Minhas plantas estão morrendo.

E eu também estou morrendo.

— Temos de contar tudo agora, Elliott — disse Michael. — Precisamos de ajuda.

Elliott virou-se para Michael, os olhos parecendo águas-vivas, transbordando de perigo, tentáculos reluzentes.

— Não podemos, Mike. Não...

Elliott sabia que o resto do mundo não devia se intrometer. O exército não compreenderia o que estava acontecendo. O governo também não entenderia. Aprisionariam a criatura milagrosa e lhe fariam uma porção de coisas.

— Vou dividi-lo... com você — balbuciou Elliott. — É o máximo que posso fazer...

Michael passou a mão pelo rosto, tentando imaginar o que metade do poder representava nas fronteiras morais do que estavam fazendo. O poder que emanava da cama estava sacudindo-o para frente e para trás, impelindo-o pelo quarto como um boneco. Ele sabia que era mais do que os dois poderiam controlar. Era uma energia muito além deles. As paredes pareciam vibrar e irradiar ondas estranhas de energia. Michael podia ver mil pequenas formas de E.T., com um fogo cósmico por trás dele. Será que a criatura espacial iria queimar o mundo?

— Elliott... — Michael cambaleou para trás, tentando se proteger da frenética dança dos átomos supercarregados. — Vamos perdê-lo se não conseguirmos ajuda. E vamos perder também a você, Elliott...

Os olhos de Michael eram como a medusa vermelha, com tentáculos acenando. A energia ali estava, além da percepção da

Terra. Elliott luzia como ferro numa fornalha. Ele sempre era capaz de simular febre, mas aquilo...

Michael agarrou Elliott com um braço e levantou E.T. com o outro. Michael era grande e forte, mas o peso daquelas duas criaturas em seus braços...

Fez um tremendo esforço para ampará-los, a bola de ferro de Elliott e o sol cósmico de E.T. Os dedos de Michael se mexeram, acionados pelas forças de E.T. O contato de E.T. era como uma magia elétrica, transmitindo dez milhões de anos de conhecimentos espaciais.

Vôos a mundos esquecidos de energia, onde ele acumulara uma vasta quantidade»..

Michael arrastou-os para o banheiro e largou-os dentro do boxe. Tinha de apagar o fogo, tinha de esfriar Elliott...

A água escorreu, encharcando Elliott e E.T.

O idoso viajante espacial sacudiu a cabeça, ao ser atingido pela água. Ah, sim, o chuveiro, onde a criatura esguia tanto se deleita...

Ele cambaleou para a frente, sob o chuveiro. Só que estava numa catarata em Vênus, numa gruta oculta, por onde corriam rios secretos, na escuridão. E.T. fechou os olhos, banhando-se lá. Tudo isso, que ele pensara que ainda voltaria a visitar, agora desapareceria para sempre.

Jogara tudo fora, a curiosidade matando o cadete espacial, o adágio tão conhecido entre os que voavam para mundos estranhos.

Espie para dentro ou para fora da dimensão, mas não se deixe apanhar pela morte.

Ele jogara fora a imortalidade, como o idiota que era. Acabara se perdendo, depois de viajar por muitos milhões de quilômetros estelares.

E, agora, um último banho de chuveiro...

... que alguns tomam em Vênus, outros em Marte...

... mas que somente um lunático cósmico se deixaria ficar preso na Terra.

Ele chapinhou os pés de pato e cantou baixinho, num tom cósmico, através de antigas câmaras de eco...

— ... acidentes acontecem ...

Ele arriou no boxe, os joelhos como chumbo, com toneladas de compressão. Elliott também arriou, arrastado inexoravelmente para o chão do boxe.

— E.T., cure-se...

Elliott sentia as cargas de energia que se irradiavam dele. Mas era uma força que não podia controlar. Era um fogo

incontrolável que ardia em seu corpo. Os raios curativos estavam sepultados sob ondas de chamas.

A porta lá embaixo se abriu e Mary entrou em casa, acompanhada por Gertie.

— Vá animar um pouco seu irmão — disse Mary, despachando Gertie.

Mary largou as compras, a dor de cabeça terrível voltando no instante em que entrara em casa. Era como se uma lâmina afiada estivesse cortando sua testa ao meio.

Ela sacudiu a cabeça para frente e para trás, tentando ver ao redor, depois comprimiu as têmporas. Teve uma visão forte e súbita de seu médico, receitando coisas que ela não queria...

Os passos adolescentes e ruidosos de Michael desceram a escada, cada um parecendo uma bola de chumbo a ressoar pela casa numa queda estrepitosa.

— Desça mais devagar, querido, se não vai acabar levando um tombo — advertiu Mary.

— Mamãe, tenho uma coisa para contar a você. É melhor sentar...

Mary arriou na cadeira. Oh, Deus, por favor, não me acerte com outro desastre da infância, não hoje, não marcas de mordidas no peito, não as conseqüências de alguma horrível briga infantil...

Ela sentiu o traseiro bater com toda força, fazendo a cadeira ranger, como se estivesse prestes a arrebentar.

— É algo sério?

— Muito mais sério do que pode imaginar, mamãe.

Mary levantou-se de um pulo, a cabeça girando, algo terrível convergindo para cima dela.

— Lembra-se do duende?

Oh, Deus, não deixe que seja um maníaco sexual, pensou Mary. O que estava acontecendo com sua família? Os olhos de Michael eram como águas-vivas.

Os passos de Gertie soaram na escada. Mary sentiu que o chão da casa tremia... do peso de uma menina de cinco anos.

— Mamãe — gritou Gertie — eles sumiram! Não estão mais no armário!

— Eles?

Mary olhou para Michael, que lhe disse:

— É melhor eu mostrar a você, mamãe... Ele levou-a pela escada, até o banheiro.

— Faça a melhor promessa que puder, mamãe...

— Michael... — Mary estava começando a perder o controle achando que Michael falava como se estivesse no jogo de Masmorra & Dragões. — O que é, afinal?

Michael puxou a cortina do boxe. Mary piscou os olhos, mantendo-os fechados por um segundo de hesitação, pois imaginava ter visto uma porção de répteis enroscados no chão do boxe. Quando tornou a abrir os olhos, divisou Elliott e ...

— Estamos doentes... —Elliott levantou a mão— .. estamos morrendo...

A água despejava-se em cima deles, de Elliott e da forma monstruosa, aquela torre de pesadelos com um metro de altura. Um sinal foi emitido da torre. Os lábios da criatura estavam se mexendo. Mary ouviu ecos hesitantes, espalhando-se por espaços incomensuráveis.

— ... cria... tura... esguia...

— Ele é da lua — disse Gertie.

Mary pegou Elliott e tirou-o do boxe. Só podia pensar em escapar do que prendia Elliott um momento antes, o que quer que fosse, um réptil molhado, monstruoso demais para continuar a contemplar.

— Desçam todos! — disse ela.

Mary envolveu Elliott numa toalha e empurrou os filhos à sua frente. Sua mente não estava funcionando racionalmente.

Estava se dirigindo para alguma espécie de crepúsculo dos sentidos, tateando às cegas. A coisa no boxe podia continuar onde estava. Ela deixaria a casa com os filhos. Além disso, não tinha qualquer outra idéia ou interesse.

— Não podemos deixá-lo sozinho — protestou Elliott. Mary simplesmente empurrou-o para a frente. Ela possuía agora o Poder Absoluto, gerado por um medo terrível e a necessidade de fugir. Empurrou os três filhos para a porta. Abriu-a... e foi nesse instante que perdeu o último fragmento de razão que ainda lhe restava, porque deparou com um astronauta no outro lado da porta.

Os olhos dele espiavam através do visor de um capacete. O corpo estava envolto por um traje espacial. Ela bateu a porta bruscamente e correu pela casa para a porta lateral. Já estava se abrindo e outro astronauta entrava.

Mary correu para a janela. Uma folha de plástico estendeu-se pela janela. Ela viu um homem num traje espacial prendendo-a na estrutura.

Um momento depois, um enorme envelope plástico desceu, envolvendo a casa inteira.

Ao cair da noite, a casa fora convertida num embrulho gigantesco, hermeticamente fechado, de vinil transparente, com imensos tubos de ventilação subindo pelo telhado e contornando a estrutura. Luzes intensas, refletores montados em andaimes, iluminavam-na por todos os lados. A rua estava bloqueada, havia

trailers e caminhões estacionados ao redor. Homens entravam e saíam, vestindo macacões azuis.

A entrada na casa era efetuada através de um furgão.

Keys estava no furgão naquele momento, pondo o macacão de astronauta e o capacete. Terminando de se aprontar, abriu a porta de trás do furgão e entrou num dos imensos tubos de ventilação. Avançou pelo tubo até uma porta de plástico fechada, puxou o zíper e entrou na casa sob quarentena.

— ... espantoso... simplesmente espantoso...

O cético microbiologista estava falando sozinho, dentro do capacete, a voz um silvo estranho, o rosto como um peixinho dourado em estado de choque dentro de um aquário, parado aturdido na área reservada à sua própria equipe de especialistas. Eram homens e mulheres examinando tecidos e outras amostras do sistema orgânico de E.T., um sistema que deixara a todos momentaneamente entorpecidos, paralisados, um estado do qual uns poucos tentavam agora emergir para enfrentar a situação.

Em outra área da casa, uma equipe de médicos estava trabalhando com as pessoas da família. Uma amostra do sangue de Mary fora tirada numa sala de estar que se transformara numa enfermaria de emergência.

— Ocorreram mudanças ambientais desde que o ... desde que ele chegou na casa? Na temperatura, umidade, intensidade da luz?

Mary ficou olhando fixo para o homem, incapaz ou sem querer falar. Ao lado dela, outro médico estava verificando a pressão de Michael.

— Notou alguma mudança superficial na cor da pele da criatura ou em sua respiração? Houve perda de cabelos ou algum indício de suor na superfície?

— Ele nunca teve cabelos — respondeu Michael.

— Aparentemente as crianças conseguiram estabelecer um sistema primitivo de linguagem com a criatura — disse um médico a outro. — Sete ou oito palavras monossilábicas.

— *Eu* ensinei-o a falar — disse Gertie ao médico que estava cortando uma mecha de seus cabelos.

Um psiquiatra ajoelhou-se diante dela.

— Ensinou-o a falar?

— Isso mesmo. Com meu Fale e Soletre.

O psiquiatra aparentemente nunca usara o aparelho. — Viu o seu amigo demonstrar alguma emoção? Ele riu ou chorou alguma vez?

— Ele chorou — respondeu Gertie. — Queria voltar para casa. O líder de toda essa atividade foi até a sala de jantar, que estava ocupada por uma equipe de radiografia, estudando estruturas ósseas que os faziam cocar os lados dos capacetes.

Keys abriu uma porta de plástico e entrou em outro cômodo, onde a quarentena era ainda mais meticulosa. Todo o cômodo estava envolto em plástico e dentro dele havia outro cômodo, uma sala higiênica portátil, de três metros por três, plástica e transparente. Dentro dele estavam Elliott e E.T., cercados por uma equipe de especialistas médicos.

— Estou obtendo um registro agora, só que não é um padrão humano de eletrocardiograma.

— Há ondas Q-, R- e X-?

— Não.

— Qualquer outra onda?

— Eu ... eu não sei.

O registro que o especialista estava obtendo nunca fora incluído em qualquer compêndio. Mas os médicos são homens estranhos. Basta alguns minutos diante de algum ultraje à vida conhecida e logo ajustam seus aparelhos e conhecimentos à experiência nova.

— É estranho... — foi tudo o que um deles pôde murmurar. Mas, evidentemente, era muito mais do que estranho. Tudo naquela criatura sobre a mesa diante deles era contraditório. Havia partes que eram como vegetais de sonhos, enquanto outras áreas possuíam a densidade de pedra, baixa o bastante para paralisar os aparelhos.

— Sonar, já verificou a localização do coração da criatura?

— É difícil determinar.

— Pelo menos tem um coração?

— Toda a tela está iluminada. Parece que todo o seu peito é ... um coração.

Eles cutucavam, sondavam, dobravam seus membros em todas as direções. Agulhas espetavam sua carne à procura de veias, outras agulhas sondavam os reflexos. Os condutos auditivos haviam sido encontrados e abertos. Os olhos que esquadrihavam o universo, supersensíveis à luz, estavam expostos a fachos de claridade intensa. A equipe trabalhava febrilmente, tentando decifrá-lo por todos os ângulos possíveis, simultaneamente, submetendo o corpo torturado a todos os escrutínios criados pela medicina, a fim de revelar todo o mecanismo de funcionamento da vida.

O médico que comandava a equipe tentava a todo instante limpar o suor da testa, apenas para descobrir que seu rosto estava coberto por um vidro. Sentia-se frustrado, confuso, começara a encarar E.T. como uma criatura arrastada do fundo do mar, um monstro de inconsciência, uma forma inumana cujo sentido, propósito e segredo haveriam de se lhe esquivar, ao final.

Era uma coisa terrível, mas a verdade é que a feiúra indescritível da criatura estava privando o médico de sua ternura habitual. Sua mente cansada via pterodáctilos, lagartos primitivos, formas grotescas que nunca deveriam ter existido e que felizmente

já estavam extintas. A coisa diante dele era um desses monstros pré-históricos, uma criatura fria e insensível, uma criatura de pesadelo... o monstro disforme que sempre se temia que poderia emergir do útero da vida. Era natural odiar uma coisa assim e desejar que estivesse morta.

— Está vivo — disse o técnico ao lado dele — mas não consigo encontrar a respiração...

— ... o pulso continua firme.

O veterano viajante espacial estava imóvel, como uma lua morta. As luzes fluorescentes intensas investiam contra ele, um horrível clarão humano, penetrando fundo por seus nervos. Compreendeu que caíra sob o encantamento deles, aqueles doutores da Terra que trabalhavam com os equipamentos mais primitivos, em comparação com as sondas delicadas da Grande Nave.

Ah, a medicina, pensou ele, suspirando mentalmente, clamando para a Noite Exterior, onde estavam os seus próprios médicos.

— O corpo parece do tipo marfânico.

— Anote *exoftalmia relativa*.

— Reflexo do pé revela babinskismo bilateral.

— ... estou obtendo uma respiração... só uma ...

Ele tentou sentir o caminho até a Nave, em direção de seu propósito superior, para o qual tanto era necessário no universo. Iria perder tudo?

Ah, E.T., ele suspirou para si mesmo, agora o pegaram de jeito. As correntes de ferro da Terra o prendiam. Estava manietado e o peso era terrível, enquanto sua força vital continuava a se esvaír.

— Conseguimos algum tipo de elementos residuais?

— Já estabelecemos um limiar radiativo. Mas não há indícios de queimadura superficial na família, nenhum dano ósseo.

— Doppler, você captou algum fluxo sangüíneo?

— Acho que estamos vendo algum sangue na região inguinal.

— Acho que estamos pegando extra-sistálises ... um registro da criatura e um registro simultâneo do menino.

O médico-chefe tornou a passar a mão nervosamente pelo capacete. O menino e o monstro estavam de alguma forma vinculados. Parecia que o monstro estava se alimentando da vida do menino. O menino perdia e recuperava a consciência, sofrendo alucinações, balbuciando, tornando a resvalar para a inconsciência. Eu cortaria o cordão que os une, pensou o médico, se ao menos soubesse onde está e o que é.

Ele sondou mais fundo, tornando a passar a mão pelo domo de vidro. Tinha certeza de que o monstro estava morrendo; sua

preocupação agora era o menino. As batidas cardíacas eram irregulares, a pulsação estava fraca. Tudo parecia sincronizado com o monstro, um vínculo oculto que os unia de maneira infernal.

Será que ninguém ainda conseguiu descobrir o que está acontecendo?, pensou o médico, lançando um olhar ao redor.

Ele viu as cabeças acenando por dentro dos capacetes e compreendeu que ninguém ainda encontrara uma resposta.

O médico tornou a olhar para o rosto monstruoso. Se alguma vez já existira uma criatura insensível, fria e sem amor no universo era justamente aquela maldita coisa que estava à sua frente. De alguma forma desenvolvera a inteligência, pois dispunha de uma espaçonave. Só que as criaturas que comandavam a espaçonave eram parasitas, predatórias, incapazes de compaixão e bondade, desprovidas de todos os bons sentimentos humanos. Ele sabia disso com tanta certeza quanto a de estar parado ali. Com toda a força de seu coração, sentiu a vontade de estrangular aquele monstrengo. Era perigoso; ele não sabia explicar o motivo, mas todo o seu ser tinha certeza de que era perigoso para todos.

Uma agulha perfurou a pele de E.T. Na mesa a seu lado, Elliott estremeceu, como se a picada tivesse sido em seu próprio corpo. Ele virou-se para o único rosto familiar, que era o de Keys.

— Está machucando-o... e está nos matando ...

Keys olhou para E.T. A visão que tinha de uma nobre criatura espacial fora radicalmente alterada pela feiúra de E.T.

Contudo, a mente de Keys ainda mantinha ondas mentais superiores. Aquela coisa na mesa à sua frente, por mais feia que fosse, era da Nave . . . e a Nave era infinita em sua amplitude e poder. Servi-la era a missão de Keys.

— Estamos tentando ajudá-lo, Elliott. Ele precisa de cuidados.

— Ele quer ficar comigo. Não conhece vocês.

— Elliott, seu amigo é uma criatura rara e valiosa. Queremos conhecê-lo. Se pudermos conhecê-lo, descobriremos muitas coisas a respeito do universo e da vida. Você salvou-o, foi bom para ele. Não pode nos deixar agora fazer a nossa parte?

— Ele quer ficar comigo.

— E vai ficar. Para onde quer que ele vá, você irá também. Prometo.

Mas ninguém podia seguir para onde a criatura estava indo. As forças turbilhonantes de seu ser estavam se deslocando no núcleo. O velho ser podia sentir a enormidade dessa força, a dos antigos dragões. Sua raça dominara essa chama, essa vida. Deveria terminar em cataclismo? Deveria destruir aquele planeta? Não!, clamou ele, interiormente, não podia terminar assim. Que destino mais horrível podia haver que destruir uma coisa tão linda como a Terra? Eu seria amaldiçoado para sempre por todo o universo.

Mas o dragão em seu núcleo estava se movimentando, os olhos brilhantes como sóis ardentes, flamejando com os mistérios de terror e conquista. Uma força poderosa seria liberada, destruindo médicos e máquinas, amigos e inimigos, tudo e todos, explodindo-os pelo espaço.

— O menino está outra vez inconsciente.

— Chame a mãe.

E.T. agarrou-se à beira do vazio, com um último resquício de energia. Um troar povoou seus ouvidos, enquanto a boca do dragão se escancarava abaixo dele. Línguas negras e terríveis de fogo cósmico se elevavam, ansiosas em consumir um planeta, um sistema solar, tudo e qualquer coisa que estivesse em seu caminho. E.T. sentiu que o invólucro de sua natureza se rompia e o conhecimento estelar se esvaía, cada vez mais depressa.

— Estou perdendo a pressão.

— ... e o pulso também...

— Aumente o oxigênio.

— A onda acabou de entrar em V-Tak.

— Como pode saber, sem Q, R ou X?

— A linha ficou reta.

Um artefato elétrico foi aplicado ao peito de E.T. e a corrente descarregada. Tentaram reanimá-lo por todos os meios possíveis,

injetando adrenalina, batendo em seu peito.

— Nada... só encontro um branco...

O eletrocardiograma do viajante espacial era uma linha reta e firme, toda a ação cardíaca cessara. E.T. estava morto... mas Elliott ainda se mexia, toda a sua força voltando quase no momento em que o coração da criatura espacial cessara de bater. E.T. encontrara pelo menos uma das fórmulas que procurava, a de um escudo, projetado por trás dele enquanto resvalava para a morte, a fim de que o menino não pudesse acompanhá-lo. Elliott sentou-se abruptamente na cama, gritando:

— Não se vá, E.T.!

— Não há reação — disse um médico. — Não há respiração.

— Ele pode prender a respiração! — gritou Elliott.

Os médicos sacudiram a cabeça. A criatura que haviam tentado salvar morrera e agora suas sensibilidades ultrajadas começavam outra vez a experimentar a repulsa. Em que haviam trabalhado?

Mal perceberam o cintilar momentâneo nas luzes e nos equipamentos, não compreenderam plenamente o tremor na casa e no vale. Era algo reservado a outros homens, outros equipamentos, os que controlavam os distúrbios no próprio núcleo da Terra...

Keys, como uma criança que não pode acreditar que a morte realmente existe, inclinou-se para o extraterrestre e sussurrou:

— Como podemos entrar em contato com sua raça?

Elliott não sentiu a mão de Mary em seu ombro. Tudo o que podia sentir era a perda.

— Ele era... o melhor — soluçou Elliott, os olhos transbordando de angústia e desespero, enquanto contemplava o amigo.

Por trás dele, Gertie e Michael entraram, apesar dos protestos do médico-chefe. Gertie aproximou-se da mesa e ergueu-se na ponta dos pés, olhando para o monstro.

— Ele está morto, mamãe?

— Está, sim, querida.

— Podemos rezar para que ele volte?

A última coisa que Mary queria na vida era que o pequeno monstro voltasse. Ela contemplou a hedionda forma encarquilhada, a boca horrível, os dedos compridos e repulsivos, a barriga grotesca ... era tudo feiúra e quase matara Elliott.

— Eu quero que ele volte, eu quero, eu quero, eu quero... — murmurou Gertie.

Eu quero, pensou Mary, repetindo o desejo da filha, por motivos que não podia definir.

Todos haviam agora deixado o cubículo de plástico, inclusive Elliott, que estava do lado de fora, olhando para E.T., que estava sendo metido num saco plástico e coberto com gelo seco. Por trás dele, os outros cômodos estavam sendo esvaziados dos equipamentos e das capas protetoras de vinil.

Um pequeno caixão de chumbo foi trazido e levado para o cubículo de plástico. Agentes colocaram o extraterrestre no caixão. Keys aproximou-se por trás de Elliott, pôs a mão no ombro do menino.

— Não gostaria de vê-lo uma última vez?

Keys acenou para que os outros agentes se afastassem e despachou Elliott sozinho, a entrada de plástico do cubículo se fechando por trás dele.

Elliott parou ao lado do pequeno caixão. Removeu o gelo seco do rosto de E.T. As lágrimas dos olhos de Elliott escorreram pelas faces e caíram sobre o plástico que cobria as feições enrugadas de E.T.

— Pensei que ficaria com você para sempre. Tinha um milhão de coisas para mostrar a você, E.T. Você era como um desejo que virou realidade. Mas não era um desejo que eu sabia que tinha, até que você apareceu. Você foi para algum outro lugar agora?

Quem acredita em contos de fadas? *Geeple geeple
snnnnnnnnnnnnnnnnnnn org*

Um fecho de luz dourada correu pelo espaço interior. Os historiadores do cosmo se dividem quanto à sua procedência. Era mais antigo que E.T., mais antigo que fósseis. Há os que afirmam que era a própria alma curativa da Terra, bruxuleando com tudo o que sabia, talvez como um gesto de diplomacia para o visitante alienígena.

— *Não espie mais por janelas ...*

Segundo alguns, foi isso o que disse o fecho de luz dourada, antes de desaparecer. Outros dizem que a Terra estava condenada e não podia salvar-se, que a força salvadora viera de um planeta-irmão, a fim de apaziguar o dragão da energia atômica.

Houve também quem ouvisse coisas: *dreeple zoonnnnnn-
gggggggggggggummmmmmmmtwrrrrdsssss* Chamando do além.

O que quer que fosse, atingiu o dedo curativo de E.T., fazendo com que brilhasse.

Ele curou a si mesmo.

Não sabia como.

Mas teve uma visão de seu comandante, mais linda do que qualquer coisa que se podia imaginar.

Boa noite, comandante, disse E.T.

Não espie por janelas, disse uma voz em resposta.

Nunca mais, meu comandante.

Um brilho intenso encheu todo o corpo de E.T. Ele ficou todo dourado, mas especialmente no coração-luz, onde o ouro se transformou em vermelho, apagando e acendendo. O vapor, elevando-se do gelo seco, ficou rosado. Elliott notou, removeu o gelo seco do peito de E.T., viu o brilho do coração-luz do viajante espacial.

Ele virou-se para a porta, onde Keys ainda estava falando com Mary. Cobriu rapidamente o coração-luz de E.T. com as mãos. Os olhos de E.T. se abriram.

— E.T. telefonar casa.

— *Está bem, está bem* — sussurrou Elliott, alegremente. Ele tirou a camisa, estendendo-a sobre o coração-luz. — Temos de encontrar um jeito de sair daqui. Fique quieto...

Elliott tornou a estender o gelo seco sobre E.T., depois fechou o saco, puxando o zíper. Simulando o mais profundo desespero, ele deixou o cubículo de plástico, passando por Mary e Keys. Um momento depois, estava na cozinha, junto com Michael, ao lado de uma mesa apinhada de instrumentos cirúrgicos, máscaras anti-sépticas e microscópios. O gerânio murcho de E.T. também estava na mesa. Enquanto Elliott sussurrava para o irmão, o gerânio, como Michael, levantou a cabeça. Um momento depois,

folhas verdes saíram das hastes mortas um pouco antes. Botões apareceram. O gerânio tornou a desabrochar.

Michael deu um telefonema discreto e depois saiu pela porta lateral.

Elliott estava parado no tubo de ventilação principal pelo qual se entrava na casa quando os agentes apareceram, carregando o caixão de chumbo. Eles abriram a porta de zíper, um dos homens ficou segurando-a para que os outros passassem. Eles deixaram o caixão no furgão e voltaram.

— Vou com E.T. — disse Elliott.

— Você e sua família vão comigo, Elliott — disse Keys. — Todos vamos para o mesmo lugar.

— Você prometeu que eu podia ir para onde ele fosse. E vou com ele agora.

Keys suspirou, tornou a puxar o zíper da porta e deixou Elliott passar. Elliott avançou pelo furgão e bateu na porta que dava para a cabine. Michael, sentado ao volante, virou-se.

— Só tem uma coisa, Elliott. Nunca guiei para a frente antes. Ele passou a mudança, pisou no acelerador e arrancou. O som terrível de algo se rasgando indicou que toda a cobertura plástica protetora estava se desprendendo da casa. O enorme envelope plástico desabou. O veículo derrapou até o fundo do caminho, arrastando seis metros do tubo plástico, como a cauda de um dragão.

Michael tocou a buzina. Os guardas se apressaram para remover as barreiras, enquanto a multidão por trás se abria para dar passagem ao furgão. Elliott era sacudido de um lado para outro, na traseira do veículo. Somente então percebeu que dois agentes estavam dentro do tubo arrastado na esteira do furgão, segurando-se na armação, tentando avançar.

E se ele pudesse ver através do tubo, perceberia lá atrás que Mary estava embarcando em seu carro, junto com Gertie.

Ela desceu pelo caminho, passando pelos veículos do governo, no encalço do furgão, esperando que o roubo que os meninos haviam acabado de cometer não fosse realmente um ato criminoso, embora desconfiasse que isso era inevitável.

— Para onde estamos indo, mamãe? — perguntou Gertie.

— Vamos buscar creme de placenta — disse Mary, o carro passando ruidosamente pela abertura na barreira da polícia.

— Elliott e Michael roubaram aquele carro?

— Roubaram, querida ...

— Por que eles não me levaram junto?

— Porque você é pequena demais para roubar carros — respondeu Mary, disparando pela rua. — Poderá fazê-lo quando estiver mais velha.

Ela fez a curva, com um ranger de pneus, atrás do furgão. Sabia agora que o monstro estava vivo, sabia disso em todos os terminais nervosos atormentados de seu corpo. E quer fosse os desejos ou apenas a sorte o que lhe devolvera a vida, ela sentia-se contente. Apesar de complicar ainda mais sua situação, apesar de carros da polícia estarem agora em seu encalço, assim era melhor.

Os agentes foram avançando aos solavancos pelo tubo de plástico, segurando-se na armação. Podiam ver Elliott lá na frente, trabalhando freneticamente.

Ei, será que o garoto está tentando desprender o tubo?, pensou um deles.

Um momento depois, o agente estava rolando pela rua, juntamente com seu colega, o tubo de plástico desabado em torno deles, solto do furgão, que se afastava rapidamente.

Michael manejava desesperadamente o volante e os pedais. Gritou para trás:

— Vamos acabar morrendo, Elliott. E nunca me darão a carteira de motorista.

Ele estava espantado com a maneira como os outros veículos se desviavam para os lados um instante antes da colisão. Elliott abriu o caixão de chumbo aos solavancos, puxou o zíper do invólucro de plástico em que E.T. fora encerrado.

E.T. sentou-se, espanou o gelo seco do corpo e olhou ao redor, dizendo:

— E.T. telefonar casa.

— Eles estão vindo buscá-lo? — indagou Elliott. *Zeeeeeep zeeple zwak-zwak*

Os olhos de E.T. brilhavam intensamente, mas ainda mais brilhante estava o seu coração-luz, que respondeu a Elliott com um fulgor que encheu todo o furgão.

Michael saiu com o furgão da avenida e entrou numa ladeira que levava a um local conhecido como Ponto de Observação, onde estava a turma da Masmorra & Dragões, para quem ele telefonara meia hora antes. Todos ali esperando agora, com suas bicicletas.

O furgão parou com um ranger de freios. Elliott e Michael ajudaram E.T. a descer.

A turma, Greg, Tyler e Steve, ficou olhando boquiaberta, enquanto o monstro se adiantava.

— Ele é um homem do espaço exterior — disse Elliott. — Estamos levando-o para sua Nave.

Como as mentes dos médicos haviam ficado estonteadas um pouco antes, assim aconteceu agora com a turma. Mas no jogo eles representavam todos os papéis, mercenários, magos, cavaleiros. Assim, de certa forma, estavam preparados para o espantoso. Embora as mentes ficassem abaladas, mesmo assim ajudaram E.T. a se acomodar na cesta da bicicleta de Elliott e depois partiram, descendo por uma das quatro ladeiras que descia do alto do morro.

Tyler seguiu na frente, as pernas compridas acionando vigorosamente os pedais. Um olhar para trás proporcionou-lhe outra visão aterradora da coisa na bicicleta de Elliott. Pedalou ainda mais depressa, ansioso em livrar-se daquela coisa, o que quer que fosse. Antes que começasse a se multiplicar.

— Elliott! — gritou Greg, a saliva voando para trás. — O que... o que...

Mas a língua ficou presa na boca cheia de saliva. Ele pôde apenas ficar babando, enquanto pedalava com toda a sua força. Ao seu lado, Steve estava debruçado sobre o guidom, com o gorro de beisebol na cabeça. Ele também olhava para o monstro. Compreendeu que, o que quer que fosse, estava de alguma forma relacionado com o fato de Elliott permitir que a irmã caçula o obrigasse a fazer tortas de lama. Saberá dos detalhes mais tarde. Mas uma promessa solene surgiu nele naquele momento, de nunca mais se meter com a irmã de ninguém, inclusive a sua. Coisas estranhas podiam acontecer, como provavelmente aprenderia no curso de higiene. Ele inclinou-se ainda mais sobre o guidom, a mente fervilhando de perguntas sem respostas, os pés voando sobre os pedais.

Enquanto o estranho grupo de ciclistas desaparecia, o alto do morro voltou a ficar povoado, de veículos do governo, carros da polícia. E Mary. Todos pararam com um ranger de pneus em torno do furgão abandonado. Agentes e policiais saltaram, empunhando armas. Mary saltou também e adiantou-se a correr, gritando:

— Não atirem! Eles são apenas crianças!

Meses de frustração, medo e simples loucura impregnaram sua voz. Os guardas recuaram, aturdidos, enquanto Mary passava por eles. Se ela fosse tão convincente assim no tribunal de divórcio, seria agora uma mulher mais rica.

A diversão momentânea aumentou ainda mais a distância que separava os ciclistas da polícia, que ainda enfrentava o furgão abandonado e o gelo seco que se derramava do seu interior. Mas quando as portas foram completamente abertas, todos verificaram que o furgão estava vazio.

Foi nesse momento que emergiu das moitas um personagem que soubera que aquele seria o lugar mais importante do mundo naquela noite.

— Eles partiram de bicicleta! — gritou Lance. — Sei para onde estão indo!

Mary estendeu a mão rapidamente para tapar a boca de dentes salientes do pequeno chato, arrastando-o para seu carro. Mas Lance abaixou a janela e gritou para os agentes federais e os policiais:

— O lago! Eles foram para o outro lado do lago!

Os policiais e os agentes federais prontamente embarcaram em seus carros e seguiram para o lago. Lance virou-se para Mary.

— A floresta... vou mostrar o caminho.

— Mas... o lago?

— Posso ser um chato, mas não sou estúpido.

E.T. e companhia continuavam a pedalar pelo caminho sinuoso, na direção do local de pouso da Grande Nave. A turma não conseguia manter os olhos desviados de E.T. por muito tempo, as mentes transtornadas com a visão, mas os corações lhes diziam outra coisa, muda e convincente: que ali estava um amigo e se encontravam empenhados no jogo para valer, em sua forma mais superior. Pedalavam cada vez com mais vigor, mais depressa, levando-o para o que quer que o aguardasse.

Os carros da polícia estavam contornando o lago, passando por acampamentos, chalés, pela casa do responsável.

— Ninguém apareceu por aqui... — O homem olhou aturdido para os carros na estradinha de terra e acrescentou: — Mas o que está acontecendo?

As rodas giraram, pneus disparando terra e seixos na direção do homem. Um momento depois, o grupo de perseguição já se fora, tornando a contornar o lago, de volta à estrada pavimentada.

Qual o caminho que devo seguir?, perguntou-se o motorista do carro da frente, um sargento da polícia com uma pálpebra que comichava espasmodicamente quando ele estava nervoso. E a pálpebra comichara durante toda a manhã, como se lhe desse algum aviso. Ele virou para a esquerda abruptamente, seguindo algum radar interior.

Os outros carros foram atrás, disparando pela estrada, os aceleradores bem calcados. Era uma grande caçada e nada deveria interrompê-la ou prejudicá-la.

— Vamos nos dividir aqui... espalhem-se...

Os rádios transmitiam mensagens em plena perseguição. Os carros foram se espalhando, formando um leque, que abria e fechava, de acordo com as necessidades, um quarteirão depois de outro.

— ... virem, virem...

A pálpebra comichava e os pneus do carro rangiam em resposta, seguindo algum estranho sinal que havia à frente, um sinal alcançando todos os perseguidores e procedente do coração da presa, um excitado extraterrestre cuja faixa de comunicação esquadrihava o céu com uma onda telepática, tão forte que até as pedras podiam senti-la.

E.T. sacolejava na bicicleta de Elliott, agarrando-se na cesta com seus dedos compridos. A cabeça zumbia com sinais, fervilhava com *znackle nerk nerk snackle está nos recebendo?*

Estou, meu comandante. Mas, por favor, apresse-se *zinggg zin-gle nerk nerk*

As pernas compridas de Tyler eram uma mancha indistinta a pedalarem velozmente, na vanguarda da turma, com Michael a seu lado. E foi Michael quem ouviu a sirene a distância.

— Eles estão chegando!

Michael lançou um olhar para trás, na direção de Elliott.

— A viela! — gritou Elliott.

Ele cortou à frente dos dois, com Greg e Steve logo atrás. Os finos pneus de borracha rangeram ao passarem pelo asfalto quebrado da viela, o caminho para o destino deles, as colinas distantes, que nunca haviam parecido tão distantes como naquele momento.

As bicicletas derrapavam e sacolejavam nos buracos, passando pelos fundos das casas, com as janelas se iluminando, cortinas se abrindo. A mão de alguém levou uma lata de cerveja aos lábios, que tremeram por um momento. Será que acabei mesmo de ver um monstro passando numa bicicleta?

Seguiu-se um arroteo e depois outro, sucedendo-se passos arrastados na direção do armário de bebidas. Um homem precisa de um bom trago depois de ver uma coisa assim. Tenho de acabar com essas coisas...

— Vire à direita...

O agente apontou, o dedo parecendo brilhar. Como sei para onde ir?, ele perguntou a si mesmo. Sei simplesmente que sei. Lá em cima... lá em cima...

As rodas do carro rangeram ao entrarem na viela. Outros carros convergiram para lá, de sete lugares diferentes, formando

uma caravana sobre a pavimentação toda arreventada. O carro da frente, ainda dirigido pelo sargento cuja pálpebra se contraía nervosamente, disparou pela estreita passagem, a sirene tocando. O olho bom do sargento trabalhava duplamente. Mas que Deus ajude alguma velhinha que pense em sair de trás das latas de lixo para fumar um cigarro, pois vamos passar por cima dela, pensou ele.

Na ponta do leque, outros agentes estavam se aproximando para fechar a saída da viela. Um dedo luminoso apontou, brilhando com certeza absoluta.

— Lá estão eles!

Elliott parou a bicicleta abruptamente, saltou e empurrou-a por um lance de degraus de concreto, ao lado de uma velha garagem. Michael e Tyler estavam logo atrás dele, entrando num quintal, protegido nos dois lados por cercas de madeira.

Greg espumava no último degrau, com Steve ao seu lado. Pararam por um instante, para se orientarem, depois enveredaram por outra viela. Tyler já estava lá, junto com Michael, Elliott e E.T. entre os dois. E.T. olhou ao redor, os olhos enormes revirando. Não deixe que me peguem *xyerxyer nark vmmmmmmmnnnnn* pode me ouvir? *zerk, nergle vmmmmmmmnnnnnnn znack* nosso grande comandante manda que se apresse perigo perigo perigo

A viela fazia uma curva. As cinco bicicletas, levando um monstro, avançavam rapidamente, a caminho das colinas, num percurso mais conhecido e usado pelos ciclistas do que por

motoristas. Os veículos grandes se encontraram, avançando em direções opostas, tiveram de fazer marcha à ré, dar a volta, começar de novo.

— Camundongos escorregadios — murmurou o sargento que ia na frente, o olho esquerdo faiscando como uma luz estroboscópica, a pálpebra se movimentando mais depressa do que supostamente podia.

Ele recuou sobre algumas latas de lixo, torcendo para que não houvesse nenhuma velha, cachorro, criança ou bêbado, por trás ou dentro, pois seria atropelado se ali estivesse. Ele tornou a acelerar, a sirene gemendo, avançando implacavelmente. Chegou ao final da viela e tornou a virar à esquerda.

— O pequeno filha da puta... — murmurou o agente Keys para si mesmo. — O filho da puta traiçoeiro...

Podia ver o rosto suave e mentiroso de Elliott. O garoto irá longe na vida com uma cara assim. Sacaneou todo mundo, no último momento, quando já se estava de posse do grande troféu.

— Vire, vire! — gritou ele, conhecendo o percurso, sentindo-o nos dedos.

O motorista deu uma guinada no volante, voltando à rua, no momento em que Tyler e Elliott emergiam da viela.

— Mas que merda! — exclamou Tyler. — Lá estão eles!

O último trecho de rua do percurso, o último quarteirão da cidade antes do bosque, antes da fuga, estava subitamente apinhado, agentes federais nos dois lados, policiais no meio, as portas dos carros se abrindo, os homens saltando.

Elliott voltou na direção da viela. A frente de um carro da polícia apareceu ali, as luzes cintilando.

A rede se fechara, o cerco fora concluído, os meninos estavam completamente acuados. Tyler estava debruçado em sua bicicleta de dez marchas.

— Vamos tentar passar por eles!

Ele foi avançando, com Michael ao seu lado, Elliott logo atrás, as bicicletas aceleradas ao máximo possível. Havia algum espaço, uma pequena passagem entre dois carros estacionados. Tyler apontou, Elliott acenou com a cabeça. Greg e Steve flanqueavam o comboio de bicicletas. A boca de Greg finalmente estava seca, sem saliva pela primeira vez em muitos anos.

— Não vamos conseguir— murmurou ele.

Mas mesmo assim debruçou-se sobre o guidom, desejando que ainda lhe sobrasse uma última bolha de saliva, para soprar na cara dos guardas. Steve mantinha o gorro na cabeça e pensava que, se jogasse a bicicleta em cima de um tira, poderia passar a noite na cadeia.

A falange de bicicletas arremeteu contra a muralha policial. Todas as passagens estavam bloqueadas.

Uma confrontação final, pensou Elliott. Isso é tudo o que podemos oferecer a ele.

E.T. ergueu um dedo e proporcionou um novo ângulo à caçada. As bicicletas se elevaram pelo ar, passando por cima dos carros.

— Essa não! — balbuciou o chefe de polícia, as mãos nos quadris, o quepe empurrado para trás, atordoado.

Cinco bicicletas estavam voando por cima das casas.

Keys sentiu que a barriga lhe caía aos pés, como se tivesse acabado de saltar do alto de um prédio. As bicicletas passaram por cima dos fios telefônicos e sobrevoaram os postes, logo desaparecendo ao crepúsculo, sem deixarem qualquer pista.

E.T. olhou para o terreno lá embaixo. Assim era melhor, uma viagem mais fácil. O coração-luz estava outra vez aceso, brilhando ao crepúsculo, na bicicleta de Elliott.

Uma coruja, que retornara recentemente à sua árvore predileta, despertou de repente, bateu as asas, indolentemente. Estava na hora de procurar a refeição noturna.

A coruja alçou vôo.

Mas o que era aquilo?

Cinco bicicletas voadoras passaram pela coruja, que rolou para trás em pleno ar, o bico batendo nervosamente. O coração-luz

de E.T. atraiu o olhar da coruja. Contemplou o duende espacial, cujos olhos estavam esbugalhados, esquadrinhando a noite.

Os morcegos estão ficando cada vez maiores por aqui, pensou a coruja.

Ou será que fiquei maluca?

As bicicletas já tinham-se afastado, ao crepúsculo cada vez mais escuro. Elliott inclinou sua bicicleta, no padrão que agora já conhecia. Os outros seguiram-no.

— Avisem-me quando tiver terminado — balbuciou Greg, os olhos fechados, a saliva novamente escorrendo.

Ao seu lado, Steve estava agora sem o gorro, os cabelos esvoaçando, completamente eriçados, enquanto ele olhava para o chão lá embaixo. Ah, as irmãs, pensou ele.

Tyler e Michael estavam flanqueando Elliott e E.T., que observava o céu distante, a percepção exterior sondando além das nuvens.

znack zerkle dergggg é você mesmo, meu comandante?

znerkle derggg dergggg

Um rosto telepático apareceu-lhe, o rosto de maior confiança, mais perfeito e sublime, entre todos os veteranos viajantes espaciais. Sorriu, o sorriso mais intenso, depois se foi nas faixas ocultas da descida acelerada.

— A floresta! — gritou Elliott.

As bicicletas fizeram uma curva no céu e os outros puderam vê-la, as colinas ondulantes, as sombras profundas.

Lá embaixo, presa ao solo, mas avançando assim mesmo, Mary manobrava o carro de acordo com as instruções de Lance.

— Vamos pelo aceiro — murmurou Lance, soturnamente.

A maior perseguição de bicicleta de todos os tempos e ele não estava participando. Por quê?

Porque era...

Um chato.

Gertie estava sentada entre os dois, com o gerânio no colo. Mais flores estavam desabrochando, enquanto Mary guiava o carro aos solavancos pelo aceiro.

Lance olhou para as copas escuras das árvores e murmurou:

— Estou recebendo alguns sinais muito fortes. Pare aqui...

Mary parou o carro. Todos saltaram e penetraram pelo bosque. Lance seguia na frente. Mary segurava a mão de Gertie. O avanço deles era lento, o que não acontecia por cima das árvores. Elliott conduziu seu grupo rapidamente ao transmissor oculto.

— Ali....

E.T. apontou o dedo e as bicicletas começaram a descer. Deslizaram suavemente pelo ar, alcançaram a relva, rolaram alguns metros e pararam.

Ulllll-leeple-leep

O transmissor zumbia. Elliott aproximou-se. Subitamente, um fecho de luz arroxeadada envolveu-o. Ele ficou paralisado, olhando para E.T. O velho monstro espacial foi postar-se ao seu lado, sob a luz. Juntos, olharam para cima.

A Grande Nave ali estava, as luzes suaves cintilando. Elliott teve a impressão de que era um enorme ornamento de árvore de Natal que caíra da escuridão. Contemplou o veículo deslumbrante, absorvendo a grandeza de sua força. Era E.T. multiplicado um milhão de vezes, o maior coração-luz que o mundo já vira. Seus mistérios brilharam dentro dele e mensagens de amor e admiração penetraram seu corpo, derretendo ao nada. Ele virou-se para E.T.

Os olhos do viajante espacial haviam-se tornado ainda maiores, impregnados com a visão de sua amada Nave, Rainha da Via-Láctea. As luzes de comando brilhavam em padrões elegantes pelo casco. Podia sentir a mente cósmica lá dentro, em sua forma mais evoluída. Ele olhou para seu amigo, que o ajudara a chamar a Nave através de uma distância incalculável.

— Obrigado; Elliott...

Sua voz tornou-se mais forte, em harmonia crescente com a Nave, definindo padrões cada vez mais elevados de energia.

Prometo não espiar mais por janelas, disse ele à escotilha iluminada.

Mas, nesse momento, ele sentiu outro padrão entrando na clareira. Lá estava a criatura esguia. Ele contemplou-a em silêncio por um longo momento. Gertie correu em sua direção.

— Aqui está sua flor — disse ela, estendendo o gerânio. Ele levantou-a nos braços.

— Seja boa.

Uma sombra moveu-se à beira da clareira e o retinido de chaves povoou a no e. E.T. pôs Gertie no chão rapidamente. Virou-se para Elliott, estendendo a mão.

— Vem?

— Fico — murmurou Elliott.

O viajante espacial abraçou o menino e sentiu a solidão cósmica percorrer-lhe o corpo, tão profunda como jamais sentira. Ele tocou a testa de Elliott e fez o intrincado sinal com as pontas dos dedos, para libertar o menino da narcose das estrelas.

— Estarei bem aqui — disse ele, a ponta do dedo luzindo sobre o peito de Elliott.

Depois, o velho botânico intergalático subiu pela prancha de embarque. A luz interior da Grande Gema brilhava por cima dele. Podia sentir os milhões de circuitos de sua percepção a iluminá-lo,

até que o seu coração, como acontecia com o coração de Elliott, estava repleto... mas não de solidão e sim de amor.

E ele entrou pela luz nebulosa, levando seu gerânio.

Fim.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**